

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Antropologia e Museologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Sandra Simone Moraes de Araújo

Narradores do Sensível – um estudo sobre o imaginário e
a cegueira na cidade do Recife
(versão para quem enxerga)

Fevereiro/2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Antropologia e Museologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Narradores do Sensível – um estudo sobre o imaginário e
a cegueira na cidade do Recife
(versão para quem enxerga)

Tese apresentada pela aluna Sandra Simone Moraes de Araújo à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação da Prof^a Doutora Maria Aparecida Lopes Nogueira, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Antropologia.

Fevereiro/2011

A662n Araújo, Sandra Simone Moraes de
 Narradores do sensível: um estudo sobre o imaginário e a cegueira na cidade do Recife (versão para quem enxerga) / Sandra Simone Moraes de Araújo. – Recife: O autor, 2011.
 186 f. : il. ; 30 cm.

 Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Lopes Nogueira.
 Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2011.
 Inclui bibliografia e anexos.

 1. Antropologia. 2. Imaginário. 3. Memória. 4. Cegueira - Recife (PE). I. Nogueira, Maria Aparecida Lopes (Orientadora). II. Título.

301 (CDD 22.ed.) BCFCH2011-22

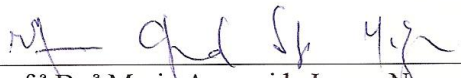
SANDRA SIMONE MORAES DE ARAÚJO

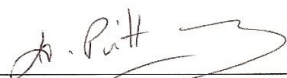
**NARRADORES DO SENSÍVEL – UM ESTUDO SOBRE O IMAGINÁRIO E A
CEGUEIRA NA CIDADE DO RECIFE. (VERSÃO PARA QUEM ENXERGA)**

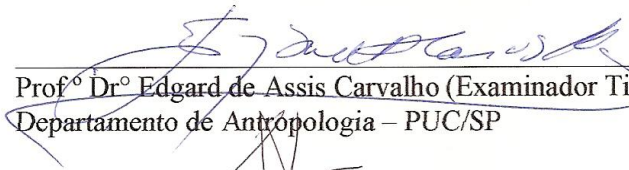
Tese apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Antropologia da
Universidade Federal de Pernambuco como
requisito parcial para a obtenção do título de
Doutora em Antropologia.

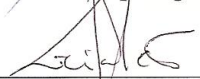
Aprovado em: 21/03/2011.


BANCA EXAMINADORA


Prof^a Dr^a Maria Aparecida Lopes Nogueira (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE


Prof^a Dr^a Danielle Perin Rocha Pitta (Examinadora Titular Interna)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE


Prof^o Dr^o Edgard de Assis Carvalho (Examinador Titular Externo)
Departamento de Antropologia – PUC/SP


Prof^a Dr^a Lúcia Falcão Barbosa (Examinadora Titular Externa)
Departamento de História - UFRPE


Prof^a Dr^a Lisabete Coradini (Examinadora Titular Externa)
Departamento de Antropologia - UFRN

A Tia Zuleide
(*in memoriam*)

Agradecimentos

Sou grata:

A Deus.

À Cida, minha orientadora, que me concedeu o privilégio de compartilhar as alegrias e as angústias no fazer deste trabalho. Sou também grata por sua amizade, zelo, carinho, oportunidades, por me deixar fazer parte da sua vida e por ter conhecido Jarbas, que gentilmente acompanhou a construção desta Tese enviando os recortes de jornais e fazendo suas considerações.

A Messias pelo afeto, pela paciência e por todos os incentivos.

À minha mãe pelo carinho dedicado em todos os momentos da minha vida.

À Maria pelos incentivos e por trazer, para a minha vida, Gabriel e Rafael, sobrinhos queridos.

À Fátima e André pelos carinhos e incentivos.

A Marconi, Lúcia, Natália e Mariana pelos saborosos cafés regionais, amizade e vida familiar.

À Berenice, Marlon, Marcos, Suely, Pedro, Márcio, Lila, Regina, Julinha e Danton pela amizade familiar e afetos.

À Joyce pelo afeto, amizade, solidariedade e pelos momentos de reflexões sobre o meu trabalho.

À Georgia, amiga e irmã pelo carinho, incentivos, pelos momentos de diversão e por ser mãe de Bruninho, sobrinho querido.

À Socorro, amiga e irmã, com quem dividi as alegrias e angústias vividas durante o doutorado. Também por me apresentar a sua família: Rogério, Germana, Rogerinho e Joey, amigos queridos que fazem parte da minha vida.

À Germana que gentilmente fez a tradução do Abstract.

À Rosa pelos lanches, cafés, deliciosos temperos que alimentavam os momentos de estudos quando realizados na companhia de Socorro.

À Graça Costa pela amizade, pelas contribuições nas discussões teóricas durante as reuniões de orientação e por gentilmente fazer a arte da capa deste trabalho.

À Ana Flávia pelo carinho, e pelas contribuições durante as nossas aulas de leitura dirigida.

À Daniela Rodrigues pela atenção e carinho.

À Rosa Maria, Gabriel e Débora, família que também faço parte, e tenho muito afeto.

À Goretti e Jô pela amizade, incentivos e afetos.

À Guiomar pela leitura inicial do projeto que deu origem a esta tese, e pelos incentivos.

À Márcia Prates pelos incentivos para o ingresso no doutorado.

À Marta, Taciana e Livia, família que admiro e tenho o privilégio de compartilhar momentos de afeto e amizade.

À Claudinha, Babi e Nonato pela solidariedade, incentivos e diversão.

À Patrícia, Roberta, Chris e Eliane pela amizade e carinho.

Ao Profº Edgard de Assis Carvalho que gentilmente foi meu supervisor durante o doutorado *sandwich*.

À Profª Danielle Perin pelas reflexões sobre a teoria do imaginário.

À Carmen pelas contribuições teóricas durante nossos estudos das disciplinas do doutorado.

Aos colegas da turma do doutorado 2007 pelos momentos de reflexão durante as aulas.

Aos Professores e Professoras do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE pelas contribuições para minha formação.

À Regina pelo carinho e atenção dedicados ao atendimento na recepção do Programa de Pós-Graduação em Antropologia.

À Ademilda, Ana e Andréa, funcionárias do Programa de Pós-Graduação em Antropologia pela disponibilidade e atenção.

A Antônio Muniz, presidente da Associação Pernambucana de Cegos (APEC), que gentilmente permitiu o meu acesso as atividades dessa instituição.

À Adriana, Viviane, D. Ademilda, funcionárias da APEC pela atenção a mim dedicada.

Aos professores do curso de Tiflogia, Izolda, Alice Gama, Michele Alheiros, Lívia Guedes, Rosângela Torres, Rosa Mattia, Amélia Amaral e Ana Paula Valeriano, pelas contribuições para o aprendizado sobre o universo da cegueira.

Aos colegas de turma do curso de Tiflogia pelos momentos compartilhados.

À Núbia pelo acolhimento nos primeiros dias na APEC e por me iniciar no estudo do Código Braille.

À Ângela Moreira, assistente social da Associação Beneficente dos Cegos do Recife, pela disponibilidade e gentileza ao permitir meu acesso a essa instituição.

À Fátima Marinho que gentilmente me concedeu a oportunidade de participar das aulas de teatro para deficientes visuais no Instituto Antônio Pessoa de Queiroz, Instituto dos Cegos.

À Marijane que gentilmente me recebeu em sua residência e disponibilizou a história da educação da sua filha Jamile.

À Jamile, Michele, Geralda, Ediane, Rosa, Lucinéia, Severino Marques, Marconi, Antônio Sávio, Antônio Muniz, Alexandre, Edson, Sílvia, Paulo Meireles, Cícero, Adriano e Izabel, interlocutores de pesquisa que gentilmente cederam os relatos para realização deste trabalho.

A Paulo Cavalcanti pela gentileza de fazer a tradução do Résumé deste trabalho.

À Karlinha, Alessandra e todos os bolsistas do Núcleo Ariano Suassuna de Estudos Brasileiros (NASEB) pelos incentivos e carinho.

Aos Colegas do Curso de Fotografia, Nando, Jane e Júnior pelos momentos compartilhados.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico pelo financiamento desta pesquisa.

A todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

Aceitar a cegueira é admitir o mundo dos objetos que manifestam sua materialidade por meio das sombras que lhes asseguram uma realidade tangível, para além da transparência absoluta de todo-visível.

Evgen Bavcar

RESUMO

Esta tese teve como objetivo *estudar a relação entre o imaginário e a cegueira, a partir da prática cotidiana dos cegos, na cidade do Recife, de maneira que se possa compreender como estes sujeitos percorrem o trajeto antropológico*. A ideia de realizar um estudo desta natureza partiu da reflexão sobre a teoria do imaginário de Gilbert Durand, que o concebe, como o conjunto de imagens que compõem o capital pensado do *Homo sapiens*, e constitui a essência do espírito, como um esforço do ser humano em contrapor-se ao mundo objetivo da morte. Segundo o autor, na dinâmica do imaginário a essência do espírito impulsiona a capacidade humana de significar, as imagens são elementos organizadores da cultura e por meio delas o homem percorre o trajeto antropológico. Muitas vezes, quando se fala em imagens o pensamento logo conduz para algo que é percebido pelo sentido da visão. De forma muito apressada poderíamos pensar que alguém que não pode enxergar não teria capacidade de compor imagens, nem de compreender os símbolos de sua cultura. Os cegos, principalmente os que são portadores da cegueira congênita, desenvolvem a capacidade de apreender e se relacionar no contexto de sua cultura de maneira diversa do normovisual e de um modo particular percorre o trajeto antropológico. Para esta descoberta, foi utilizado como instrumental de coleta de dados, a observação direta do comportamento, a frequência ao curso de tiflogia, entrevistas semi-estruturadas e a realização de uma oficina de fotografia direcionada para pessoas cegas. Os dados colhidos foram analisados por meio da mitocrítica, tendo como referencial teórico o que Gilbert Durand considera ser o entre saberes; a superação da oposição entre: natureza/cultura, cegueira/visão, etc. A partir da pesquisa foi possível observar que nas relações do cotidiano, dessa cidade, as pessoas cegas ainda são excluídas, e para viver nesse lugar criam táticas, subvertem os obstáculos e se organizam em instituições para reivindicarem melhorias na qualidade de vida. Atualmente a resistência das lutas em prol dessas melhorias, vem provocando, lentamente, modificações na cidade do Recife, criando pequenos oásis de acessibilidade, embora as mudanças ainda não contemplem todas as prerrogativas da legislação vigente destinada a pessoas com deficiência.

Palavras-chave: Imaginário, Cegos, Cidade, Recife.

ABSTRACT

This research has as objective to study the relationship between the imaginary and blindness from the daily practice of blind people in the city of Recife, in a way that makes possible understand how this people walks the antropological path. The idea of conducting a study of this nature came from reflection on the theory of the Imaginary by Gilbert Durand, who conceives it as a set of images that make up the capital of Homo sapiens thought, and constitutes the essence of the spirit, as an effort to be human counter the objective world of death. According to the author, in the dynamics of the imagination the essence of the spirit drives the human capacity of signify, the images are organizational elements of culture and through them man travels the path of anthropology. Many times when treats about images the mind quickly conducts for something that is realized by the visual sensation. In a very rushed way, we could believe that someone who isn't able to see would not have the capacity to create images, nor comprehend the symbols of the own culture. Blind people, especially those who suffer from congenital blindness, develop the ability to learn and relate in the context of their culture differently from sighted and a particular way through the path of anthropology. For this discovery, was used as an instrument for data collection, direct observation of behavior, attending tiflologia course, semi-structured interviews and conducting a photography workshop targeted to blind people. The collected data were analyzed by Mythcritic, taking as theoretical point of view what Gilbert Durand considers being the between knowledges, the overcoming of the opposition: nature / culture, blindness / vision, etc.. From the research was also possible observe that in the daily relations of Recife, blind people are still excluded, and to live in this place create tactics, subvert obstacles and organize themselves in institutions to demand improvements in quality of life. Today's resistance struggles for these improvements has, slowly, led to changes in this city, creating small oasis of affordability, although changes still do not contemplate all the prerogatives of legislation for people with disabilities.

Keywords: Imaginary, Blind, City, Recife.

RESUMÉ

Cette thèse vise à étudier la relation entre l'imaginaire et la cécité de la pratique quotidienne des personnes aveugles dans la ville de Recife, afin qu'ils puissent comprendre comment ces gars Voyage le chemin de l'anthropologie. L'idée de mener une étude de cette nature est venu d'une réflexion sur la théorie de l'imaginaire par Gilbert Durand, qui conçoit, comme l'ensemble des images qui composent le capital de la pensée Homo sapiens, et constitue l'essence de l'esprit, comme un effort pour être l'homme contre le monde objectif de la mort. Selon l'auteur, la dynamique de l'imagination de l'essence de l'esprit renforce la capacité de la signification de l'homme, les images sont des éléments d'organisation de la culture et à travers eux l'homme parcourt le chemin de l'anthropologie. Souvent, quand il s'agit de penser dès image mène à quelque chose qui est perçu par le sens de la vue. Très à la hâte pourrait penser que quelqu'un qui ne peuvent pas voir ne serait pas en mesure de composer des images, ni de comprendre les symboles de leur culture. Les personnes aveugles, en particulier ceux qui sont atteints de cécité congénitale, de développer la capacité de saisir et de se situer dans le contexte de leur culture différente de vue et d'une manière particulière par la voie de l'anthropologie. Pour cette découverte, a été utilisé comme un instrument de collecte de données, l'observation directe du comportement, participation à des cours tiflogia, entrevues semi-structurées et tenue d'un atelier de photographie destinés aux personnes aveugles. Les données recueillies ont été analysées par Mythcritic, prenant la théoriques Gilbert Durand croit que d'être entre les connaissances, surmonter l'opposition de: nature / culture, la cécité ou la vision, etc. D'après les recherches, nous avons observé que les relations quotidiennes, cette ville, les personnes aveugles sont encore exclus, et de vivre dans ce lieu de créer des tactiques, des obstacles et de renverser les institutions sont organisées à la demande des améliorations dans la qualité de vie. Aujourd'hui la résistance des luttes de ces améliorations, a conduit, lentement, les changements de Recife, la création de petites oasis de l'abordabilité, même si les changements n'ont pas encore l'adresse de toutes les prérogatives de la législation pour les personnes handicapées.

Mots-clés: l'imaginaire, les aveugles, la ville, Recife.

Lista de Ilustrações

Figura 01 – Mapa do Recife	68
Figura 02 – Mapa das principais ruas do Recife citadas pelos interlocutores de pesquisa.....	69
Figura 03 – Cartão Postal do Recife.....	74
Figura 04 - Palafitas – bairro dos Coelhos – Recife.....	75
Figura 05 - Edificações residenciais – margem do Rio Capibaribe – bairro da Torre.....	75
Figura 06 - Casarios Antigos da Rua da Aurora.....	76
Figura 07 - Praia da Boa Viagem – Recife.....	78
Figura 08 - Pescador, baiteiras e tarrafa – Rio Capibaribe- Centro do Recife.....	78
Figura 09 – Rua Marquês de Olinda – Bairro do Recife – Presença de Calçadas no século XX.....	83
Figura 10 – Rua 1º de Março – Recife no Início do século XX.....	83
Figura 11 – Calçada Mosaico Português	85
Figura 12 - Calçada de Blocos Intertravados de Concreto – Oásis de Acessibilidade – Rua da Aurora Centro do Recife.....	85
Figura 13 – Calçada de Cerâmica Concreto – Deserto de Acessibilidade – Rua da Aurora – Centro do Recife.....	86
Figura 14 – Calçada Rua da Imperatriz – Centro do Recife.....	86
Figura 15 - Ponte Duarte Coelho e o Espelho D’ Água do Recife.....	89

Figura 16 - Ponte Boa Vista e o Espelho D' Água do Recife.....	89
Figura 17 - Espelho D' Água – Bairro do Recife.....	90
Figura 18 - Enigmas da Cidade – Calçada Rua Sete de Setembro.....	94
Figura 19 - Enigmas da Cidade – Calçada Rua da União.....	94
Figura 20 - Enigmas da Cidade – Estrada de Belém.....	95
Figura 21 - Enigmas da Cidade – Parada de ônibus próximo ao Instituto dos Cegos.....	95
Figura 22- Folder Acessível - Museu da Bíblia Barueri – SP.....	124
Figura 23 - Folder Acessível - Espaço Cultural Contemporâneo – São Paulo.....	125
Figura 24 - Antônio Fofografando.....	128
Figura 25 - Fotografia feita por Antônio - 1ª Tentativa.....	128
Figura 26 - Fotografia feita por Antônio - 3ª Tentativa.....	129
Figura 27 - Edson Fografando.....	130
Figura 28 - Fotografia feita por Edson - 1ª Tentativa.....	130
Figura 29 - Fotografia feita por Edson - 4ª Tentativa.....	131
Figura 30 - Fotografia feita por Sílvia - 1ª Tentativa.....	134
Figura 31 - Fotografia feita por Sílvia - 2ª Tentativa.....	134
Figura 32 - Figura 28 –Fotografia feita por Sílvia - 2ª Tentativa.....	135
Figura 33 - Fotografia feita por Sílvia - 2ª Tentativa.....	135

SUMÁRIO

Introdução	16
1. O Itinerário de Pesquisa.....	17
2. As bifurcações – percurso educativo e entrevistas.	21
Capítulo I - Sobre a Cegueira.....	25
1. Entre natureza e cultura.....	26
2. A Cegueira enquanto deficiência e os vieses de intolerância	44
3. Controvérsias: o visível e o invisível.....	54
Capítulo II - Cartografia do Sensível: Narrativas sobre o Recife	67
1. Itinerários da memória: Reflexões sobre a cidade	70
2. Sobre desertos e oásis: o Recife de nosso tempo	80
3. Maneiras de Praticar a Cidade.....	110
Capítulo III - Algumas considerações sobre o belo e o feio na perspectiva dos narradores sensíveis.....	118
1 - Sentir com os sentidos.....	119
2. Cegueira e as expressões da arte	121
3. Os ouvidos do coração e o Narciso sem espelho: múltiplas percepções do feio e do belo.....	138
Considerações Finais	156
BIBLIOGRAFIA	163
Anexos.....	173
Tabela 1- Perfil dos Interlocutores de Pesquisa.....	174
Tabela 2 -Leis e Decretos em Favor da Pessoa com Deficiência.....	176
Algumas Matérias e Fotos.....	179



INTRODUÇÃO

1. O ITINERÁRIO DE PESQUISA

Esta tese tem como objetivo estudar a relação entre o imaginário e a cegueira, a partir da prática cotidiana dos cegos na cidade do Recife, de maneira que se possa compreender como estes sujeitos percorrem o trajeto antropológico.

A ideia de realizar um estudo desta natureza partiu da reflexão sobre a teoria do imaginário de Gilbert Durand, que o concebe, como o conjunto de imagens que compõem o capital pensado do *Homo sapiens*, e constitui a essência do espírito, como um esforço do ser humano em contrapor-se ao mundo objetivo da morte.

Segundo o autor, na dinâmica do imaginário a essência do espírito impulsiona a capacidade humana de significar, as imagens são elementos organizadores da cultura e por meio delas o homem percorre o trajeto antropológico¹, pois,

o imaginário não é mais que este trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito, e no qual reciprocamente, como provou Piaget, as representações subjetivas se explicam pelas acomodações anteriores do sujeito ao meio objetivo (DURAND: 1997, 41)

O imaginário pode ser considerado como essência do espírito, à medida que o “ato de criação (tanto artístico, como o de tornar algo significativo), é o impulso oriundo do ser (individual ou coletivo) completo (corpo, alma, sentimentos, sensibilidade, emoções...), é a raiz de tudo aquilo que para o homem existe” (PITTA: 2005, 15)

É na relação do sujeito com o meio, que os sentidos, a linguagem e as imagens, possibilitam a apreensão das formas, das cores, dos sons e cheiros, enfim, da sensibilidade. É no contato com as coisas do mundo, que o homem desenvolve sua capacidade de transformar, inventar, imaginar e

¹Trajetos Antropológicos, ou seja, a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social. (DURAND 1997,41)

produzir cultura. Segundo Edgar Morin

(...) a cultura, que caracteriza as sociedades humanas, é organizada/organizadora via veículo cognitivo da linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das competências aprendidas, das experiências vividas, das memórias históricas, das crenças míticas de uma sociedade. (MORIN: 2005, 19)

Na cultura se desenvolve a dinâmica das relações dos indivíduos entre si e com a natureza. Nesta dinâmica, de acordo com Durand (1997), encontra-se o símbolo como a expressão do imaginário, constituindo-se em imagens que na interação entre os sujeitos ganha significado.

Quando se fala em imagens o pensamento logo conduz para algo que é percebido pelo sentido da visão. De uma forma muito apressada poderíamos pensar que alguém que não pode enxergar não teria capacidade de compor imagens, nem de compreender os símbolos de sua cultura. No entanto, compreender a imaginação como uma capacidade do espírito humano, é reconhecer que mesmo sem a visão o indivíduo pode imaginar e significar. Assim, é nesta perspectiva epistemológica que encontrei o fundamento teórico para esta pesquisa.

A cegueira, a cidade, a percepção, a memória e o imaginário são as categorias principais que norteiam esta tese. Para Durand (2006) estes conceitos são formulados no que se denomina de Entre Saberes; ou seja, na superação de oposições como: natureza/cultura, cegueira/visão, objetivo/subjetivo. Os elementos formadores desses pares de opostos se relacionam de forma tensional, pois são ao mesmo tempo complementares e antagônicos, se retroalimentam da religação², pondo em evidência a interdisciplinaridade no processo de construção do conhecimento. Boaventura Santos também aponta para esta ideia ao salientar que “a fragmentação pós-moderna não é disciplinar e sim temática. Os temas são galerias onde os conhecimentos progridem ao encontro uns dos outros.” (SANTOS: 1985/86, 17)

² O ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo, racional; por isso para compreendê-lo, é necessário realizar o entrecruzamento de diferentes saberes.

Tendo por base essas premissas, adotei nessa tese o caminho da religação, por isso dialoguei com diferentes áreas do conhecimento: na neurociência, por meio dos autores Oliver Sacks, Gazzaniga, Ivry e Mangun; na biologia, com as contribuições de Humberto Maturana e Francisco Varela; na filosofia, com Gaston Bachelard, Maurice Merleau-Ponty, Michel Serres e Umberto Eco; na literatura com as obras de José Saramago, Herbert Wells, Jorge Luís Borges, Helen Keller, Vitor Hugo e Italo Calvino; nas concepções sobre a cidade, de Antônio Paulo Rezende, Maria Aparecida Lopes Nogueira, Massimo Canevacci, Michel de Certeau, Georg Simmel, Michel Maffesoli, Josué de Castro e Milton Santos; na compreensão sobre a memória com Eclea Bosi e Henri Bergson. Esses autores interagem com a Antropologia, principalmente com a teoria de Gilbert Durand. Nesse percurso também dialoguei com os mitos, pois, acredito que essas narrativas falam profundamente sobre a condição humana; a exemplo dos mitos dos orixás, os greco-romanos, os nórdicos e os do cristianismo.

O cinema também foi uma importante ferramenta para esse estudo. Documentários como a *“Janela da Alma”*, *“A Pessoa é para o que Nasce”*, e o longa metragem *“A Primeira Vista”*, são alguns exemplos. As matérias de telejornais e periódicos também fizeram parte deste universo.

Esse itinerário teórico que aos poucos foi se construindo, possibilitou a compreensão da cegueira na sua dimensão biológica, social e cultural. Mas para estudar a relação entre o imaginário e a cegueira, a partir da prática cotidiana dos cegos, na cidade do Recife, tal itinerário ultrapassou a pesquisa bibliográfica e dialogou com o empírico, por meio da observação direta das relações que se estabelecem no cotidiano. Foi um processo de entrecruzamento do que se lê com o que se vivencia, de idas e vindas, pois de acordo com Marc Augé, no contexto de uma pesquisa, falar de “itinerário significa falar de partida, da estadia e do retorno, mesmo que se deva entender que houve várias partidas, que a estadia foi viagem também e o retorno nunca foi definitivo” (1999, p.12).

É neste caráter dinâmico que compreendo o trabalho de campo. Ele não começa quando chegamos ao lugar aonde se desenvolverá o contato com os interlocutores de pesquisa, e nem termina quando vamos embora, não

percebo a pesquisa como uma linearidade em que há o momento da leitura, de entrar e sair do campo, e o momento seguinte iniciar a escrita; esses instantes se retroalimentam.

A cidade do Recife³ se constituiu no *locus* privilegiado para a realização do trabalho de campo, embora essa cidade seja um lugar conhecido porque nela nasci e resido, é ao mesmo tempo estranho quando reconheço que ela é constituída por múltiplas cidades; verdadeiros fragmentos que se compõem a partir das relações dos diferentes grupos que nela convivem. São nesses fragmentos que destaco a alteridade, e concordo com Lévi-Strauss quando afirma “que enquanto as maneiras de ser ou de agir de certos homens forem problemas para outros homens, haverá lugar para uma reflexão sobre essas diferenças, que, de forma sempre renovada, continuará a ser da antropologia.” (LÉVI-STRAUSS apud OLIVEIRA: 1998, 55).

O entendimento da diferença enquanto foco da pesquisa antropológica promove o deslocamento do olhar do plano do objeto concreto para o plano da modalidade de conhecimento, ou seja, transporta-se para um plano epistemológico. Assim, não são somente as aldeias longínquas, ou simplesmente o exotismo que constituem tal foco, mas também as questões que promovem a diferença, não importa se esta diferença se manifesta próxima ou distante.

A aproximação com os sujeitos de pesquisa teve início com a frequência à Associação Pernambucana de Cegos (APEC), uma instituição sem fins lucrativos que funciona no Recife desde 1983, com a missão de “lutar pela garantia dos direitos das pessoas com deficiência, particularmente cegos e com baixa visão.”⁴ Nessa instituição além de entrar em contato com pessoas cegas também iniciei um percurso educativo para

³ Segundo dados do último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE - são 147.001 pessoas com deficiência visual residentes nesta cidade, correspondendo a 10,33% da sua população. Mas é importante salientar que devido ao fato do Recife ser a capital do Estado e oferecer maior diversidade de serviços, recebe pessoas provenientes da Região Metropolitana e do Interior, o que amplia a quantidade de portadores de deficiência que transitam pelas ruas da cidade.

⁴ <http://www.apecnet.com.br>

aprender um pouco mais sobre a cegueira, por isso durante seis meses fui aluna do curso de tiflogia.

2. AS BIFURCAÇÕES – PERCURSO EDUCATIVO E ENTREVISTAS.

No período de março a agosto de 2009 frequentei as aulas do curso de *Tiflogia com Habilitação para Professor Brailista*. É um tipo de formação oferecido pela APEC para pessoas interessadas em aprender a lidar com deficientes visuais, como também profissionalizar-se na área de educação especial. A grade curricular abrange o seguinte conteúdo: introdução à tiflogia, estimulação essencial, baixa visão, orientação e mobilidade, sistema *braille*, áudiodescrição, informática e matemática aplicadas à pessoa cega.

A didática utilizada contempla aulas teóricas e práticas. Aqui destaco, em especial, a experiência vivida na disciplina Orientação e Mobilidade (O.M), uma técnica desenvolvida nos Estados Unidos no final da segunda guerra mundial, com o propósito de atender as necessidades de soldados que perderam a visão durante o conflito. No Brasil essa técnica começou a ser estudada em 1955, quatro anos mais tarde foi iniciado o primeiro curso para treinamento de instrutores de O.M. Mesmo com tantos anos de história e sendo uma importante contribuição para a autonomia da pessoa cega, no Recife poucos são os profissionais habilitados nas instituições que desenvolvem este trabalho, o que obriga muitos deficientes visuais a ficarem em fila de espera.

O conteúdo vivenciado durante essa disciplina foi direcionado para a prática em conduzir e ensinar pessoas com deficiência visual a desenvolver sua autonomia de locomoção em locais públicos (internos como auditórios, edifícios, centro de compras; e externos como ruas, transporte particular ou coletivo). Nesse processo de aprendizado todos os alunos foram convidados a se locomover sem o uso da visão. Começamos pelo pátio da APEC, ora sendo guia, ora tendo os olhos vendados. Sentimentos múltiplos afloraram nesta prática. A princípio percebi o quanto é difícil abandonar a visão e se orientar pelos outros sentidos, tive a impressão de estar caminhando no vazio;

mesmo orientada por outra pessoa, o medo de cair ou de me acidentar, me acompanhou durante o exercício.

Foram momentos de vertigens, que me permitiram um contato mais próximo com o universo do Outro, com a pretensão de conhecer seus mistérios, sua ordem, seu caos. Penso que uma vivência desse tipo possibilita a mudança na compreensão daquilo que está a nossa volta, favorecendo múltiplas maneiras de reconhecer um lugar, neste caso o Recife. Paulo Cezar Lopes afirma que “cada experiência de olhar é um limite, a gente não conhece as coisas como elas são. Elas são só mediadas pela nossa experiência⁵”. Por isso, não bastou observar apenas o campo e realizar entrevistas, necessitei apreender os saberes e fazeres desse Outro.

Após as experiências vivenciadas na disciplina de O.M, estudei o sistema *braille* de escrita e leitura e também conheci a áudiodescrição, a informática e a matemática destinadas ao aprendizado das pessoas cegas. Esse percurso educativo favoreceu uma maior aproximação dos conteúdos da tiflogia e auxiliou na construção do roteiro de entrevistas que realizei com deficientes visuais que frequentam a APEC, a Associação Beneficente dos Cegos do Recife (ASSOBECER), o Instituto Antonio Pessoa de Queiroz⁶ (IAPQ), e outros que conheci por meio de indicações de amigos.

Também fizeram parte do itinerário da pesquisa as experiências vividas durante o doutorado *sandwich* realizado na PUC/SP, sob a orientação do Professor Dr. Edgard de Assis Carvalho. Lá tive oportunidade de conhecer a Fundação Dorina Nowill para Cegos, o Instituto de Cegos Padre Chico e a Biblioteca Louis Braille do Centro Cultural São Paulo. O contato com essas instituições contribuiu para ampliar meu conhecimento sobre a cegueira e os mecanismos que viabilizam a inclusão social de pessoas cegas.

Andar pela cidade de São Paulo também foi um exercício de coleta de dados, uma vez que me possibilitou observar como esta cidade, por meio de pequenas iniciativas, já apresenta maiores cuidados com os deficientes

⁵ Em depoimento no documentário Janela da Alma dos diretores João Jardim e Walter Carvalho.

⁶ Instituto dos Cegos do Recife.

visuais que circulam por suas ruas, a exemplo de placas de trânsito disponibilizadas em trechos de maior circulação deste público, geralmente fixadas nos arredores das instituições que trabalham com o tema da cegueira.

Com o conhecimento adquirido no curso de tiflogia, da observação direta do comportamento, das entrevistas e das leituras, resolvi oferecer uma oficina de fotografia para pessoas cegas, investindo em mais um instrumento de coleta de dados. Esta oficina me ajudou a perceber como os interlocutores de pesquisa, sem o uso da visão acessam, através dos diferentes sentidos do corpo, as informações que os cercam e as imagens que formam sobre elas.

Os dados colhidos durante a pesquisa foram analisados a partir da mitocrítica, método da antropologia do imaginário que segundo Pitta:

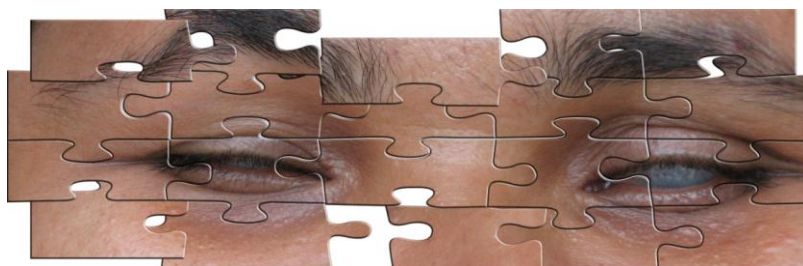
(...) centra o processo compreensivo sobre o relato mítico inerente ao significado de todo relato. A mitocrítica considera que: estruturas, histórias ou meio sócio-histórico, assim como o aparelho psíquico, são indissociáveis e fundam o conjunto compreensivo ou significativo da obra de arte e, especialmente, do relato literário. (1995, 61)

A queda, a água, o monstro e o refúgio, foram as principais imagens que apareceram nas narrativas dos interlocutores de pesquisa sobre a cidade do Recife. Esses temas/imagens atravessam os três capítulos que compõem este estudo. No primeiro, o leitor encontrará a reflexão sobre a cegueira nos entrecruzamentos natureza e cultura, mito e ciência e na literatura, bem como o universo da cegueira na sociedade contemporânea, na qual a maioria das relações do cotidiano é forjada pela primazia da comunicação visual.

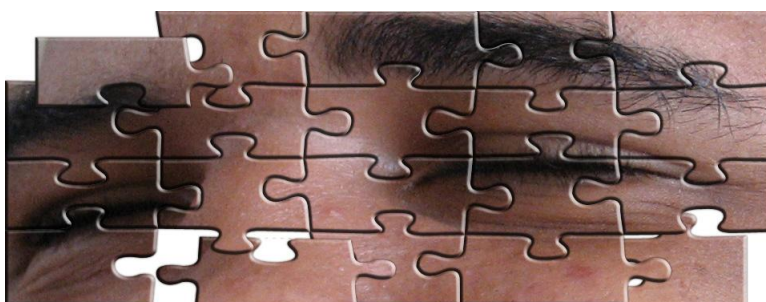
O segundo capítulo se volta para as narrativas dos interlocutores de pesquisa sobre a cidade do Recife, evidenciando os enigmas, os monstros os refúgios e as estratégias que utilizam para viver numa cidade que não é pensada para a pessoa cega. É importante salientar que no decorrer do texto há uma variância do uso dos termos “pessoas cegas” e “deficientes visuais” que aqui são utilizados como sinônimos; trata-se de um artifício do qual

lanço mão para facilitar a construção do texto.

No terceiro capítulo o leitor encontrará relatos sobre o belo e o feio na percepção das pessoas cegas, enfatizando a acessibilidade às diferentes expressões da arte, à beleza interior e exterior dos indivíduos e de si mesmo, bem como o belo da natureza. Por fim, apresento as considerações finais.



CAPÍTULO I SOBRE A CEGUEIRA



Desde que nascemos até que morremos mudamos de alma lentamente, como do corpo. Arranja meio de tornar rápida essa mudança, como com certas doenças, ou certas convalescenças, rapidamente o corpo se nos muda⁷.

Fernando Pessoa

1. ENTRE NATUREZA E CULTURA

A sala da Casa de tia Zuleide era um lugar onde geralmente aos domingos nos encontrávamos para celebrarmos a amizade familiar. Tios, primos, irmãos, pais, todos faziam eco das gargalhadas, trocávamos brincadeiras, às vezes confidências, fofocas e carinhos. Mas foi numa manhã de 1993 que os risos calaram-se e uma intensa preocupação tomou conta de todo o espaço. Recebíamos a notícia que o tratamento do glaucoma que tia Zuleide fazia há algum tempo não estava mais surtindo efeito, e pouco a pouco a cegueira ia tomar conta de seus olhos. Foi a primeira vez que percebi, com maior veemência, que uma palavra é capaz de mudar a vida das pessoas. Ela foi a mensageira da notícia naquele domingo, e transformou os risos decorrentes do prazer do encontro em profundas preocupações.

As dificuldades para quem tão tardiamente deixa de enxergar são imensas, mas aos poucos tia Zuleide foi aprendendo a lidar e a reconhecer

⁷ PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. São Paulo, Companhia das Letras. 2006. p.290.

as coisas do mundo, por meio dos demais órgãos dos sentidos. Mas em um dia de agosto de 1999, seus olhos que não mais enxergavam também deixaram de se abrir, e o som, o cheiro, o toque e o movimento abandonaram o seu corpo.

Hoje reconheço que a história de tia Zuleide trouxe a temática da cegueira para a minha vida. Esta história também expressa as ideias de Lévi-Strauss (1997) sobre a existência de múltiplos sentidos em cada palavra. Em se tratando do universo da tiflose os significados vão do biológico ao cultural; envolvem metáforas, narrativas míticas, etc.

A cegueira, ou a tiflose, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) é uma “acuidade visual igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com melhor correção óptica” (LIMA et al 2008, p.07). Pode ser congênita ou adquirida, em consequência de diversas doenças como: glaucoma, retinose pigmentar, catarata congênita, dentre outras. Mas também, ocorre como resultado de lesões sofridas, tanto nas vias ópticas que interligam os estímulos percebidos pelos olhos ao sistema nervoso, quanto nas áreas do cérebro responsáveis pela visão, ocasionando a chamada cegueira cortical⁸.

No dicionário *Houaiss da Língua Portuguesa*, embora se encontre a definição de cegueira como privação do sentido da visão, este termo também é sinônimo de: “falta de lucidez ou sensatez; extrema afeição, paixão; e deslumbramento, fanatismo.”⁹ Tais definições ampliam o sentido da palavra, deixando apenas de designar um aspecto biológico, passando, também, a ser utilizada como metáfora.

Mas, é importante salientar que todos os sentidos metafóricos ou não, são forjados pelo imbricamento natureza e cultura que envolve:

⁸ A cegueira cortical ocorre quando pessoas deixam de enxergar por causa de danos no cérebro. TN (iniciais do paciente) sofreu “dois acidentes vasculares cerebrais que danificaram a área traseira do cérebro chamada córtex visual primário. Seus olhos continuam saudáveis, mas, como seu córtex visual não recebe mais os sinais enviados, TN ficou completamente cego”. No entanto, um vídeo gravado por pesquisadores o mostra caminhando “por um longo corredor repleto de caixas, cadeiras, artigos de escritório espalhados (...) ele não sabe que os obstáculos estão lá, mas mesmo assim se desvia de todos (...). TN não pode enxergar, mas ele tem a **visão cega** – a notável capacidade de responder ao que seus olhos detectam sem saber que pode ver alguma coisa”. (GELDER, Beatrice de. A Estranha Visão dos Cegos in **Scientific American Brasil**. Ano 8. nº 97. Duetto. Junho. 2010. p 62- 67.

⁹<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=cegueira&stype=k&x=14&y=8>

literatura, mito, história, ciência, religião, etc. Expressões como: o pior cego é aquele que não quer ver, nó cego, o amor é cego, a cegueira do conhecimento; refletem a forma como encaramos a tifoide e, conseqüentemente, os significados atribuídos a ela.

Na literatura, que aborda o tema da cegueira, três autores me chamam a atenção: O primeiro é José Saramago em *Ensaio Sobre a Cegueira*. Uma cidade padece com uma epidemia que deixa toda população cega. Se antes da enfermidade, o cotidiano desse lugar se organiza pela primazia do sentido da visão, sem esta, seus habitantes necessitam reaprender a viver sem usar os olhos. Sentimentos se misturam diante do susto provocado pela treva branca: medo, violência, mesquinhez, solidariedade e amor, envolvem os personagens que vagam de cá para lá e se abrigam em lojas, armazéns, porque dificilmente encontram suas residências. O lixo e excrementos aumentam pelas ruas, a energia elétrica deixa de funcionar, há escassez de água e comida. Neste cenário afloram os instintos de sobrevivência, mas ao mesmo tempo os personagens empreitam uma jornada para “recompôr suas vidas, entender os novos significados. Sem os olhos, talvez a humanidade possa perceber os desastres que causaram a si mesma. Segundo Saramago “Somos cegos pela razão porque a usamos para destruir a vida em todos os planos, não para expandi-la¹⁰”.

O segundo autor é Herbert Wells. Em *A Terra dos Cegos*, descreve um lugar imaginado situado a trezentas milhas ou mais de Chimboraza, nas regiões mais selvagens dos Andes. Lá, embora toda a população seja cega, há um campina onde se planta e se colhe o alimento que abastece a cidadela. As correntes de irrigação correm morro abaixo e se juntam a um “canal principal cercado de cada lado por um muro a altura do peito.” (2004, p. 499). As ruas são pavimentadas com pedras pretas e brancas, são extremamente limpas. Um visitante que chega a este lugar estranha; seus habitantes largam o trabalho ao amanhecer e o descanso termina no por do

¹⁰FOLHA.COM. **Leia trechos da sabatina de José Saramago à Folha em 2008.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/753137-leia-trechos-da-sabatina-de-jose-saramago-a-folha-em-2008.shtml> acesso em 06/011/02010.

sol. Lá, as crianças já nascem cegas e no vocabulário desta cidadela não existe a palavra ver.

O terceiro autor é Jorge Luís Borges, que do mesmo modo que tia Zuleide, foi deixando de enxergar gradativamente, no intervalo entre 1927 a 1950. Portador de uma doença hereditária submeteu-se a oito cirurgias nos olhos, mas mesmo assim, os procedimentos da medicina não impediram que sentisse uma névoa cair sobre si e se interpor “entre ele e a página que devia escrever ou o livro que tratava de ler. As letras formigavam e pululavam; os rostos, os rostos familiares, iam diluindo-se; as coisas e os homens foram deixando-o” (BORGES: 1970, 57). Estava diante do fim do ser humano que aprendeu a lidar com as coisas do mundo por meio da visão. Agora precisava se reinventar:

Uma consequência perceptível de minha cegueira foi meu abandono gradual do verso livre em favor da métrica clássica. Na verdade, a cegueira me fez retomar de novo a poesia. Já que rascunhos me eram negados, tive de recorrer à memória. É obviamente mais fácil lembrar o verso do que a prosa e lembrar às formas regulares de verso de preferência às livres. O verso regular por assim dizer é portátil. (ibid, p.114).

Seus versos também são mensageiros de sentimentos diante da cegueira:

(...)
Demócrito de Abdera arrancou-se os olhos para pensar;
o tempo foi meu Demócrito.
Esta penumbra é lenta e não dói;
flui por um manso declive
e se parece à eternidade.
Meus amigos não têm rosto,
as mulheres são o que foram faz já tantos anos,
as esquinas podem ser outras,
não há letras nas páginas dos livros.
Tudo isto deveria atemorizar-me,
Mas é uma doçura, um regresso.¹¹

Para Borges a cegueira não é uma desgraça e não deve ser percebida como algo comovente, mas como um modo de vida, uma

¹¹ BORGES, Jorge Luís. Elogio da Sombra in **Elogio a Sombra**. 4ª Ed. Globo. Rio de Janeiro 1970. p. 61.

experiência do ser humano (2009, p. 149). No entanto, deixar de enxergar na vida adulta é difícil e doloroso porque exige um novo aprendizado para lidar com as práticas da vida diária. Mesmo assim mantém-se esperançoso: “digo que quando algo termina, devemos pensar que algo começa. O conselho é salutar, mas é de difícil execução, já que sabemos o que perdemos não o que ganhamos” (ibid, p. 145).

Do mesmo modo que Borges, dois interlocutores da pesquisa que desenvolvi, ficaram cegos na idade adulta. Geralda e Antônio não se acomodaram com o advento da cegueira, aventuraram-se ao desconhecido, na tentativa de recomeçar. Conheci-os quando comecei a frequentar a Associação Pernambucana de Cegos (APEC). Com eles, além das entrevistas, compartilhei momentos de aprendizado do Sistema Braille. Geralda, 49 anos. Aos 18 deixou de enxergar pelo olho esquerdo e aos 36 ficou cega total:

Eu tinha glaucoma, eu senti uma dor muito forte e comecei a fazer tratamento e em seguida o médico resolveu fazer a cirurgia, mas ele errou, era para fazer o direito e ele fez o esquerdo. Eu tinha 18 anos, aí perdi a visão da esquerda. Naquele momento eu fiquei muito triste porque fiquei cega de um olho. Na época eu era costureira, eu tenho diploma como costureira e fiquei só enxergando por um olho, mas mesmo assim continuei costurando, fazia tudo. Quando eu perdi a segunda visão, que é a do olho direito, foi um ladrão que entrou na minha casa seis horas da manhã, enquanto meu filho foi comprar o pão, eu falei: feche a porta e leve a chave, mas ele deixou a porta encostada. Eu estava tomando banho para ir ao oculista, aí foi quando o ladrão entrou em minha casa e eu tive um susto, eu ia saindo do banheiro de toalha e ouvi tudo batendo dentro de casa quebrando. Que quando eu saí vi o cara na minha frente, eu desmorenei, fazia dois dias que um ladrão tinha entrado na casa de uma velhinha com 80 anos, a estupraram, mataram e roubaram. Aí passou isso na minha mente que ele ia fazer isso comigo. Aí o medo que eu tive, depois fiquei sabendo que a pressão ocular subiu tanto que eu perdi o resto que tinha na hora. Eu tinha uns 36 anos na época. Eu fui encarando a vida, na época que eu ceguei eu estava com meu filho e se não me engano, ele estava com 13 anos. Logo no início, eu passei um ano e meio e ele cuidou de mim. Depois de um ano e meio, eu ouvi no rádio que existia escola para cego, eu saí com ele pela cidade, e eu falava: olhe quando você encontrar um cego me avise. E ele quando encontrou disse: Mainha! Mainha! encontrei. Eu pedi para ele parar e perguntar se existe a escola para cego e onde é o endereço, mas eu não consegui ir. Mas um dia eu estava escutando o rádio e ouvi: a Associação não sei que, tem vaga

para cego e dizia: olhe venha rápido porque está fechando a matrícula. Só que eu não ouvi o endereço, então fui andando pela cidade e cheguei nos Correios e me informaram que tem uma lá junto da ponte da Capunga. Era o Cecosne, mas hoje não tem mais atividade. A APEC que era lá. Então eu consegui chegar até lá, lá me ensinaram a chegar na Torre que a APEC já estava na Torre. Era Andréa que andava comigo, eu dizia: Eu não posso lhe pagar, mas eu lhe ajudo, eu pagava o lanche, pagava a passagem dela e ela vinha me trazer nos dias marcados. Depois a minha filha voltou de São Paulo. Com a convivência eu fui aprendendo com ela, e ela aprendendo comigo. Depois eu já sabia fazer as coisas, aí depois ela foi para Surubim porque arranhou um trabalho lá e ficou até hoje porque também se casou. Hoje eu moro sozinha. Eu tive alguém, já fazia cinco anos que morava com ele quando perdi a visão, ele disse que não ficaria mais comigo, que eu não via mais; a coisa mudou de figura, eu fiquei muito triste, muito abalada, mas depois acostumei. Hoje eu estudo Braille e sou segunda tesoureira da Associação Beneficente dos Cegos do Recife e no Instituto dos Cegos eu faço cursos de bijuterias. Vendo Avon e Natura.

Antônio atualmente com 43 anos, há mais ou menos 13 anos atrás descobriu que estava com retinopatia pigmentar e desde então, sua capacidade visual foi diminuindo. Atualmente, apenas diferencia claro, escuro e formas de objetos. Como nasceu com visão normal, estudou, se graduou em matemática, e durante muito tempo lecionou esta disciplina. Foi aposentado devido ao avanço da degeneração das duas retinas, provocada pela doença.

Na verdade, descobri que tinha retinose pigmentar em 1993, mas não foi grave, porque eu estudei até 2000 e até 2001 eu trabalhei como professor porque eu sou formado em matemática. Trabalhei em sala de aula e tudo mais. Mas veio complicar mesmo depois do segundo semestre de 2001. Existe o deficiente que já nasceu total e existe como eu, que fiquei aproximadamente aos 40 anos de idade. Até 38, 39, anos de idade eu tinha vista boa então fica difícil a gente se re-socializar. Começar a ler novamente, a caminhar novamente, quer dizer é uma nova vida não é? a gente fica um pouco depressivo, porque não é fácil você ter uma vida normal e de uma hora para outra você ser rompido, tirar de vez uma coisa tão importante que é a vista. Nós temos colegas que sofrem acidente de automóvel e ficam cegos de uma hora para outra e isso faz a gente ficar deprimido ou ficar revoltado e as organizações fazem a gente ter uma nova vida. Hoje estou estudando Braille, já fiz curso de massagem e computação para pessoas com deficiência visual.

Mas, quando a cegueira ocorre na infância, a criança já constrói suas relações com o mundo de forma diferenciada, a exemplo de Rosa, graduada em Letras, que teve a visão diminuída a partir dos sete anos de idade, em decorrência do glaucoma, e aos 16 anos deixou de enxergar.

Eu morava numa vila. Com sete anos eu já tinha minhas amiguinhas, minhas colegas. Foram as crianças que se adaptaram a mim, elas faziam, assim: se era para brincar de pega pique, elas ficavam batendo palma, eu corria para pegar. E tudo eles adaptavam a brincadeira para mim. Lá eu nunca escutei a palavra cega. Eu morava lá no centro de Niterói, não pegava muito ônibus, e vivia sempre com meus parentes. Meus familiares me aceitaram muito bem, não fizeram muita diferença, procuravam sempre adaptar as coisas a mim.

Lucinéia, 36 anos, funcionária pública, é graduada em psicologia e atualmente cursa Direito. Não lembra se algum dia enxergou, e também não se sentia diferente das outras crianças:

Eu já nasci, eu não sei como era a história, eu sei que algumas pessoas dizem que colocavam alguma coisa na minha frente e eu ia buscar, agora, eu não me lembro, eu sei que fizeram uma cirurgia quando eu tinha nove meses e outra quando eu tinha um ano. Não dá para lembrar se eu enxergava, ou se tinha algum resíduo visual. Hoje eu não tenho resíduo nenhum, inclusive meu pai disse ao médico na época, que se não ia dar jeito, ele não operasse, mas ele disse que era doutor e sabia o que estava fazendo. Olhe! Há 36 anos meu pai era pobre e não veio atrás de nada e ficou por isso mesmo, se eu tinha alguma chance de enxergar, a chance ele tirou porque quando ele operou meu olho não teve mais desenvolvimento, o nervo ótico atrofiou e a conversa ficou assim. Minha mãe procurou me tratar com muita igualdade, como ela procurou me tratar com muita igualdade, o que acontece: eu não tinha ideia o que era ver e não ver. Quando eu tinha três ou quatro anos, todo mundo era igual a mim. Porque as meninas brincavam de bola, eu brincava, ia passear, eu ia, brincar de se esconder, eu brincava. As meninas corriam de velocípede, eu corria rua abaixo, rua acima com o velocípede também, então para mim não tinha diferença entre eu e os outros.

Para as pesquisadoras da temática da cegueira, Célia Amorim e

Maria Glicélia Alves: “a criança cega bem estimulada e que recebe o apoio necessário nos primeiros anos de vida, tanto no âmbito familiar como em Serviços de Intervenção Precoce, ela chega aos 3/4 anos de idade com um desenvolvimento bem próximo ao da criança que vê.” (2008, p. 11). A estimulação essencial deve ocorrer nos primeiros anos de vida; as atividades que possibilitam o desenvolvimento dos sentidos remanescentes (tato, audição, olfato, paladar, cinestesia), a orientação e a mobilidade irão facilitar o convívio e a autonomia da criança, e, posteriormente do adulto cego, tanto nas atividades da vida diária, quanto nas relações sociais e profissionais.

Estudos recentes da neurociência¹² sugerem que as funções cerebrais se organizam sob a influência de aspectos internos (biológicos) e externos (relação com o ambiente). Essas duas dimensões interferem tanto no processo de formação do cérebro, que tem início na gestação e finda na adolescência, quanto nas consequências de lesões sofridas na idade adulta. Essa possibilidade de reordenamento de áreas do córtex é chamada de *plasticidade cortical* (GAZZANIGA: 2006, p. 622).

Helen J. Neville ao realizar estudos dos sistemas neurais responsáveis pela cognição em crianças que nasceram com “surdez bilateral devido à falha genética no desenvolvimento da cólcea” (2006, p. 644), observou que o processamento visual se espalhou pelas áreas corticais responsáveis pela audição. Um reordenamento que amplia a capacidade visual nos surdos, tornando-a maior do que nas pessoas que não sofrem de privação auditiva. Do mesmo modo, como observa Gazzaniga, pesquisas realizadas com cegos congênitos e com pessoas que perderam a visão antes dos cinco anos de idade, sugerem uma reorganização nas funções cerebrais, levando a crer que o córtex visual é reaproveitado pela função tátil.

Essa maleabilidade do córtex também ocorre em adultos que sofreram lesões cerebrais. Oliver Sacks (2006) apresenta o caso do pintor que ao padecer de uma concussão na região da cabeça perde a capacidade de ver as cores (acromatopsia cerebral), mas ao mesmo tempo percebe que sua acuidade visual se tornara mais nítida, podia distinguir uma pessoa a

¹² Esta hipótese foi explorada em um estudo recente de TEP (tomografia com emissão de pósitron).

um quilômetro de distância, embora o rosto fosse inidentificável até que ele chegasse bem perto. Passado um ano do acidente, este pintor sofria de uma amnésia de cor porque até em seus sonhos ela desaparecera, mas passou a fazer uma perfeita escala de tons cinza e suas pinturas em preto e branco são bem sucedidas.

Embora tenha sido possível definir a principal lesão no cérebro do Sr. I (...) continuamos em completa ignorância quanto às mudanças “superiores” do funcionamento cerebral(...). Não dispomos no momento dos instrumentos necessários para mapear as conseqüências neurais mais sutis e superiores de perda sensorial, mas (...) os trabalhos da última década mostraram a maleabilidade do córtex cerebral e a que ponto a maneira como o cérebro “mapeia” a imagem corporal, por exemplo, pode ser drasticamente reorganizada e revisada, não apenas em conseqüência de lesões e imobilizações, mas do uso especial ou desuso de partes individuais. Sabemos, por exemplo, que o uso constante de um dedo ao se ler em braille leva a uma enorme hipertrofia da representação desse dedo no córtex (SACKS: 2006, p. 49, 50).

A interação do indivíduo com o ambiente, utilizando os instrumentos que lhe são disponíveis possibilita o desenvolvimento de diversas habilidades e isso ocorre tanto com um normovisual quanto com o indivíduo que perdeu alguma capacidade perceptiva. Uma pessoa que não sofreu dano cerebral se diversifica de outra pelos estímulos que recebe durante a sua formação. Um músico, por exemplo, devido ao constante treinamento, pode apresentar uma acuidade auditiva maior do que alguém que não possui a mesma experiência.

É comum afirmar que pessoas cegas mostram aumento de acuidade dos sentidos remanescentes (tato, olfato, audição e cinestesia) o que reitera as ideias de Edgar Morin (1999) a respeito da capacidade humana de auto-organizar-se. Sobre esse aspecto, Jamile que deixou de enxergar aos quatro anos devido a uma endofitalmite bilateral que provocou o deslocamento das duas retinas, faz a seguinte observação:

A pessoa que não pode ver conta com seu tato, olfato e audição para decifrar o mundo e pintar as pessoas que lhe

rodeiam. Depois de anos de treinamento, esses sentidos estão preparados a ir mais longe do que normalmente se pensa que eles podem ir. O ser humano tem uma capacidade incrível, basta trabalhá-la, desenvolvê-la e moldá-la às suas necessidades.

Mediante o advento da cegueira, os demais órgãos dos sentidos vão se adequando, é indubitável que os estímulos recebidos durante o percurso educativo, seja na escola, no ambiente familiar, ou em qualquer outro, favorecem o seu desenvolvimento, a exemplo do que afirma Rosa:

Eu morava em Niterói, o Benjamin Constant era lá na Urca, e bem longe de Niterói. Quando foi um dia, eu estava no portão com mamãe, aí chegou uma pessoa procurando uma casa. Eu era assim muito animada, aí eu disse: A casa 5, aí eu contei. Então a moça perguntou à minha mãe se eu estava perdendo a visão. Minha mãe respondeu: Ela está perdendo a visão. Porque o glaucoma dava para mostrar, meu olho já estava ficando meio sem vida. Então ela perguntou: E ela estuda? Minha mãe disse: Ela estudava, mas agora não pode mais estudar. Aí ela disse: Pode, tem o Braille, aí começou a conversar com mamãe sobre o Braille. Ela era professora de surdos, e disse: Aqui na esquina da sua casa tem o Grupo Escolar Virgulino e lá tem uma sala de educação especial onde a sua menina pode aprender Braille e tudo. Então mamãe tomou nota e foi comigo lá. Eu aprendi o Braille com o professor cego também, que já faleceu. Ele contava que quando eu cheguei lá eu perguntei a ele: Professor eu estudando Braille eu posso ser professora? Aí ele disse: Pode minha filha, você pode ser professora e ensinar. Eu estudando Braille eu posso bater na máquina daquela de datilografia? Eu tinha uma irmã mais velha do que eu, ela tinha 18 anos e ela era datilógrafa e eu achava lindo ela batendo na máquina. Aí ele disse pode. E eu posso tocar piano? Porque ela também tocava. Ele disse pode. Então eu disse: Há mamãe! Por que a senhora chora tanto só porque eu não enxergo bem. Eu vou ser professora, vou tocar piano...

Hoje ela é professora; fui sua aluna durante o curso de tiflogia que realizei no primeiro semestre de 2009. Ela também datilografa na máquina de escrever em Braille. Sempre me surpreendo ao vê-la deslizar seus dedos sobre textos escritos neste sistema de escrita; seu tato é bastante sensível, capaz de perceber pequenos detalhes, algo que não consigo realizar. Quando escorrego meus dedos por cima dos pontos que formam as letras

sinto apenas o relevo sobre a folha, somente com os olhos tenho êxito na leitura de textos escritos em Braille.

Todas as vezes que tento ler com meus dedos, compreendo o que Maturana e Varela dizem sobre *acoplamento estrutural*. Todo ser vivo tem uma estrutura inicial, e as interações com o meio onde vive possibilitam modificações nessa estrutura, ao mesmo tempo o ambiente também sofre transformações. Entre o ser e o lugar, há uma “compatibilidade ou comensurabilidade. Enquanto existir essa comensurabilidade, meio e unidade atuarão como fontes de perturbações mútuas e desencadearão mutuamente mudanças de estado” (2001, p. 112).

Nesse movimento de transformação recíproca entre o indivíduo e o meio, surgem mecanismos de aprendizagem diferenciada que são inseridos no cotidiano, a exemplo do Sistema Braille¹³ de escrita, criado em 1825 que favoreceu o desenvolvimento da educação de pessoas cegas. Entretanto, até os meados do século XX, no Estado de Pernambuco, não era oferecido em todas as escolas, como lembra Lucinéia:

Quando minha mãe estava ensinando tabuada às meninas, mesmo eu sem saber ler nem escrever, eu escutava e decorava, e quando minha mãe perguntava: 7x5, aí as meninas ficavam pensando, aí eu dizia: Se ela não souber pode deixar que eu digo, se ela não souber pode deixar que eu digo, então ninguém podia estudar perto de mim, e eu perguntava à minha mãe: Por que é que as minhas irmãs que pouco sabem tabuada vão para a escola e eu não vou? E a minha mãe ficava perturbada para me dizer, que lá em Gravatá¹⁴ não tinha escola para mim.

Hoje tem escola por tudo quanto é canto, mas antigamente não tinha. Para encurtar a conversa, um dia minha mãe encontrou um rapaz que é de Recife e de Gravatá também, que estudou no Instituto de Cegos. Era um internato que tinha nas Graças. Aí esse rapaz disse: Olhe D. Maria eu sei onde tem um colégio, agora é internato. Eu tinha sete anos de idade, e minha mãe disse assim: Olhe! Eu arrumei uma escola para você, agora essa escola é interna e é em Recife, você quer ir? Eu pensei e disse: Olhe mãe, eu quero. Então meu pai ficou botando coisa na minha cabeça dizendo: Lá não tem suas irmãs, lá você não vai ter as coisas que tem aqui. Porque, lá meu pai tinha oficina, minha mãe tinha loja, viviam muito bem sabe? Eu disse: mas eu vou. E minha mãe disse:

¹³ Ver anexo

¹⁴ Município localizado a 85 Km do Recife.

Deixe ela ir porque ela não vai ter eu e você todo o tempo. Se ela não gostar ela volta, eu não vou abandonar ela. Então ela me internou. Agora, todo o final de semana ele vinha me buscar. No primeiro dia que a minha mãe me deixou e foi embora, eu fiquei com vontade de chorar e a professora me disse: Olhe, saudade é que nem fumaça, dá e passa. Então eu fiquei no Instituto até os 19 anos. No Instituto só tinha até a 4ª série. Quando eu terminei a 4ª série fui para o Colégio Barbosa Lima. Quanto eu tinha 19 anos eu terminei o meu segundo grau e fui fazer psicologia.

Durante muitos anos a educação de pessoas cegas foi realizada em locais específicos, como é o caso do Instituto dos Cegos do Recife¹⁵, ou numa sala de educação especial, que funcionava dentro de uma escola concebida para normovisuais. Entretanto, no percurso educativo de pessoas cegas, nem sempre foram esses os espaços frequentados; no caso de Rosa, quando chegou ao Recife, estudou junto com crianças sem deficiência.

Em 1962 eu vim morar aqui em Recife eu estava com 14 anos, morava no Rio de Janeiro e estudava no Benjamin Constant, mas quando cheguei aqui (Recife) cadê que escola nenhuma queria me aceitar? Tinha o Instituto de Cegos, mas era muito precário, não tinha o que tem hoje, mas já havia um pouco dessa inclusão. Ai papai conheceu um rapaz que hoje já é morto, era cego, e através dele a gente conheceu uma professora que sabia Braille, e disse que tinha esse serviço de educação especial. Essa professora foi quem me ajudou. Eu cheguei aqui em fevereiro e fui estudar em maio, porque as escolas não queriam me aceitar. A única que me aceitou foi a escola das Damas, mas naquele tempo as Damas ficava na Ponte do Uchôa, ainda é lá não é? Mas ficava muito longe de onde eu morava. Eu fui morar em Salgadinho, ali perto do Centro de Convenções, e tinha que pegar dois, três ônibus para chegar lá. Foi a única escola que me aceitou. Depois desses meses todos passarem, minha vizinha estudava numa escola aqui na Encruzilhada, então eu disse: Maria diz à tua professora que eu estudo, que eu não enxergo mas eu sei Braille, eu posso estudar, eu fico lá na sala, eu não vou dar trabalho. Maria que era da minha idade falou com a professora, e a professora disse que eu fosse lá, que queria me conhecer. Eu sei que através disso o diretor me deu condição. Era uma escola que tinha na Encruzilhada, chamava-se Ginásio da Encruzilhada. Agora já não existe mais. Ele me aceitou na escola dele, mas dizendo que ia ficar um mês

¹⁵ Instituto Antônio Pessoa de Queiroz (IAPQ)

comigo, se desse certo eu continuava, se não desse, eu saía. Mas menina, eu fiz tudo para dar certo. A professora lá, D. Maria de Lourdes transcrevia minhas coisas. Minha mãe é aquela pessoa que eu nunca vi. Ela nasceu para ter um filho deficiente. Ela conversava com as meninas. No primeiro dia, há isso eu não esqueço não! Eu nunca tinha visto, nunca tinha sentido de perto a curiosidade sobre a minha cegueira. Quando foi nesse dia que eu fui para essa escola, era uma varandazinha, um terraço, e minha mãe chegou bem cedo comigo, me arrumou bem arrumadinha, a roupa bem passadinha, que ela cuidava muito para ficar tudo direitinho, para ninguém ter nojo, nem ter pena. Quando eu cheguei as crianças vieram para olhar para mim, fiquei cercada, eu senti que estavam olhando para mim admiradas. Aí mamãe: olha Rosinha, ela me chamava de Rosinha, seus colegas estão todos aqui para lhe receber, como é seu nome meu filho? Como é seu nome minha filha? e ela foi me entrosando com os meninos, para não me deixar triste. Ela não ia para sala de aula, me deixava na sala, mas também não saía da escola, ficava assim de longe me olhando. E eu sei que com um mês eu estava lá entrosada, brincando com os meninos. Eu tinha 14 anos, com aquela voz carioca que eles gostavam de ouvir. Era o Braille que lia e a voz chamava atenção, eu só sei que passou um tempinho e eu fui morar na Encruzilhada, já tinha feito amizade, muitas vezes mamãe não ia me levar na escola, os colegas iam me buscar em casa para a gente ir junto. Mas aqui eu passei muita tristeza porque ouvia muito: olha ela é cega, ela é cega. Agora eu me acostumei com esse nome, mas naquele tempo feria muito. Adolescente não é? Aí ficava triste.

Jamile também estudou em escola normal e relembra:

Sempre estudei em escola regular. Perdi a visão aos 4 anos, e aos 5 eu já fui alfabetizada em Braille. Pelo que me lembro, na época não havia escolas especiais para deficientes visuais no Recife. Havia um Instituto dos Cegos, mas meus pais não concordavam com a filosofia da instituição e preferiram observar minha educação de perto. Eles contrataram uma professora que me ensinava Braille e me acompanhava na escola. A experiência que durou até a quarta série do ensino fundamental não deu certo, pois a professora me tirava da sala de aula e eu acabava o tempo todo fazendo atividades longe das outras crianças. Também não recebia muita atenção dos professores. Fui estudar em uma outra escola regular. Nessa, eu era tratada como os outros alunos. Participava das aulas e atividades de classe sem ser excluída e ter de brincar com equipamentos especializados. Aos 12 anos, aprendi a datilografar num teclado comum e comecei a responder minhas provas em letra comum, diminuindo a necessidade de transcrição pela professora de Braille.

Eu frequentei uma escola comum, O Maria Auxiliadora no Derby, fiz inglês na Cultura Inglesa, datilografia na Escola Júbilo, música na Escola Minami... tive uma vida escolar muito ativa, tudo com o apoio de meus pais. Minha mãe aprendeu Braille e transcrevia os meus livros, enquanto meu pai gravava os materiais de história e ciências e lia os paradidáticos para mim.¹⁶

Eu passei no vestibular de direito da Federal e da Católica, mas escolhi ir para a Federal. Infelizmente, o apoio de meus pais não era mais suficiente. Eu precisava fazer pesquisa, ler vários livros diferentes, usar a internet... e o fato de que eu não podia fazê-lo deixou a minha família muito angustiada. Foi então que surgiu a oportunidade de estudar no exterior através de uma bolsa concedida pela Universidade de Sheffield Hallam.¹⁷

Acredito que em qualquer família, o cuidado e o carinho transmitidos pelos pais, como nos exemplos relatados por Rosa, Lucinéia e Jamile, possam ser os mesmos, mas a deficiência pode desencadear angústia e medo nos pais. Durante o percurso da pesquisa não busquei aprofundar esse sentimento de familiares em relação à cegueira, porque os encontros com os interlocutores foram em locais de trabalho ou em associações que lidam com a deficiência visual, mas nos depoimentos da maioria dos interlocutores há menções aos cuidados dos pais, principalmente no processo de inserção em ambientes fora do *lócus* familiar. Somente tive contato com a família de Jamile. Em uma tarde do mês de dezembro de 2008, fui recebida por Marijane, sua mãe:

Jamile perdeu a visão em 82, isso foi em 85 por aí... Foi um choque muito grande porque, quando o médico disse que tinha que operar nos Estados Unidos eu não tinha como levar, então fiz uma campanha com faixa, cartazes, tudo. E vários colégios ajudaram a angariar fundos. Passamos seis meses para conseguir. Ela fez duas cirurgias em cada olho e a gente conseguiu todo o recurso financeiro que precisava. Quando eu voltei dos Estados Unidos, que me disseram que ela não teria mais visão e eu teria que criar ela como uma

¹⁶ Entrevista publicada na Revista Sentidos em 11/09/2006.

¹⁷ Jamile em entrevista a Márcia Gomes, Leila Vilanova, Juliana Pessoa, Salícia Araújo, Matheus Pranzi, Marcelo Sarstedt- Pequenas Historias in www.orecado.cjb.net. Faz parte do arquivo pessoal da família de Jamile Ferreira.

pessoa cega, foi o que o médico disse, foi um choque para mim. O que era que ia fazer, como é que ia começar. Eu não sabia nem onde o cego estudava, eu só conhecia o cego que vivia no ônibus e na rua pedindo esmola. Nem um cego assim que estivesse estudando eu conhecia. Eu ouvia falar, mas não conhecia. Comecei pelo Centro de Educação Especial que fica em Casa Amarela, depois fui para o Colégio Pedro Augusto que era ali na Rua da Hora, mas depois de um tempo o Colégio fechou. Depois consegui colocar ela no Contato, mas a escola que mais integrou foi o Colégio Auxiliadora, em frente ao Hospital Santa Joana. Naquele colégio eu cheguei desesperada para conversar com a Diretora. Quando ela me viu com as lágrimas descendo, que eu queria colocar ela em um colégio religioso, eu não tinha uma formação religiosa, mas queria que ela tivesse uma formação religiosa e estava tentando. Tentei em outros, mas a irmã em um deles disse que se eu a colocasse lá ia ter um choque porque lá só tinha gente rica. Apesar de eu não ser rica, eu tinha uma situação de classe média, mas ela dizia que lá era classe alta. Disse que muitos pais iam tirar os filhos da escola porque teria uma criança cega na sala de aula. Terminei conseguindo colocá-la no Auxiliadora. E a irmã lá do Auxiliadora, na época, ela disse assim: não vamos nos preocupar em formar Jamile para o vestibular, mas formar para a vida é essa a nossa visão. Foi uma abertura pelos professores, das crianças também, porque ela brincava com os coleguinhas de pega, a sociabilidade dela foi sempre muito boa. Eu pagava uma professora que a acompanhava na escola.

Além do impacto negativo que a cegueira apresenta em nossa sociedade, a dificuldade também ocorre pela falta de informação sobre como e onde se realiza a educação para pessoas cegas. Geralmente, como nas histórias de Rosa, Lucinéia e Jamile, é um professor especializado em educação especial, ou alguém que também seja deficiente que indica o caminho. Como o fio de Ariadne que conduziu Terseu para fora do labirinto, é esse alguém, principalmente nos primeiros anos de estudo, quem indica alternativas, até então desconhecidas pelos pais, se tornando um mediador entre o *locus* familiar e a vida pública.

Na autobiografia *História da Minha Vida*, Helen Keller, também refere a presença de uma professora como alguém que tornou possível a sua relação com o mundo exterior. Com apenas 19 meses de idade a autora contraiu meningite ou escarlatina, não se sabe ao certo; em decorrência ficou cega e surda. Keller definia a sua condição de surdo-cegueira, como estar mergulhada numa profunda solidão, por não possuir a compreensão

das coisas ao seu redor, pouco conhecendo das “ternas afeições que se originam das palavras, ações e companheirismo carinhoso (...) o mundo parado e escuro em que eu vivia não havia nenhuma ternura ou sentimento forte pelos outros” (KELLER: 2003, p. 14,21).

Helen foi educada por uma professora do Instituto Perkins, que morou em sua casa por um longo período. Aprendeu a linguagem sensorial, comunicando-se por meio do toque de suas mãos com as da professora, que lhe ensinou um alfabeto constituído por diferentes posições dos dedos. Após anos de estudos, em sua residência, e em seguida em instituições, Helen aprendeu a falar e formou-se em filosofia. Define que o conhecimento é amor, luz e visão. “No início eu era apenas uma pequena massa de possibilidades. Foi minha professora quem as desdobrou e desenvolveu. Quando ela veio, tudo em torno de mim passou a exalar amor e alegria e se tornou cheio de significado” (KELLER: 2003,37).

Os mitos são operadores cognitivos importantes para compreender a riqueza de significados ressaltados por Keller. As narrativas míticas de Tirésias e Édipo, apresentam a tifo-se como um castigo diante da descoberta de um segredo e esta temática se repete na mitologia dos Orixás. Ajê Xalugá ao seguir seu pai Olocum, se disfarça de

espuma borbulhante que brilhava ao sol tão intensamente. Tão intenso e atrativo era o tal brilho que às vezes cegava as pessoas que olhavam. Um dia Olocum disse à sua filha caçula: “O que dás para os outros tu também terás, serás vista pelos outros como te mostrares. Este será o teu segredo, mas saiba que qualquer segredo é sempre perigoso. Na próxima vez que Ajê Xalungá saiu nas ondas, acompanhando, disfarçada, as andanças de Olocum, seu brilho era ainda maior, porque maior era o seu orgulho, agora era detentora do segredo. Muitos homens e mulheres olhavam admirados o brilho intenso das ondas do mar e cada um com brilho ficou cego. Sim, o seu poder cegava os homens e mulheres. Mas quando Ajê Xalungá também perdeu a visão ela também entendeu o sentido do segredo (...) (PRANDI, 2001, p. 419)

O segredo, argumenta Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, é uma prerrogativa do poder, é como um tesouro e possui os seus guardiões (2001, 808). Pode ser moeda de troca, de negociação de vantagens. Devido a seu

grande valor, muitas vezes, a sua revelação, para alguém não autorizado, se transforma em castigo ou até mesmo causa de morte.

Na mitologia nórdica, Loki, deus do mal, usa seu poder de transfiguração para descobrir o segredo de Frigg sobre a imortalidade de seu filho Baldr¹⁸. Ao saber que a única coisa que podia matá-lo era o visco, produz uma flecha que em sua ponta contém um galho da referida planta. Para dar desfecho à sua façanha engana Hördhr, o deus cego, irmão gêmeo de Baldr, convencendo-o de que poderia participar da brincadeira dos Deuses, que consistia em atirar qualquer objeto em seu irmão e nunca matá-lo. Hördhr que sempre ficara fora do jogo, devido à sua cegueira, aceita a proposta de Loki e lança a referida flecha, sem saber que continha o segredo, e mata o seu irmão. A morte de Baldr causa diferentes sentimentos entre os deuses e Hördhr é assassinado por Vali, uma vingança pela morte do deus da luz.

A cegueira como castigo expressa uma visão de mundo repleta de moralidades, embates na qual subjaz uma valência negativa em relação aos cegos. A pessoa cega geralmente é percebida como incapaz porque necessita de cuidados especiais. Neste caso, a nomenclatura especial é compreendida como um atributo de inferioridade, e não como aspecto de uma necessidade diferenciada. Observa Durand (1997) que no isomorfismo da luz e da visão, a cegueira se assemelha à queda, isto porque as relações do cotidiano são construídas, na sua maioria, por meio do visível.

Quando converso com pessoas cegas, costumo ouvir:

Eu nasci prematura, quando minha mãe estava com seis meses e dez dias, fiquei na incubadora, então **perdi a visão** bebê. (Michele)

Olhe! devido ao glaucoma, eu comecei **perdendo** a visão aos sete anos, mas via cor e claro e escuro, mas **perdi** total com 16 anos. (Rosa)

Perdi a visão aos 4 anos, e aos 5 eu já fui alfabetizada em braille. (Jamile)

¹⁸ Deus da Luz.

Para Michel de Certeau (2009), as paisagens do cotidiano são verdadeiras viagens do olhar. São espécies de *outdoors*, placas de sinalização, itinerários, vitrines, trânsito e os olhares que se cruzam entre os transeuntes. Como em qualquer lugar do planeta, vivemos na era da imagem, nossa cultura parece inspirar-se nas palavras de São Tomé: ver para crer. Georges Balandier (1999) comenta que na atualidade embarcamos no planeta-imagem. A tecnologia vem, ao longo dos anos, ampliando as telecomunicações, e nesse processo a imagem manifesta sua eficácia, ela ratifica a crença no visível, exaltando-o como referência de veracidade do real.

No planeta-imagem também prolifera a vigília, inspirada no personagem mítico Argos¹⁹ com seus múltiplos olhos que tudo vigia; atualmente são as câmeras de vídeo, espalhadas nos centros urbanos, como Londres, São Paulo, Recife ou nos edifícios públicos e privados. Também, ao nosso redor se desenvolve um espetáculo fabuloso do mercado. São múltiplas as estratégias de sedução para a venda de produtos; embalagens fantásticas, propagandas que despertam o desejo, etc.

A imagem comercial forma opinião, a mídia a difunde e a consagra como mercadoria. “Entra em curto tempo em nossa paisagem mental, e nós entramos nela, a fim de assumir seu ritmo” (BALANDIER, *ibid*, p. 133). Ela se populariza e toma conta da nossa rotina; aos poucos, sem perceber, começamos a subestimar o potencial dos outros sentidos e a visão parece tomar conta de tudo, ouvimos, cheiramos, e às vezes até comemos com os olhos.

A visão também se torna importante, como argumenta Gazzaniga, porque possibilita a obtenção mais rápida da informação distanciada, encarregando-se da “detecção remota ou percepção exteroceptiva (...). As vantagens para o emprego da sensação remota são óbvias. Um organismo certamente pode melhor evitar um predador ao detectá-lo à distância.” (2006: p. 168). Mas, esta percepção não é um privilégio da visão, pois a

¹⁹ De acordo com algumas versões, Argos possuía um só olho. Em outra teria quatro: um par para ver de frente e outro para olhar para trás. Outras versões atribuíam-lhe, finalmente uma infinidade de olhos repartidos por todo o corpo. (GRIMAL, 1997,41).

audição também é um sentido que detecta informações à distância. O morcego, por exemplo, usa a eco-localização para caçar, guiar-se, enfim, sobreviver. Mesmo aqueles que dispõem de boa visão como é o caso dos *Rousettus*²⁰, “são capazes de se orientar na escuridão total, quando até os melhores olhos são inúteis. Para isso eles empregam o sonar, (...) estalam a língua com força e ritmadamente enquanto voam, e navegam medindo o intervalo de tempo entre cada estalo e seu eco.” (DAWKINS, 2001, p. 46).

Entre os humanos é a visão que prevalece, basta pensarmos nas coisas que fazemos diariamente, o lugar onde moramos, as diversões que buscamos, mesmo quando vamos ouvir uma sinfônica, temos o hábito de dizer que a assistimos. Marilena Chauí chama a atenção para o fato de que nosso vocabulário está imbuído de expressões que exaltam a visão: veja bem, logo se vê, está vendo, ter (ou não) algo a ver, ponto de vista, visão de mundo. “Assim falamos porque cremos nas palavras e nelas cremos porque cremos em nossos olhos: cremos porque as coisas e os outros existem porque vemos e que os vemos porque existem” (CHAUÍ, 1998, p. 32).

Nesse contexto, deixar de enxergar é percebido como perda, sentir-se fora do jogo do planeta-imagem, e a isto, também são somados os estigmas, aos quais, não só pessoas cegas estão submetidas, mas também as surdas, as que necessitam de cadeira de rodas para se locomover, enfim com qualquer indivíduo que apresente algum tipo de deficiência, ou integre outras minorias como: negros, baixinhos, gigantes, gordos, magros, mulheres, pobres, etc.

2. A CEGUEIRA ENQUANTO DEFICIÊNCIA E OS VIESES DE INTOLERÂNCIA

Segundo a OMS, o termo deficiência “é usado para definir a ausência ou a disfunção de uma estrutura psíquica, fisiológica ou anatômica²¹”. Se por um lado esta definição possibilita a discussão e

²⁰ *Rousettus* é um gênero de morcegos da família Pteropodidae. Pode ser encontrado na África e na Ásia. Disponível em <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em 20/01/2011.

²¹ Disponível em <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em 20/03/2010.

elaboração, nos países filiados a esta Organização, de mecanismos e estratégias que viabilizem a inclusão social da pessoa com deficiência, por outro lado pode ser um rótulo, uma etiqueta que, muitas vezes, provoca desrespeito, descrédito e pena, como argumenta Jamile:

Por volta dos 16 anos, eu descobri, para meu desespero, que cegos eram cidadãos de segunda classe, que o mundo não pensava de mim o mesmo que pensavam os meus pais, que os rapazes olhavam para mim como uma garota que é cega e está “fora do jogo”. Eu não queria mais andar de mãos dadas com parentes e amigos, queria pegar meu ônibus e ir caminhar no Parque da Jaqueira, fazer compras no centro da cidade... sair para barzinhos como os outros jovens da minha idade. Eu fui apresentada à bengala, que rejeitei por muito tempo pelo efeito que eu imaginava que minha imagem com uma bengala causaria em outras pessoas. Depois veio a fase de enfrentar buracos, lixos e assaltos nas ruas, um processo cansativo, às vezes frustrante e muito desgastante para minha família como um todo, eles que temiam por minha segurança. A isto, juntou-se a falta de recursos na universidade, os grupos de amigos que jamais me convidavam para acompanhá-los em festas ou passeios, como se eu fosse uma cruz a ser carregada... e especialmente a falta de perspectiva de que as coisas seriam diferentes no futuro.²²

O preconceito em relação à pessoa com deficiência faz parte da História do Ocidente. Segundo o diálogo entre Sócrates e os Sofistas, na Antiguidade, as crianças que nasciam disformes deveriam ser interditas, para que a raça continuasse pura.

Pegarão então nos filhos dos homens superiores, e levá-lo-ão ao aprisco, para junto de amas que moram à parte da cidade; os dos homens inferiores, e qualquer dos outros que seja disforme, escondê-los-ão num lugar interdito e oculto, como convém.

— ...Se, realmente, queremos que a raça dos guardiões se mantenha pura. (PLATÃO, 2000, p. 155)

Na Idade Média, observa Vitor Hugo (2007), o bobo, o feio, o deformado, são personagens da comédia teatral que simbolizam horror ou

²² Jamile em entrevista a Márcia Gomes, Leila Vilanova, Juliana Pessoa, Salícia Araújo, Matheus Pranzi, Marcelo Sarstedt. Faz parte do arquivo pessoal da família de Jamile Ferreira.

mau agouro. Um exemplo contundente é trazido pelo romance *O Corcunda de Notre-Dame*. Quasímodo, protagonista da história, nasceu cacundo, coxo, cambaio, anão, zanaga, com o rosto deformado e enxergando apenas por um olho. Exercia a função de sineiro na Catedral e, com o tempo teve os tímpanos estourados devido ao tilintar dos sinos. Sem a audição não perdeu a capacidade de falar, mas vivendo confinado no interior da igreja de Notre Dame, e comunicando-se apenas com o arcediogo, seu pai adotivo, sua linguagem se tornou difícil de ser compreendida.

A aparência de Quasímodo provocava ora escárnio, ora medo. Se por um lado sua feiúra foi o que possibilitou ser eleito o papa da festa popular dos loucos²³, por outro, desencadeava superstições, a exemplo das mulheres grávidas que escondiam o rosto na sua presença. Acreditavam que poderiam sofrer um aborto ou que a criança nasceria deformada. Também nesse romance, os mendigos que transitavam durante o dia pelas ruas de Paris e à noite se recolhiam no Pátio dos Milagres (lugar de vagabundos e ladrões), na sua maioria eram cegos, manetas, estropiados, coxos e leprosos, ou pseudo-deficientes, e usavam a deformidade como instrumento de mendicância. Publicado em 1831, este livro retrata um cenário da Idade Média, no qual, a deformidade é alvo de sarcasmo, miséria e medo.

A noção de maldade relacionada com a dismorfia, também faz parte da novela escrita por Robert Stevenson, *o Médico e o Monstro*, publicada em 1886. Sua trama dá ênfase à dualidade bem e mal, que coexiste em cada ser humano. No seu enredo o Dr. Henry Jekyll inventa uma engenhosa fórmula que o separa do seu eu maléfico e o transforma em Edward Hyde; bastava tomar o preparo e seu corpo se modificava aparecendo marcas de deformidades e degenerescência, suas ações passavam a ser grosseiras, e cometia atos ilícitos e violentos.

Raul Zuratra ou Mascarita, personagem do romance *O Falador*, tinha uma mancha “roxa-escura, vinho avinagrado, que lhe cobria o lado direito da cara (...) a mancha não respeita a orelha nem os lábios, nem o nariz, aos quais marcava com um inchaço venoso” (VARGAS LLOSA, 1988,

²³ Segundo consta no Romance *O Corcunda de Notre Dame*, no dia 6 de janeiro se comemora a Festa dos Loucos, um dia de liberdade, cinismo e loucura.

p. 11). Devido a sua aparência, ao andar pelas ruas era imolado “pela insolência e maldade das pessoas. Viravam-se ou paravam à frente dele para olhá-lo melhor, e abriam muito os olhos, sem disfarçar o espanto ou a repulsão” (ibid p.15).

Segundo Borges, todo autor elabora seu texto literário em função de seu tempo, imerso nas preocupações de seu século, ou seja, faz a “sua obra para a história, e em função da história” (2009, p. 47), mesmo explorando o universo da fantasia, ou inspirando-se em fatos da realidade, geralmente, há no escrito algo de seu tempo e de sua cultura. Neste sentido, a interpretação sobre a deficiência apresentada nessas obras literárias, não está distante do vivido, porque ela também é concebida sob a égide do medo e do afastamento das relações do cotidiano.

Segundo dados da Folha de São Paulo²⁴, cerca de 20 etnias pertencentes a aproximadamente 200 países adotam o infanticídio de bebês nascidos gêmeos ou com algum tipo de deficiência física, mental ou sensorial. No caso do povo Arawak, habitante das matas peruanas, crianças que nascem com “defeitos físicos, coxos, mancos, cegos, com mais ou menos dedos que os devidos, ou o lábio leporino, as próprias mães matavam, atirando-as ao rio ou enterrando-as vivas.” (VARGAS LLOSA, 1988, p. 26).

As razões que levam ao infanticídio nos povos indígenas se explicam pelas tradições de cada etnia. Mas geralmente quando uma criança nasce com alguma deficiência é um presságio de má sorte, de uma maldição ou ainda, como no caso dos “mehinaco (Xingu) o nascimento de gêmeos ou de crianças anômalas indica promiscuidade da mulher durante a gestação. Ela é punida e os filhos enterrados vivos” (SUZUKI, 2008, p. 1).

Em nossa cultura, a pessoa com deficiência é percebida, muitas vezes, de um lado como alguém inferior ou incapaz, de outro como um super-humano, e o preconceito contribui para esta polaridade, como argumenta Jamile:

²⁴ BONI, Ana Paula. Infanticídio põe em xeque respeito à tradição indígena, **Folha de São Paulo** em 06 de abril de 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u389427.shtml>. Acesso em 30/05/2008.

A maior dificuldade em minha opinião é vencer o preconceito. O Brasil é um país que investe muito pouco na educação de seu povo. Muita gente não sabe nem deseja saber coisa alguma sobre deficiência; as estruturas e recursos de muitas cidades, escolas, universidades etc, não oferecem nenhum apoio ao cidadão ou aluno deficiente. O mesmo acontece com o transporte público em geral. Deficiência no Brasil é considerada um “mal”, talvez até castigo, muitas vezes motivo de pena e segregação. Esta atitude, eu acredito, dificulta a vida de muitos deficientes, criando os dois extremos do “deficiente gênio” que é adorado e temido por todos e, por outro lado, o “deficiente-fracasso” que precisa ser engraçado para fazer amizades. Nós nunca somos vistos como pessoas normais, com suas fraquezas e habilidades, independentes da deficiência. Se alcançamos grande sucesso, diz-se que Deus sempre fecha uma porta e abre uma janela, que cegos têm audição e tato aguçado e por isso tem ótima memória e poder de concentração. Se, pelo contrário, fracassamos terrivelmente, os comentários são do tipo: “também coitado, sendo cego, qualquer coisa que tiver é lucro”²⁵

Através do tempo, pessoas com deficiência são vistas como portadoras de uma capacidade menor, dignas de caridade. Ideias herdadas de tempos remotos que em nossos dias transparecem no desconhecimento de grande parte da população sobre como lidar com alguém que se relaciona com o mundo de maneira diferente, devido a algum tipo de deficiência, levando, muitas vezes, cegos, surdos, cadeirantes, etc., a serem percebidos como estrangeiros em suas próprias cidades.

Esse estranhamento favorece a intolerância, que se manifesta em diversas situações da vida diária, como observa Marques, que ficou cego aos 14 anos em consequência de glaucoma. Hoje, com 44 anos, é Assistente Social e exerce essa função no serviço público municipal. Com a necessidade de comprar um livro, ele se deparou com a seguinte situação:

Outro dia eu cheguei a uma determinada livraria, lá na Rua Sete de Setembro, e ao entrar na loja alguém me abordou e perguntou o que eu queria, então eu disse: eu quero um livro sobre dinâmica de grupo e ele disse: qual o nome do livro? Eu

²⁵ Jamile em entrevista a Márcia Gomes, Leila Vilanova, Juliana Pessoa, Salícia Araújo, Matheus Pranzi, Marcelo Sarstedt. Faz parte do arquivo pessoal da família de Jamile Ferreira.

disse: eu não tenho o nome do livro, eu queria saber o que tem. Então ele disse: nós não temos tempo de ver isso para você. Quer dizer, eu não pude comprar um livro que eu queria. Em loja de roupa ou em outras, uma vez por outra eu me deparo com isso. Porque nas lojas não tem referências em Braille, não existe não é? E também não tem pessoas que estejam disponíveis para facilitar esse acesso.

Como Marques, Lucinéia exemplifica uma situação, na qual sente a sua capacidade de aprendizado ser posta em dúvida por causa da cegueira.

É demais o que acontece todo dia, desde a rua a escola. É em todo canto. Olhe! Quando eu fazia 8ª série o professor estava dando aula de matemática, ele estava ensinado equação e fazia assim: pega esse com aquele, você multiplica este com aquele, e divide aquele outro. Agora ele está apontando, se você está vendo, está vendo não é? eu não estou vendo só escutando. Então eu disse: Professor o senhor podia dizer os números que eu não estou entendendo? e ele respondeu: é porque você não está vendo aí vai ser muito difícil eu lhe explicar isso. Eu saí da sala e as meninas disseram que me explicariam. Era equação do segundo grau. Então, eu prometi a mim mesma que ia aprender e até hoje eu sei, não esqueci nem a fórmula. Para uma pessoa que não enxerga o que é que tem você explicar: $b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}$ sobre 2.a tira as letras bote os número e termine a equação, e ele dizer que aquilo ele não podia me explicar porque eu não via. Isso é a mínima coisa que a gente vê e isso tem em todo canto.

Os relatos de Marques e Lucinéia lembram-me o que Paul Ricoeur argumenta sobre a intolerância: uma predisposição que é inerente ao humano, uma maneira de impor crenças e convicções de um grupo sobre o outro (2000, p. 20). A intolerância também é produto do desconhecimento sobre o universo do outro e pode suscitar o desconforto diante da diferença. Um exemplo é dado por Michele, 36 anos, que não enxerga desde bebê, em decorrência de ter nascido de parto prematuro (de uma gravidez de seis meses). Refere que é frequente se deparar com a seguinte situação:

Por exemplo, no supermercado se eu vou digitar a minha senha fica todo mundo olhando achando que o fato de eu estar com alguém, esse alguém digite a senha para mim. Situações que se eu estou com você aí vamos tomar um sorvete, aí a pessoa chega para você e diz: Ela quer de quê?

É uma questão cultural, é uma questão de educação mesmo. Outro dia, para você ter uma ideia, eu estava chegando em casa, desci do elevador e fui abrir a porta. A minha vizinha que é porta com porta disse: Você consegue? Aí eu disse: está falando comigo? Estou, estou perguntando se você consegue abrir a porta? Eu tirei a chave da bolsa e disse: Ah! tudo bem obrigada. Abri e entrei. Acho que acontece porque também tem famílias que escondem a deficiência. A minha família só tem eu cega, e em minha vida toda, eu vim conviver com pessoas cegas depois que comecei a trabalhar na educação. Eu convivia quando estudava, conheci Jamile, outra menina que estudou comigo Karine e outras duas meninas, Sheila, Shirley, mas assim, amizades pequenas, eu convivia muito mais com pessoas que enxergam, socialmente, e tal. Eu sei que aonde eu chego as pessoas olham para mim, e estão olhando porque eu sou bonita é? É não, estão olhando porque eu sou cega, eu sou realista. Outro dia eu estava em uma loja do Shopping e eu estava escolhendo um presente que eu queria dar para uma criança e uma pessoa me viu e foi chamar outra: olha, vem ver, vem ver, então...

Testemunhei uma situação parecida com a relatada por Michele: ofereci uma carona para uma colega que é cega. O objetivo era entregar um documento em uma instituição pública, como passei do local, resolvi voltar a pé e juntas procuramos o endereço do referido lugar. Finalmente, quando encontramos, ela, executando o seu trabalho, entrega um envelope com um ofício. A atendente depois de ler, dirige-se para mim dando explicações sobre o conteúdo do documento. Fiz um gesto apontado para minha colega, informando que era para ela que deveriam ser dadas as informações, eu estava ali devido a sua agradável companhia. A atendente, ao direcionar a explicação aumentou substancialmente a voz, como se minha colega também fosse surda. Saímos comentando o ocorrido, e ela argumentou, dizendo que isso é pouco diante do que enfrenta no dia a dia.

O desconhecimento sobre a capacidade da pessoa com deficiência, talvez seja fruto da cultura em que estamos inseridos, a qual, muitas vezes, concebe o outro, o diferente, como estrangeiro, ou até mesmo exótico. Marijane observa:

Uma coisa que a professora especial me alertou, foi que eu não só chamasse deficiente visual, mas também cega porque se outra pessoa chamasse, ela não estranharia. Às vezes eu chegava em casa, ela já mocinha com 11, 12 anos de

shortinho, você não dizia, dentro de casa ela andava solta, ela decora um ambiente, tanto é que ela mora só. Ela toda pronta e tal e eu dizia: para onde essa ceguinha vai toda pronta? Ela dizia: vou paquerar no shopping, e eu dizia, como é que você vai paquerar no shopping se você não vê? Eu não vejo, mas eu me sento com as minhas colegas lá na praça de alimentação, aí chega um bocado de menino e fica lá conversando. A princípio pensa que eu sou um bicho, depois ele descobre que o bicho estuda, depois descobre é da mesma série, aí depois mamãe, fica até exótico ficar amigo do bicho. Então preconceito a gente sempre enfrentou, mas ela nunca mostrou baixo astral, de ficar em depressão.

Segundo Lucinéia não se deve ser passivo diante do preconceito:

A gente vai abrindo os espaços, o que não pode é sentar e dizer que por isso a gente não vai querer trabalhar, estudar, estar perto das pessoas. Eu acho que o nosso papel é fazer com que as pessoas entendam que não é isso que elas pensam, e em uma hora dessas, elas entendem, demora mais entendem.

Jamile que atualmente reside em Londres ressalta:

Depende muito da pessoa, da educação, da classe social, depende da experiência que eles tiveram e depende também da experiência que eles tenham com você. Se você for uma pessoa que se comporta normalmente, se não tem preconceito consigo mesma é mais fácil você passar uma imagem positiva para as outras pessoas, para que elas se sintam confortáveis com você. O que eu noto na diferença entre Londres e aqui é que as pessoas são mais educadas no sentido formal, eles não fazem tantas perguntas, por exemplo, aqui eu não podia pegar um ônibus que já tinha pessoas perguntando se era de nascença, o que foi que houve, se não tinha cura, essas coisas você não encontra em Londres. Curiosidade sempre tem em qualquer cultura, só que lá é mais discreto, eles esperam lhe conhecer um pouco mais para poder perguntar, e as perguntas são mais: como você faz isso? como você faz as compras? Não são perguntas como aqui: Qual foi a doença? Já fez algum tratamento? As coisas pessoais só quando você realmente está fazendo uma amizade maior, que eles querem perguntar. Mas preconceito existe em qualquer sociedade. Para mim eu classifico as pessoas em três tipo: Tem tipo de pessoas que por personalidade é confortável com pessoas diferentes sem que você precise fazer nada, não quer saber a cor da sua pele, se você tem deficiência, se você é feio ou bonito, tem pessoas assim abertas, então você não precisa dizer nada, explicar

nada, de começo eles já vão lhe aceitar pelo que você é. Tem as pessoas no outro extremo que são cabeças duras, não adianta você dizer que é educada, que mora sozinha, que faz as compras, que se vira, não adianta que eles não querem saber, só pelo fato de você ser deficiente seja em que for, se for asiático, que na Inglaterra é uma etnia não muito respeitada, ou por você ser deficiente, ou porque você é negro, feio, gordo, seja lá o que for, não adianta, com essas pessoas não perco nem tempo, a não ser que seja alguém do trabalho que você tem que contornar, ou que chegue ao ponto que estão atrapalhando a sua vida e você tem que fazer uma reclamação formal aos recursos humanos. Isto já aconteceu comigo muito raramente, muito raramente. A maioria das pessoas está no meio dos dois, que são tipos de pessoas que você tem que ganhar, você tem que trabalhar para ganhar essas pessoas, então a maioria das pessoas são assim, assim que elas me conhecem tem várias perguntas, mas não vão perguntar porque são educados, mas querem saber, só que não podem perguntar, é uma mistura de curiosidade com admiração, com medo, não é tanto preconceito no sentido de não quero saber, não quero me envolver, mas assim, é uma coisa diferente que eles não conheceram, não tiveram experiência. Então você sente que as pessoas estão sobressaltadas quando eu me levanto da mesa e vou pegar um café, eles fazem hammm, você sente que eles pensam que vou fazer alguma coisa que vou cair, que eu vá me queimar com a água do café, que eu vá fazer alguma besteira, então existe muito isso. Toda vez que eu conheço uma pessoa nova tem que deixar um tempo para eles vêem que eu estou fazendo as coisas para que eles mesmo percebam: Pôxa, como é que uma pessoa que trabalha aqui no lugar onde eu trabalho atendeu o telefone? Levantou e pegou um café e mora sozinha? Eu morei com amigos como tem muitos ingleses que moram com amigos, então eles vão começar a perceber. Eu chego no trabalho de trem, as vezes encontro no trem, aí aos poucos eles vão percebendo que pode ser que eu faça as coisas um pouco diferente, mas atinjo os mesmos objetivos, e aí qualquer, não diria preconceito, mas qualquer curiosidade e perguntas, começam a ser respondidas naturalmente. Eles não precisam tanto perguntar, porque eles mesmo começam a perceber como é que as coisas acontecem, então tem muito, muito isso.

Não importa se estamos no Brasil ou em qualquer outra parte do mundo, o preconceito e a intolerância existem seja por causa da cor da pele, da classe social, do nível de instrução, do *status*, da preferência sexual, da religião, seja devido a algum tipo de deficiência mental, sensorial ou física. Mas seu enfretamento favorece a transformação do pensamento em relação ao outro, não como um meio de fomentar a condescendência, pois, concordo

com Maturana ao referir que “o respeito é diferente da tolerância, porque a tolerância implica negação do outro, e o respeito implica em se fazer responsável pelas emoções frente ao outro sem negá-lo” (2001, p. 39).

Nesse sentido, a convivência pode ser um meio de estreitar as relações e possibilitar a compreensão sobre o outro, que do mesmo modo que eu, sente dor, tem emoções, dúvidas, navega entre o bem e o mal e faz escolhas. Ele está em mim, e também estou nele, somos semelhantes, apesar das nossas diferenças, pois integramos a espécie humana.

No caso da pessoa com deficiência, o estranhamento entre eu e esse outro, é uma linha tênue, visto que o ser humano está vulnerável a doenças ou a defrontar-se com um inesperado acidente, e se deparar com a necessidade de mudar para garantir o funcionamento do seu corpo. É o que nos conta o comovente relato de Edgard de Assis Carvalho, que ao sofrer um acidente (atropelamento) no final do ano de 2004, ver-se diante de uma nova realidade:

Reconheço que terei de empreender amplos esforços reais e simbólicos, para que a regeneração de meu corpo e de minha alma se efetivem. Sujeito de novo, terei de assumir iniciativas, vencer obstáculos, reaprender a viver, suportar minhas turbulências, conviver com minhas inquietudes. Terei, também, de enfrentar impensáveis desafios que reordenem a locomoção, a linguagem, a invenção, a acumulação de experiências, as memórias do corpo interrompidas desde aquela fatídica madrugada de 24 de outubro. (2005, p. 44).

Vítima de politraumatismo teve a sua capacidade de locomoção afetada, e o uso da cadeira de rodas foi iminente; substituído, mais tarde, pela bengala. Após intensivo e doloroso tratamento, seu corpo se regenera, mas ele já não é o mesmo, porque a experiência suscita novos conhecimentos: “Surpreendo-me com iniciativas advindas desse modo restaurado de ser e de entender o mundo (...) o acidente ampliou minha compreensão da vida e dos homens”. (ibid, p. 131, 132).

Assim, o inesperado pode desencadear mudanças que afetam o aparato biológico humano e impor novos modos de vida.

3. CONTROVÉRSIAS: O VISÍVEL E O INVISÍVEL

Lembro-me quando era criança, entre os cinco, sete anos de idade, brincava com minhas vizinhas um jogo chamado cabra-cega. Nesta brincadeira um participante deveria ter os olhos vendados e tentar pegar os outros que estavam à sua volta. Aquele que era tocado pela cabra-cega tomava o seu lugar e o jogo recomeçava; toda vez que colocava a venda sobre meus olhos achava que ser cego é viver no escuro.

Também foi assim que me senti durante as aulas de orientação e mobilidade, realizadas durante o curso de tiflogia. Alguns dos exercícios praticados nesta disciplina exigiam que por alguns momentos os alunos tomassem o lugar de uma pessoa cega e, com os olhos vendados caminhassem pelas ruas, subindo e descendo escadas, e utilizando o transporte coletivo. Durante os referidos exercícios, mesmo no curto tempo de sua duração, eu sentia uma imensa angústia, como se estivesse caminhando no vazio, em um túnel escuro, distante de encontrar a saída. A partir dessas vivências imaginei que estar cega é viver numa noite sem estrelas, onde as cores não habitam. Mas Rosa, que passou pela experiência de enxergar até os 16 anos, tem outra opinião:

As pessoas dizem que estão na escuridão, eu acho assim, não sei os outros cegos, mas eu não me sinto na escuridão. Eu me sinto em um mundo sem cor, sem claro, sem escuro, uma coisa que eu nem sei explicar direito. Quando você passa uma venda nos seus olhos, você vê alguma coisa preta, mas para mim, vejo sem nada, uma tela sem nada. Não é escuro nem é claro porque se ele fosse escuro ou claro é porque a pessoa tem alguma visão. Imagina assim uma tela sem nada, nem luz, uma coisa acinzentada. Eu me lembro das cores e as cores para mim são assim: se eu pensar no vermelho eu não vou pensar naquele vermelho que você vê, aquele vermelho vivo, eu digo que minhas cores são mais desmaiadas, são mais apagadas, porque vão apagando com o tempo, como eu já tenho muito tempo, já tenho 40 anos de cegueira, bem, a imagem vai ficando mais distante, entendeu? Mas não é escuro, não é escuro nem é claro.

Marcos Queiroz, autor da autobiografia *Sopro no Corpo: vive-se de sonhos*, ficou cego em decorrência da retinopatia diabética, os vasos sanguíneos dos olhos “vão se entupindo de açúcar até que chega a hora em que a pressão do sangue os faz estourar” (2005, p. 22). Aos poucos foi percebendo a redução da sua capacidade visual, com o passar do tempo essa capacidade foi diminuindo mais rapidamente até que passou a diferenciar contrastes e finalmente, um dia acordou e estava tudo vermelho. Na verdade, “todo ambiente era uma mistura maluca de bege com vermelho. As paredes e o chão eram beges, o vermelho minha vista colocava. Ficava uma mistura de cores enervantes” (ibid, 44), mas depois de algum tempo *blackout*.

Michele quando criança diferenciava claro e escuro, mas atualmente:

Eu não tenho percepção de luz, luz que indica claro e escuro. Eu considero que o mundo da pessoa cega não é escuro, não é porque ela é cega que ela não pode ter acesso, mas se você fala da luz, luz que determina claridade, aí consideraria.

Ela utiliza a ideia de escuro como metáfora para indicar a falta de acesso, um tipo de exclusão, mas sobre a condição da cegueira considera ser a ausência da luz. Do mesmo modo, a poesia de Glauco Mattoso expressa a cegueira como escuridão:

(...)
Depois que fiquei cego, ninguém nega, meu amanhã jamais sou eu que escolho. Se é noite o dia todo, eu só me encolho, pois sei onde é que o pontapé me pega.
No fundo, a sensação que mais molesta é estar preso no escuro do porão enquanto quem enxerga faz a festa.²⁶
(...)

De acordo com Borges o preto representa o escuro, é a cor que mais falta ao cego, como também o vermelho e o amarelo, a primeira cor que aprendeu a gostar. Acredita que o mundo da cegueira não é como as pessoas

²⁶ MATTOSO, Glauco. Desolado. In **Jornal da Besta Fubana**, em 28 de junho de 2008. Disponível em: <http://www.luizberto.com/?m=200806&paged=2>. Acesso em 10/05/2010.

pensam: “Eu que tinha o costume de dormir em plena escuridão, me incomodou durante muito tempo ter que dormir neste mundo de neblina, de neblina verdosa e azulada e vagamente luminosa que é o mundo do cego” (2009, 140).

A relação cegueira e escuridão expressa a dicotomia luz e treva, na qual a treva é associada a um conjunto simbólico prenhe de negatividades. Mas para o cego os olhos são como áreas de silêncio, que não se comunicam com o mundo exterior. É frequente também ouvir falar que o cego tem a visão do invisível, é capaz de “ver” o que os olhos jamais poderiam. Mas será este um privilégio da cegueira? Será que as pessoas cegas também acessam o visível?

Desde que comecei a pesquisar sobre a tiflose, e, por conseguinte, sobre a visão, tenho encontrado argumentos que abordam o visível para além do funcionamento dos olhos ou de todo o aparato cerebral que os envolve. Quanto ao invisível, autores como Carlos Castañeda relaciona-o à clarividência, à visão interior, à imaginação, aos significados, etc. As experiências vividas por Castañeda (2009) junto a Dom Juan, índio *yaqui*, habitante de Sonora, cidade do oeste mexicano, confirmam tais relações.

Segundo os ensinamentos do índio *yaqui*, a capacidade de usar a visão não indica que o indivíduo saiba ver. Neste caso, ele apenas olha. Olhar e ver se constituem em diferentes percepções. Enquanto o primeiro diz respeito apenas à forma que nos habituamos a perceber as coisas ao nosso redor, o segundo vai mais além, e exige que o homem penetre na essência das coisas. Para ver, é preciso ultrapassar a racionalidade e deixar-se invadir pela sensibilidade e intuição. Segundo Castañeda é o invisível que permite perceber as sensações que envolvem o som, o movimento, o cheiro e a visão, tal percepção transpõe o homem para outros mundos. Não é uma tarefa fácil, é necessário um intenso treinamento.

Para ver é preciso aprender, e esta não é uma prerrogativa apenas para enxergar o invisível, como ensina Dom Juan, mas também, para entender o que está ao nosso redor. Não funciona como o milagre do cego de Jericó que, ao ser tocado por Jesus, é capaz de enxergar e ter a compreensão imediata sobre o mundo. Um exemplo emblemático desse fato, é tratado por

Sacks, em 1991, no Estado de Oklahoma, localizado no Centro-Oeste dos Estados Unidos. Virgil, cego desde a tenra infância, construiu a sua relação com o mundo a partir da cegueira, aprendeu a ler e a escrever em Braille; a andar com bengala, etc. Aos quarenta e cinco anos, após realizar um procedimento cirúrgico para a remoção de catarata, voltou a enxergar.

Ao descrever suas percepções sobre esse caso, Sacks observa que “o comportamento de Virgil não era por certo o de um homem de visão, mas também não era o de um cego. Era, antes, o comportamento de alguém mentalmente cego, ou agnóstico – capaz de ver e não decifrar o que está vendo” (2006, p. 122). O autor considera que uma pessoa de visão normal realiza um percurso de aprendizagem sobre os objetos, indivíduos, formas, contornos, espacialidades, diferenças de cores que durante a vida compõem uma memória visível. Virgil não possui tal memória, então como poderia reconhecer coisas, pessoas e animais com a visão se não foi assim que aprendeu a lidar com o mundo? Como saber o conteúdo, as formas e as cores, sem antes tê-las experimentado por meio do visível? Segundo Virgil, caminhar era “assustador e confuso sem o tato, sem sua bengala, com suas noções incertas e instáveis sobre o espaço e a distância” (idem, p. 124).

As experiências de Castañeda e Virgil exigem um reordenamento da capacidade de ver, o primeiro empreende uma busca pela visão que vai além do uso dos olhos; o segundo necessita aprender a usá-los. Ambos os casos denunciam diferentes possibilidades de acessar o visível e o invisível.

Segundo Maurice Merleau-Ponty o olhar é um sobrevôo sobre as coisas visíveis, uma apalpação do olho sobre o entorno. Para ver, inicialmente, é preciso que o indivíduo pertença a esse mundo sensível. Por meio de seu corpo ver e é visto, toca e é tocado, etc. Ele está na ordem do sujeito e na do objeto e esta reversibilidade não se restringe apenas ao visível, envolve também o invisível, porque um é o avesso do outro, se complementam mutuamente (2007, p. 130, 147). O visível é esse mundo tangível que nos rodeia, o ser, as coisas e a natureza que é compreendida mediante o invisível que se expressa no som, na linguagem, no significado. Merleau-Ponty argumenta:

Assim como há uma reversibilidade daquele que vê e daquilo que é visto, assim como no ponto em que se cruzam as duas metamorfoses nasce o que se chama percepção, assim há também, uma reversibilidade da fala e do que ela significa; a significação é o que vem selar, fechar, reunir a multiplicidade dos meios psíquicos, fisiológicos, linguísticos da elocução. (ibid, p. 148, 149)

O significado revela-se na intersecção das experiências de um ser com o meio e com outros seres, pela engrenagem de uns com os outros. Como parte desta engrenagem se destacam os órgãos dos sentidos, são espécies de elos que integram o conhecer, entendendo-os, não como simples condutores de informações, mas como elementos que interagem com o córtex e modelam a aderência do percebido ao contexto.

A percepção é um ato inacabado, um mesmo objeto pode adquirir diferentes expressões, dependendo do observador e da maneira como este o observa, e a fluidez perceptiva faz o elo com a consciência, local onde ocorre a relação entre a ideação e o percebido, ou seja, entre a transcendência da imaginação e o que é inerente ao objeto. O conhecimento se efetiva então, na relação dialógica entre a vivência e a imaginação.

(...) a consciência dispõe de duas maneiras para representar o mundo. Uma direta, na qual a própria coisa parece estar presente no espírito, como na percepção ou na simples sensação. A outra indireta quando, por esta ou por aquela razão, a coisa não pode apresentar-se “em carne e osso” à sensibilidade, como por exemplo, na recordação da nossa infância, na imaginação do planeta Marte (...). em todos estes casos de consciência indireta, o objeto ausente é re-presentado na consciência por uma imagem, no sentido muito lato do termo. (DURAND, 1993 p. 07).

De certo que, para Durand, não há uma linha precisa que separe um nível do outro, ele efetua tal distinção para uma melhor compreensão da articulação entre o objeto e a imaginação. Nesta articulação encontra-se o símbolo que estabelece a conexão entre o mundo e o eu. Ele pertence à categoria do signo, aqui compreendido em seu caráter alegórico apresentando uma realidade significada dificilmente apresentável (ibid, p. 8)

O símbolo é dinâmico e ganha significado de acordo com a visão de mundo existente em cada cultura. Está presente nos rituais, nos mitos, na literatura, e estabelece a relação entre a imagem e o imaginário.

Na relação da imagem percepção, imagem-recordação, proliferam imagens que vão influenciar novas invenções e novos signos. “No aparecimento do homem imaginário junta-se indissolivelmente o homem imaginante (MORIN 1999, p. 102). Na dialogia entre os objetos e a mente humana é que vai se constituir a estética do mundo exterior, e nesse movimento, segundo Morin, a sensibilidade vai além do simples olhar; a visão como desenvolvimento primordial para apreensão das imagens, não é única, envolve todos os sentidos do corpo, não apenas os que somos acostumados a referir como no caso da visão, olfato, tato, paladar, audição, mas também a cinestesia e a propriocepção²⁷; e na relação conjunta de todos os sentidos se constrói a sensibilidade estética sob as coisas do mundo.

Os olhos das pessoas cegas são áreas de silêncio, por isso a capacidade de ver não se encontra no órgão da visão, mas nos demais sentidos do corpo que informam as coisas e os seres numa interface com a linguagem. Rosa argumenta:

Tocar e o ouvir também é ver.... a gente toca, a gente vê. Eu toco nesse pano eu sinto que é um pano. Na minha cabeça vem que não é um pano liso. Não é porque eu não estou sabendo que ele é liso; não é porque eu vou ver as cores; é porque são coisas tão sutis que a gente vai aprendendo durante a vida. Por exemplo, se eu toco no seu cabelo o que vai acontecer? O que eu vou pensar? Ele é um cabelo que para mim é mais seco do que aveludado.

As definições de Rosa sobre o liso, o aveludado, são exemplos da interface entre a percepção e a linguagem, entre o objeto e o conceito, e, por conseguinte, o significado. Ver, neste contexto, é sinônimo de conhecer; o conhecimento se encontra no fazer, ao mesmo tempo em que tudo o que se

²⁷ A Revista Scientific American dedicou uma edição especial sobre os segredos dos sentidos e afirma que as sensações apreendidas pelo corpo não se encerram apenas na visão, no tato, olfato, paladar e na audição. Há outros meios como a cinestesia (capacidade de sentir o movimento) e a propriocepção (capacidade de sentir as variações da temperatura e da pressão).

faz é também uma produção de conhecimento (MATURANA e VARELA, 2005). E se desenvolve num processo contínuo de retroalimentação que envolve habilidades variadas de acordo com as experiências vividas e o aparato cognitivo. Desta forma, o tato é uma via de acesso para conhecer/ver/sentir o tangível, mas não é o substituto dos olhos, como é comum ouvirmos dizer que ele é olho do cego. Sobre este aspecto Michele argumenta:

Meu cérebro recebe a imagem, minha visão não é total é o meu cérebro que vê. Eu acho que a gente tem que ter cuidado quando se diz que o tato é o olho do cego, o tato é uma forma que a pessoa cega se utiliza para ver as coisas, mas é preciso ter cuidado. É o mesmo que dizer que o vidente vai ser os olhos da pessoa cega. Não sei se você ouviu isso? Mas já ouvi muito, até no colégio chegava um professor para uma colega e dizia assim: Olhe, você vai ser os olhos dela. Que olho de ninguém. Cada um tem que ter a sua forma de ver. Eu vou me utilizar sim, do sentido do tato para ter acesso às coisas, mas meu olho está aqui, embora não funcione, e têm os sentidos remanescentes, a audição, o olfato, o paladar...

Rosa compartilha da mesma opinião:

O tato é importantíssimo, mas eu não vou poder estar tocando em você, no seu rosto para ver se seu rosto é gordinho, se seu rosto é magrinho, eu acho anti-higiênico. Eu acho, assim, constrangedor para a pessoa, você está passando a mão na pessoa para ver. O ver para o cego é tocar, é ouvir. Quando eu entro em um lugar eu sinto pelo ouvido se o lugar é grande ou se é pequeno, sinto sabe por quê? Não sei se é o ar que está circulando e a gente percebe pelo ouvido. O cheiro também dá, se eu passar por um shopping, eu falo no shopping porque é um lugar por onde a gente anda mais tranquilo. Se eu passar por uma loja eu sei que aquela loja é de sapato, entendeu, é que tem cheiro de sapato.

O tato, de acordo com Michel Serres, é o sentido mais privilegiado, não se concentra apenas em nossos dedos, mas se espalha por todo o corpo, através da pele que é o véu que nos reveste. Ele pode acessar o objeto sem vê-lo, apenas tocando-o, ao mesmo tempo em que convida o corpo a sentir o rugoso, o liso, a profundidade das formas, o contorno, etc.

A capacidade de cada sentido é ilimitada e por vezes uns prevalecem sobre os outros, como Hermes que mata Argos utilizando a música que sai da flauta de Pã. O poder de Argos vem da visão, dos seus múltiplos olhos que tudo vigia; mesmo quando dorme, metade deles fica aberta. Mas Hermes usa de sua astúcia e empreende a luta da visão contra a audição; com uma melodia que sai da flauta dá fim à vigília, e os cem olhos adormecem, podendo se aproximar e matar o gigante, cumprindo, enfim, a ordem de Zeus (2001, p. 41). O som mostra, assim, um poder invisível:

se a visão fornece uma presença, não o som (...) o olhar nos deixa livres, a audição nos cinge; quem se livra de uma cena abaixando as pálpebras, cobrindo os olhos com as mãos, ou voltando as costas e fugindo, não consegue se livrar de um clamor. Nenhuma divisória, nenhuma bola de cera bastam para detê-los, qualquer matéria, a rigor, vibra e conduz o som, sobretudo a carne. (...) Visão local, audição global (...) o som não conhece obstáculos. (ibid, p.42)

O cheiro, o sabor e a temperatura também são elementos que provocam sensações que, tal como o som, fazem parte do invisível. Segundo as opiniões de Rosa e Michele citadas, anteriormente, todos esses sentidos fazem parte do ver, e contribuem para a construção da imagem que se localiza no cérebro. Sobre esse aspecto Jamile comenta:

Uma pessoa que perde a visão retinóica desde que seu cérebro não seja lesado preserva o que se chama de visão cerebral. Isto significa que o cérebro desta pessoa se mantém intacto respondendo aos estímulos dos sentidos restantes da mesma forma que responderia ao estímulo da visão. Portanto, quando eu seguro uma caixa de sapato com as minhas mãos e uso o meu tato para sentir os seus contornos, eu estou mandando para o meu cérebro a mesma mensagem que os meus olhos mandariam se eu pudesse ver a dita caixa. O meu cérebro por sua vez, interpreta a informação da mesma forma que a interpretaria se eu não tivesse perdido a visão, eu não sei se a percepção das pessoas que nasceram cegas é diferente.

Segundo Rosa:

O cego enxerga pela imaginação, porque é engraçado, eu estou conversando com você, e você pode me perguntar como é que eu lhe imagino? Eu posso até dizer, e vai ser completamente

diferente do que você é, mas eu já sei que toda vez que me falarem em Sandra aí vem aquela imagem que eu faço de você, não significa que é bonita, que é feia, significa uma pessoa, uma imagem que eu faço de você, entendeu? Eu sei que você não é tão alta, eu não perguntei muito como você é, porque eu não costumo perguntar como a pessoa é. Então eu acho que você parece uma pessoa mais ou menos baixa, e com umas feições assim bem meiga e bem tranquila. Seus cabelos, eu vi o tamanho deles quando você me tocou uma vez para me ajudar a sair do carro.

Bachelard argumenta que a imagem percebida e a imagem criada (imagem imaginada) são categorias diferentes: “tudo aquilo que é dito nos manuais sobre imaginação reprodutora deve ser creditado à percepção e à memória. A imaginação criadora (...) cabe a essa a função irreal que é (...) tão útil como a função real” (2001, p. 3). Ambas são responsáveis pelo ajuste do humano ao contexto cultural e estão presentes tanto no devaneio quanto no sonho.

Os depoimentos de Michele, Jamile e Rosa sugerem imagens perceptivas, mas ao mesmo tempo também são criadoras, porque cada uma estabelece uma imagem diferente em relação a um mesmo objeto ou a uma mesma pessoa. Por exemplo, Rosa diz que ao me conhecer constrói uma imagem de quem sou sem me tocar, apenas me ouvindo; é uma percepção pessoal, pois os traços que formam o meu rosto podem não ser aqueles que de fato compõem a minha face; mas, segundo ela, há uma imagem que lhe permite me identificar. Já na imaginação de Michele poderei ser de outra maneira.

Recentemente li o artigo: *Como os Cegos Sonham* de Beto Ugarte²⁸, o seu conteúdo aborda uma reflexão sobre sonhos de cegos congênitos ou daqueles que “perderam a visão” na tenra infância. Segundo os depoimentos constantes no referido artigo, no sonho dessas pessoas, geralmente, não há imagens visuais, diferente de quem deixou de enxergar na adolescência ou na vida adulta. E o autor observa: “Não me atreverei a dar uma resposta mais genérica, pois ainda existem poucas pesquisas a esse respeito. Tratarei

²⁸ Beto Ugarte é cego desde os nove meses de nascido. Seu texto encontra-se no site: <http://www.bengalalegal.com/comosonham.php>.

de responder a essa pergunta através de minha própria experiência, e a de outros cegos”, a exemplo de Ana Marim, cega de nascença que refere:

Geralmente meus sonhos se repetem e as pessoas com quem sonho também. Sonho que estou com meus pais, em casa ou no carro, ou caminhando com meus amigos. Em meus sonhos não os vejo, mas sei que estão ali, que me falam. Eu os escuto e respondo. Uma vez sonhei que estava viajando para Cuzco em um avião em companhia de minha irmã e uns amigos. E eu lhes dizia:

- Como vamos chegar? É possível que nos afete a altura. E eles diziam:

- Não importa. Anime-se e vamos. Se tivermos problemas, regressamos.

Em meus sonhos não vejo, porém em ocasiões posso cheirar. Já sonhei que comia e que podia cheirar, saborear a comida.²⁹

Outro exemplo, referido no texto de Ugate é o de Fernando Montez, cego congênito:

Em meus sonhos nunca vejo, mas posso escutar, falar, inclusive cheirar. Assim mesmo, muito poucas vezes sonho que caminho na rua com a bengala, embora, na vida real, eu o faça muitas vezes. Algumas vezes sonho que converso ou me dirijo a pessoas cujas vozes, em realidade, nunca escutei antes. Por exemplo: sonhei que conversava com uma menina e, como é óbvio, ouvia sua voz. Entretanto, nunca a escutara falar na vida real, embora a tenham descrito para mim. Certa ocasião, lendo um famoso romance, sonhei que falava com uma mulher, uma das personagens da obra e, apesar de ser um personagem totalmente fictício, no sonho pude ouvir sua voz. Outra vez sonhei que me encontrava na praia com umas amigas que só conhecia no sonho. Eu conversava com elas contente quando veio uma onda gigantesca, mas antes que esta onda chegasse até mim, fui levantado no ar por uma ventania: pude sentir (tato) claramente como aquele forte vento me levantava. Permaneci no ar durante uns 7 a 10 segundos, quando caí lentamente, além de um pequeno muro que estava perto da praia, onde se encontravam minhas amigas, que comentavam, de forma breve, o que eu havia passado. Logo segui falando com elas, feliz e ileso³⁰.

²⁹ Angela Marím, 27 anos. Cega total de nascimento, depoimento in UGATE, Beto. **Como os Cegos Sonham** disponível em <http://www.bengalalegal.com/comosonham.php>. Acesso realizado em 30/05/2010.

³⁰ Fernando Montez, 29 anos. Cego desde os 9 meses de nascido, com cegueira total. Depoimento in UGATE, Beto. **Como os Cegos Sonham** disponível em <http://www.bengalalegal.com/comosonham.php>. Acesso realizado em 30/05/2010.

Mas, no diálogo entre as três irmãs - cegas congênitas - que protagonizam o documentário *A Pessoa é para o que Nasce*, o sonho contém imagens visuais:

Maria – Quando a gente está sonhando é bom demais, a gente vê as coisas.

Conceição – Vê as plantas.

Maria – Anda pra todo canto só, e não é nunca que nem agora.

Conceição – Quando está sonhando vai pros cantos e vem sozinha.

Regina – A gente vê coisa bonita.

Conceição – Vê tanta coisa bonita.

Regina – É por isso que o povo diz que tem hora que o cego vê.

Conceição – É quando tá sonhando

Maria – Agora, eu já sonhei, sonhei vendo o mar. Agora, quando eu sonhei a água estava muito forte. Eu achei bonito e tive medo, porque nunca vi! Quando acordei, eu disse: será que o mar é desse jeito que eu sonhei?³¹

O espaço onírico, segundo Bachelard (1985), é o lugar dos movimentos imaginados, um convite à liberdade, ao desejo e até ao indesejado. Mas, os depoimentos aqui apresentados divergem quanto à existência de imagens visuais nos sonhos de pessoas que nasceram cegas. Estudos realizados por psicólogos da *Universidade de Hartford* sugerem que cegos congênitos ou que perderam a visão antes dos cinco anos de idade raramente sonham com conteúdos visuais; o mais comum é sentir as sensações mais fortes do paladar, do tato e de olfato. No entanto, crianças que deixaram de enxergar após os cinco anos, normalmente, continuam sonhando com imagens visuais, embora a assiduidade e a nitidez diminuam no decorrer do tempo³².

Ao realizar estudos sobre a imaginação de pessoas cegas, Sacks (2009) apresenta controvérsias quanto a presença de imagens visuais em indivíduos que deixaram de enxergar na vida adulta, como é o caso de John

³¹ A PESSOA é para o que nasce. Direção Roberto Berliner. Rio de Janeiro. TvZERO. 2004.

³² O'Connor, Anahad. Deficientes visuais podem sonhar com imagens. **The New York Times**, 18 de dezembro de 2008. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI3400851-EI238,00.html>. Acesso em 30/05/2010.

Hull que aos 13 anos de idade foi acometido por catarata, 4 anos mais tarde perdeu a visão do olho esquerdo, até os 35 anos a visão do olho direito foi sendo reduzida e aos 48 anos ficou cego total. Segundo o autor, Hull após torna-se cego gradualmente foi perdendo a capacidade de formar imagens e sua memória visual foi extinta, exceto nos sonhos.

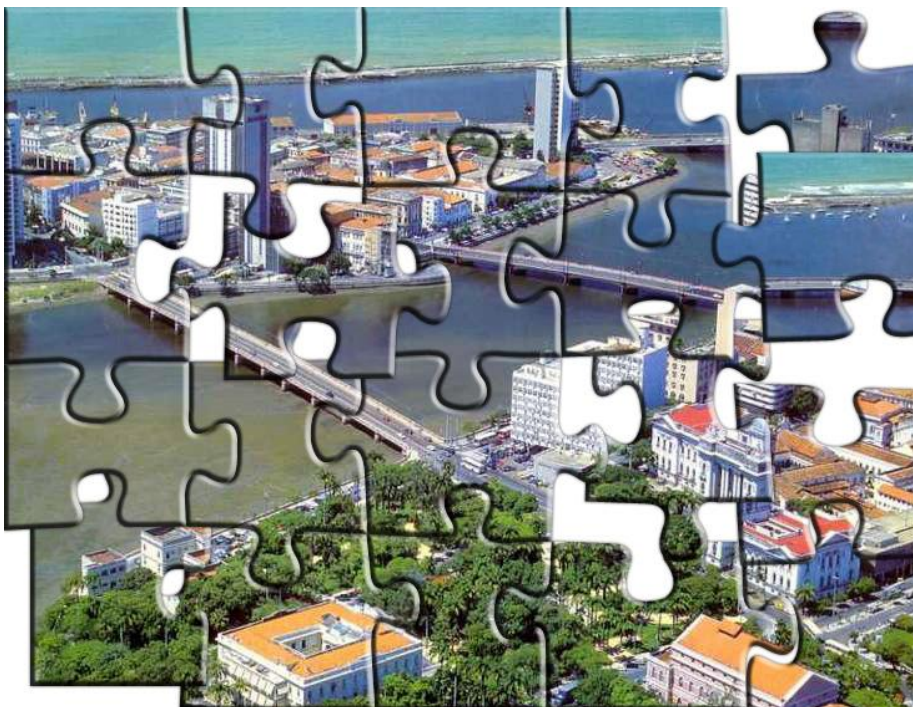
Já Sabriye Tenberken, um caso também apresentado por Sacks, é deficiente visual desde o nascimento, mas até os doze anos discernia rostos e paisagens. Sua condição de cegueira não a impediu de construir “imagens mentais tão vívidas e detalhes que maravilham os ouvintes” (ibid, 188). Um exemplo é a descrição do grande lago salgado do Tibete que ao visitá-lo, o vê por meio da sua imaginação:

“uma praia de sal cristalizado tremeluzindo como neve ao sol do entardecer, na orla de uma grande massa de água turquesa. [...] E embaixo, nos flancos verde-escuros da montanha, alguns nômades vigiam seus iaques a pastar”. Acontece que ela não estava “olhando” para o lago – voltada para outra direção, “fitava” rochas e uma paisagem cinzenta. Tais disparidades não a desconcentravam nem um pouco. Ela gosta de possuir uma imaginação tão vívida. É uma imaginação essencialmente artística, que pode ser impressionista, romântica e nada verídica. (ibid, 188).

A existência ou não da imagem visual na imaginação da pessoa que nasceu cega, que perdeu a visão na tenra infância ou na idade adulta, penso que ainda necessita ser amplamente investigada, mas os sonhos contados por Ana e Fernando, os relatos de Rosa, Michele, Jamile e Sabriye, assim como os sonhos de Maria, Regina e Conceição, são pistas que levam a crer que a capacidade imagética também se constitui pelo tato, olfato, paladar, audição, cinestesia e propriocepção.

Os depoimentos comunicam conteúdos diferentes aos comumente retratados quando se fala da imaginação; sobre isto, pode-se supor que a capacidade imagética do humano não é constituída apenas por imagens visuais, pois, se assim fosse, pessoas cegas não imaginariam nem criariam sonhos e devaneios. Como diz Rosa: “nós (cegos) vivemos igual a quando você lê um livro, você vai imaginando as coisas da forma que está sendo

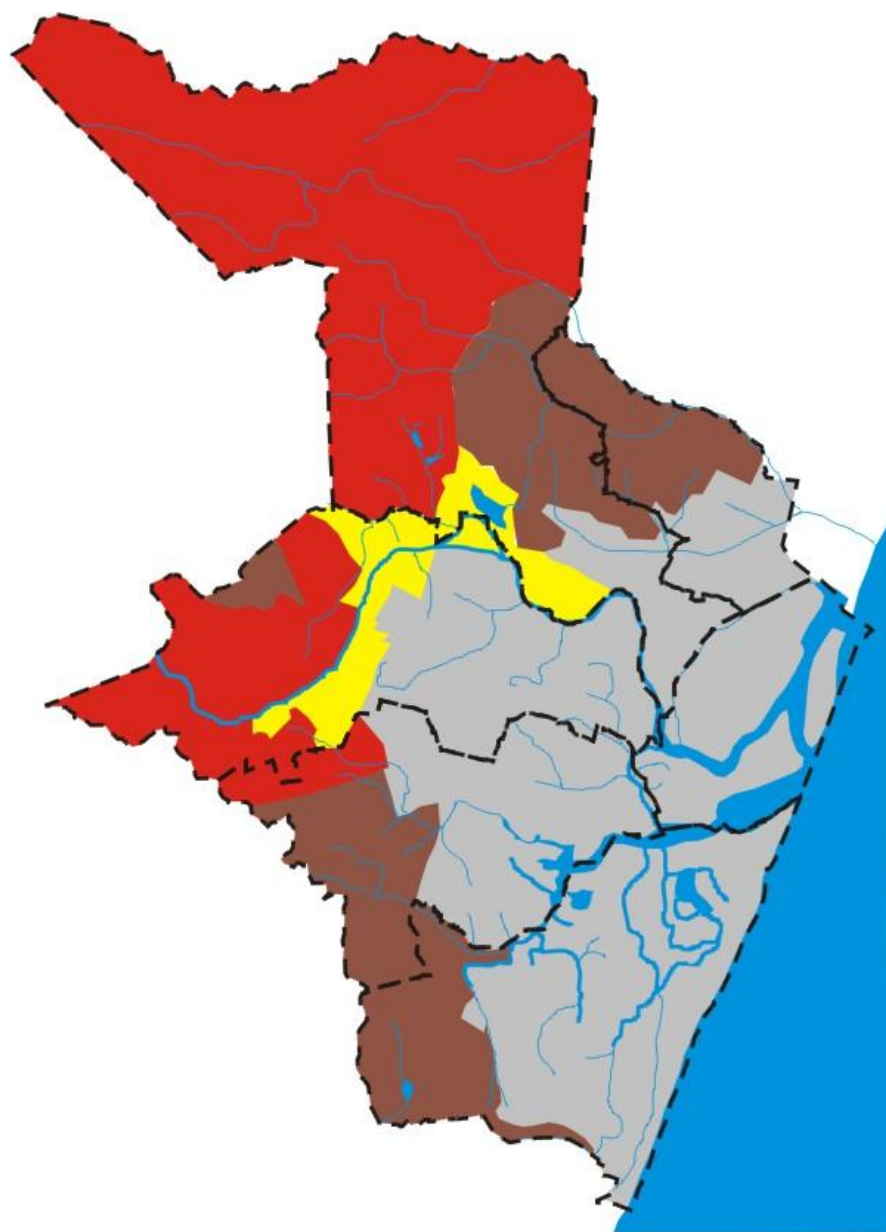
descrita, na cegueira tudo é muito sutil, porque o nosso mundo é imaginário, e imaginário para a gente é real.” Assim é também o mundo de qualquer pessoa que enxergue porque o imaginário é dinâmico, não se reduz a capacidade de criar imagens, é potência organizadora de estar no mundo.



CAPÍTULO II

CARTOGRAFIA DO SENSÍVEL: NARRATIVAS SOBRE O RECIFE

Figura 01 - MAPA DO RECIFE

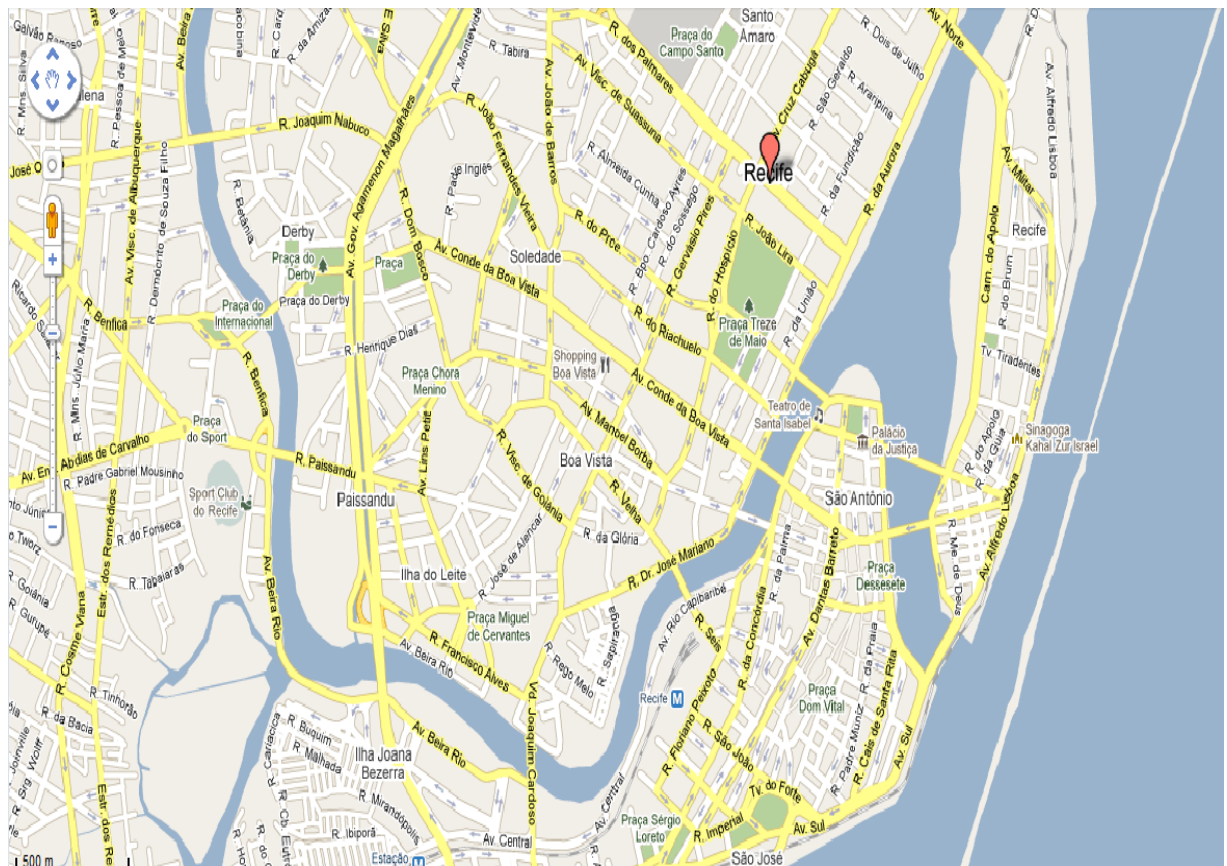


LEGENDA

-  Zona de Urbanização Preferencial 1 - ZUP 1
-  Zona de Urbanização Preferencial 2 - ZUP 2
-  Zona de Urbanização dos Morros - ZUM
-  Zona de Urbanização Restrita - ZUR
-  Limite RPA

Fonte: PCR/SEPLAM/DIRBAM/DEIP

Figura 02 – Mapa das Principais Ruas Citadas pelos Interlocutores de Pesquisa



*Que humano era o toque metálico dos elétricos! Que paisagem
alegre a simples chuva na rua ressuscitava do abismo! Oh,
Lisboa, meu lar!*
Fernando Pessoa.
(*Livro do Desassossego*)

*Não se sabe se Kublai Kan acredita em tudo o que diz Marco
Pólo quando este lhe descreve as cidades visitadas (...), mas o
imperador dos tártaros certamente continua a ouvir o jovem
veneziano.”*
Ítalo Calvino
(*As Cidades Invisíveis*)

*Genebra, um pouco a semelhança do Japão, renovou-se sem
perder seus ontens. Permanecem as vielas montanhosas da
Vieille, permanecem os sinos e as fontes, mas também há
outra grande cidade de livrarias e lojas ocidentais e orientais.*
Jorge Luís Borges
(*Atlas*)

*Recife das revoluções libertárias
Mas o Recife sem história nem literatura
Recife sem mais nada
Recife da minha infância (...)*
Manuel Bandeira
(*Evocação do Recife*)

1. ITINERÁRIOS DA MEMÓRIA: REFLEXÕES SOBRE A CIDADE

Fernando Pessoa no *Livro do Desassossego* fala de uma cidade percebida através dos olhos de Bernardo Vieira³³, um *flâneur*, que encontra em cada canto de Lisboa uma poesia. Aqui o olhar do poeta traduz a cidade real para uma cidade imaginária, única e própria, constituída a partir da percepção do observador. Na leitura deste livro conhecemos uma nova Lisboa, uma Lisboa que antes era invisível aos olhos dos demais transeuntes. Do mesmo modo, Kublai Khan, por meio da imaginação de Marco Pólo conhece as cidades de seu reino, também cidades invisíveis que vão sendo descobertas a cada relato do

³³ Heterônimo de Fernando Pessoa.

seu visitante.

Como sempre quem viaja tem uma história para contar, Jorge Luís Borges oferece ao leitor uma cartografia de lugares visitados, construída por meio de suas sensações, imaginação e recordações. Mas também, o viajante, onde estiver, traça caminhos de memória e relembra locais distantes, vividos em tempos remotos; é o que faz Manuel Bandeira em sua poesia, revive nos becos, ruas e avenidas do Recife, sua infância e juventude.

Assim como Bandeira, também observo o Recife por meio da memória, porque nessa cidade nasci e gosto de morar. Lembro-me que em 1980, ao completar 11 anos de idade, fui cursar a 5ª série do 1º grau. Minha mãe achou que era hora de conhecer nossa cidade, além dos bairros da Iputinga e do Cordeiro. Fui estudar no *Liceu de Artes e Ofícios* que a época funcionava em uma construção do século XIX na Praça da República, bairro de Santo Antônio, Centro. Todos os dias durante os anos de estudos entre o primeiro e o segundo graus fazia o caminho da Av. Guararapes (local da parada final do ônibus), seguindo pela Rua do Sol e chegava à escola. De vez em quando esse itinerário se modificava e se estendia até o Gabinete Português de Leitura, na Rua do Imperador; ou à Biblioteca Pública situada próxima ao Parque Treze de Maio para realizar pesquisas escolares, ou simplesmente aproveitava a companhia dos colegas e andávamos até a feirinha de artesanato que funcionava diariamente na Ponte da Boa Vista.

Às vezes nos dirigíamos ao comércio para comprar encomendas de nossas mães. E as caminhadas contemplavam a Rua do Rangel, Direita, da Praia, Santa Rita, Mercado de São José, Pátio do Livramento, Nossa Senhora do Carmo, Pátio de São Pedro, etc. Dependendo da encomenda íamos para o lado contrário, atravessávamos a Ponte Duarte Coelho, caminhávamos pela Av. Conde da Boa Vista, Rua Sete de Setembro, Rua do Hospício, Praça Maciel Pinheiro etc.

A península onde o Recife nasceu (hoje conhecida como Recife Antigo), ainda nesta época, era lugar enigmático, lá funcionava o porto e também era conhecido como local de prostituição, não sendo recomendado se andar por aquelas bandas.

Recordo que nesse tempo as calçadas da cidade do Recife, na sua maioria, eram de pedras portuguesas pretas e brancas que formavam desenhos variados. As ruas: da Imperatriz, Palma, Nova e Duque de Caxias, tinham lojas com vitrines que agradavam aos olhos com sua beleza. Ainda não havia o hábito de frequentar *Shopping Center*, até porque o primeiro da cidade estava em construção, então era nessas vias onde se encontravam as melhores lojas como: *Mesbla, Slopper, Viana Leal, Casa das Rendas, Lojas Pernambucanas, Ele&Ela*. As calçadas também eram tomadas pelo comércio ambulante e ofereciam uma diversidade de produtos: artigos domésticos, copa e cozinha e também material escolar.

Naquele tempo a única coisa que me fazia ter medo eram os “*trombadinhas*,” meninos que faziam das ruas seu lugar de sobrevivência e que cometiam furtos principalmente de relógios, bolsas e carteiras.

Os dias de chuva eram problemáticos, muitas ruas alagavam dificultando o trânsito não só dos veículos, mas também dos transeuntes que ficavam com os pés ensopados, além das sombrinhas e guarda-chuvas que enroscavam uns nos outros. Mas mesmo com esses contratempos achava o Recife encantador, porque na adolescência esses transtornos, por vezes, pareciam uma aventura.

Esse é um pouco do Recife que faz parte da minha memória, lugar de andar com amigos, ir aos cinemas: *São Luiz, Veneza, Art Palácio e o Trianon*³⁴; lanchar na *Karblen*, comer um cachorro quente na *Cascatinha*; ou contar moedas junto aos colegas nos dias de vacas magras quando dividíamos um lanche no *Beco da Fome*³⁵; jogar fliperama em frente às *Lojas Americanas*...

Recordo da primeira vez que vi uma greve de ônibus no Centro da Cidade, acho que foi em 1981, os coletivos parados em fileira tomando a maior parte da Avenida Conde da Boa Vista, e uma multidão andava de cá para lá, buscando um jeito de chegar ao trabalho ou de voltar para casa. Foi também nos anos 80 que assisti um grande movimento pelas ruas da

³⁴ Atualmente apenas o Cinema São Luiz continua em funcionamento, os demais fecharam no final do século passado.

³⁵ Pequena rua onde se encontram diversas lanchonetes com alimentação a baixo custo.

cidade, era a volta da democracia em todo Brasil, as pessoas se preparavam para eleger, por meio do voto direto, o governador do Estado. Nessa época ainda não votava, mas gostava de ver as principais ruas do Centro tomadas por passeatas dos partidos que disputavam a eleição, principalmente, daqueles que eram constituídos por pessoas que foram presas ou exiladas na época da ditadura militar dos anos sessenta e setenta.

O Recife da minha memória, não é diferente dos dias atuais, era também violento, com tanta gente morando pelas ruas, com as palafitas e favelas que informam as contradições sociais e mostram que este lugar não se constitui apenas de bela poesia. É também lugar de conflitos sociais, que espelha as dificuldades de qualquer metrópole - violência, criminalidade, poluição, desorganização do trânsito, superpopulação, emigração rural, etc. Mas segundo Borges, na memória tudo é grato até a desventura (2010 p. 49); a memória é seletiva, joga com o que deve ser lembrado e esquecido.

Assemelhando-se a Fílide, cidade invisível narrada por Marco Polo ao Grande Kublai Kan³⁶, no Recife se encontra uma variedade de pontes, o seu desenho urbanístico se desenvolve em ilhas que se entrelaçam por meio de 49³⁷ delas, um cenário onde se misturam casarios e sobrados dos séculos passados com os altos edifícios de épocas recentes. As janelas que dão vistas para os rios apresentam variados modelos e espiam o movimento das águas doces e salgadas que circundam a cidade. São poucas as casas localizadas nas margens dos rios e do mar, atualmente elas dão lugar aos altos edifícios que na sua maioria, são habitações destinadas às classes médias e altas da cidade. Disponíveis aos olhos encontram-se diversas estátuas que embelezam as ruas, praças e pontes. O seu cartão postal mais conhecido é uma vista área do Centro da cidade que mostra uma beleza na qual se entrecruzam aspectos naturais (rios, mar, arrecifes) com sua arquitetura, desenhando um cenário estonteante.

³⁶ CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. 13ª ed. São Paulo. Companhia das Letras. 1990. p. 85.

³⁷ Fonte: <http://www.overmundo.com.br/guia/as-pontes-do-recife>. Acesso em 13/09/2010



Figura 3: Cartão Postal do Recife

Fonte: <http://www.revistanordeste.com.br/pernambuco/pe-arquitetos-discutem-no-recife-o-futuro-das-metropoles>



Figura 4: Palafitas – bairro dos Coelhos – Recife.
Foto: Sandra Araújo



Figura 5: Edifícios residenciais – margem do Rio Capibaribe – bairro da Torre.
Foto: Sandra Araújo

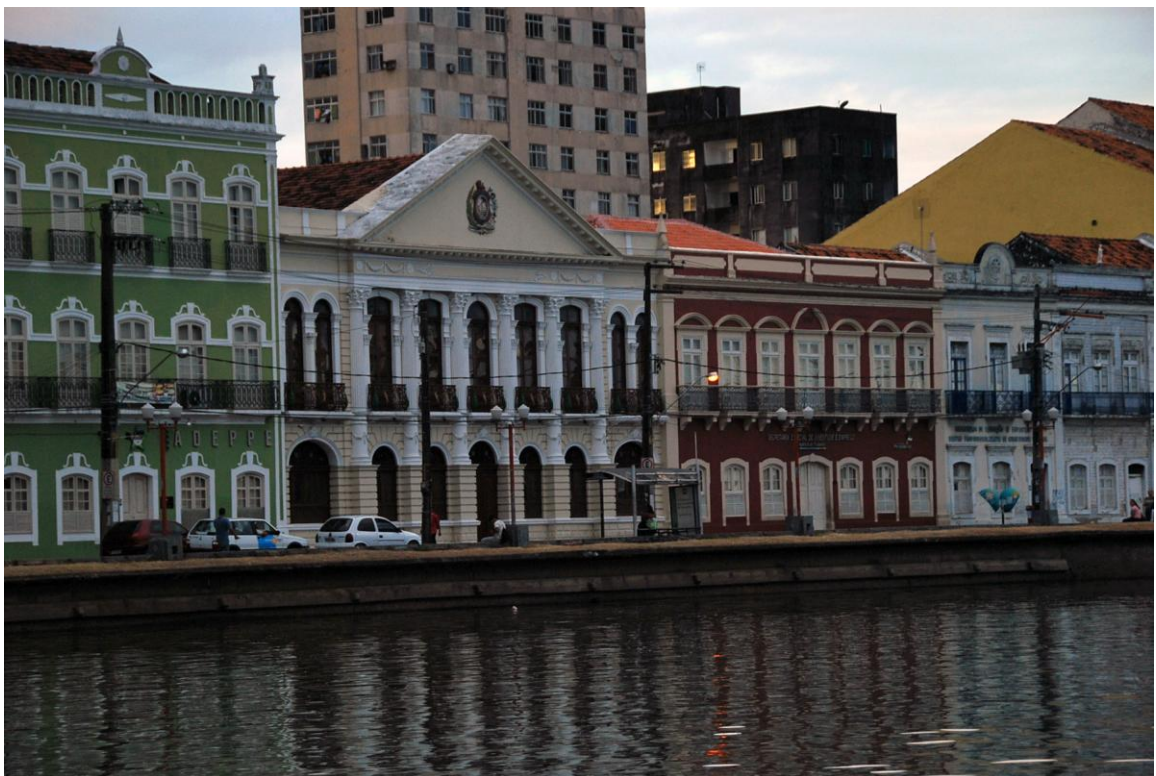


Figura 6 - Casarios Antigos da Rua da Aurora
Foto: Sandra Araújo

A água faz parte da paisagem do Recife. Josué de Castro considera que “o Recife é um dom dos seus rios. Das águas dos seus rios, encontrando com as águas do mar. A cidade cresceu na direção dessas águas” (1954, p. 135). Hoje os rios e o mar continuam sendo artérias urbanas e servem de sustento aos pescadores que logo bem cedo se encontram em cima das pontes ou nas suas baiteiras e barcos lançando tarrafas e redes; também são vias de exploração turística da cidade, seja pela beleza impressa nos cartões postais, ou por passeios oferecidos aos interessados em obter uma visão da cidade de dentro do rio e ainda pela oferta do banho de mar, passeio pela praia, etc.

Atualmente o Recife ocupa uma extensão³⁸ de 219,493 Km², compreendendo o arquipélago onde nasceu a cidade e se estende até os morros situados a 15 Km do porto. “Fica, pois, em uma área de baixada semicircular, circundada por morro que nascem em Olinda e chegam até Jaboatão. Tem cotas, com relação ao mar de 1 a 10 metros, e seus morros não chegam a mais de 50 metros de altura” (ALVES, 2009, p. 25). Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do censo/2010, a população do Recife corresponde a 1.536.934 habitantes.

Talvez parte dessa narrativa sobre o Recife desenhe uma cartografia dessa cidade que seja só minha, do mesmo modo que as narrativas de Borges, Bernardo Vieira, Marco Pólo e a poesia de Manoel Bandeira, sobre os lugares vividos e imaginados, porque cada transeunte descreve a urbe de um modo particular. Segundo Antônio Paulo Rezende a cidade é uma invenção humana, um espaço de ambiguidades, é resultado “das múltiplas travessias da cultura [...] nada se revela na sua nudez plena há sempre algo que se oculta [...]. quem conta ou decifra os mistérios de uma cidade sabe dos limites, [...] descreve o que for possível (2007 p. 11).

Seu cotidiano é marcado pelo movimento de transformações e permanências dos modos de vida, entendê-la é caminhar pelos labirintos, apreendendo-os através da percepção dos seus habitantes. São eles que a fazem ser o que é. Cada indivíduo é parte constituinte do meio onde habita,

³⁸ Fonte: Prefeitura do Recife. www.recife.pe.gov.br. Acesso em 30/06/2010.



Figura 7 - Praia da Boa Viagem – Recife

Foto:http://www.trekearth.com/gallery/South_America/Brazil/Northeast/Pernambuco/Recife/photo1012522.htm



Figura 8 - Pescador , baiteiras e tarrafa – Rio Capibaribe – Centro do Recife

Foto: Sandra Araujo

junto com os outros, constrói, estabelece leis, cria e transforma as regras de convivência, a paisagem, os conceitos e preconceitos. Por isso que a cidade não é simplesmente constituída por ruas, avenidas, praças, um aglomerado de concreto; também é forjada através dos sonhos, desejos, das influências das imagens de lugares remotos, ao mesmo tempo em que conservam suas origens, tão presentes na memória. Como observa Maria Aparecida Lopes Nogueira, “a memória não tem margens nem limites, é solta, atrela-se ao desejo” (1998, p. 116).

No entanto, para delinear uma cidade, não bastam a memória, a imaginação e as experiências do vivido, somam-se a elas as disposições biológicas individuais. De acordo com Montesquieu o modo de ser do humano é arbitrário, ou seja, poderíamos ser o que somos ou de maneira diferente, isso dependerá de onde estamos e dos órgãos que dispomos para interagir com as coisas ao nosso redor. “Se nossa visão fosse mais fraca e menos precisa, seria necessário que a arquitetura tivesse menos ornamentos e mais uniformidade” (2005, p. 14).

Na cidade dos Cegos, uma criação imaginária de Wells, por exemplo, as casas têm apenas uma porta, não há janelas nem ornamentos, e suas cores são um borrado, no qual se misturam cinza, marrom e ardósia. No entanto, as ruas desenham caminhos com ângulos constantes e cada um deles é distinguido por uma “cunha especial sobre sua curva” (2004 p.506). Mas o contrário também pode acontecer, se a visão do ser humano fosse mais nítida poderia, talvez, encher a arquitetura de ornamentos mais detalhados, ou se o nosso ouvido tivesse a percepção sonar dos morcegos, quantos obstáculos nos livrariam sem termos que enxergá-los³⁹?

O espaço construído revela como os indivíduos convivem entre si. A cidade, afirma Massimo Canevacci (2004), é o lugar do olhar. Por esse motivo a comunicação visual se torna seu traço característico. Nesse sentido, o

³⁹ A técnica, conhecida como "ecolocalização", ajudou Lucas, garoto britânico que nasceu cego, a jogar basquete e a escalar montanhas. Ele estala sua língua no céu da boca, e pelo som que escuta do eco ele consegue descobrir a distância, a forma, a densidade e a posição dos objetos.

Recife não é diferente de outra urbe, as relações do cotidiano, na sua maioria, são mediadas pela primazia da visão, e pouco oferece uma condição diferenciada aos cegos que a praticam. Assim, convido o leitor, para embarcar na aventura de conhecer o Recife por meio das narrativas de Muniz, Paulo, Alexandre, Lucinéia, Rosa, Michele e Ediane, deficientes visuais que praticam o cotidiano deste lugar. Como narradores, descrevem a cidade percorrendo-a inteira na sua memória, como diz Nogueira: “ao rememorar o narrador revê não as coisas em si, mas significados das coisas. Ele se revisita. (...) a cidade é um livro-texto que se deixa desnudar pelo narrador. Este, (...) conta-lhe segredos, repete discursos (1998, p.117).

Esses narradores experimentam e vivenciam suas aventuras no contexto do Recife, informando sobre o cotidiano desse lugar, descrevendo itinerários, relações com as pessoas e as estratégias utilizadas para subverter situações que dificultam sua vivência na cidade.

2. SOBRE DESERTOS E OÁSIS: O RECIFE DE NOSSO TEMPO

Nos primeiros meses de trabalho de campo, realizado na Associação Pernambucana de Cegos (APEC), conheci Muniz. Ele tem 54 anos, é funcionário público e nasceu com catarata congênita. Fez três cirurgias e atualmente possui apenas 5% de visão no olho direito. Em uma de nossas conversas lhe perguntei o que ele achava do Recife, e logo o definiu como um lugar de desertos e oásis. Indicou o deserto como tudo aquilo que dificulta a acessibilidade do deficiente visual na cidade, e o oásis o seu oposto; ou seja, são os locais onde pode trafegar com maior segurança, em calçadas com boa pavimentação, etc.

Andar pelo Recife é diariamente desafiante, no meu caso que tenho um resíduo visual eu consigo ainda me desviar de muitos obstáculos, embora tenham outros que eu não consigo, é muito difícil porque os obstáculos como as barracas fora de alinhamento, orelhões, caixas de correio, portões abertos para rua e caixa de ar condicionado que ficam na altura da cabeça provocam acidentes. Alguns acidentes já aconteceram comigo, por conta do desalinhamento e da

desorganização da cidade. Mas também, têm belezas e têm mudanças também porque de uns tempos para cá a cidade está mudando, devagarzinho, mas está. Já tem oásis de acessibilidade, como por exemplo: é prazeroso você sair do Derby até a Praça do Diário caminhando em calçadas plenamente acessíveis. É prazeroso você andar no calçadão de Boa Viagem, não tem mais aquelas pedras portuguesas que também atrapalham a bengala. O Centro ele tem oásis de acessibilidade. Quais são os oásis que você tem no Centro da cidade? Pracinha do Diário, Rua Imperatriz, Rua Nova, Rua Duque de Caxias, o calçadão da Rua da Aurora e Martins de Barros, esses são os oásis, e a Conde da Boa Vista não é? Fora isso, as demais calçadas estão do mesmo jeito que sempre foram apertadas, esburacadas, desalinhasadas.

Segundo Durand (2004) a metáfora é potência dinâmica da imaginação, deforma o entendimento dos objetos percebidos, atribui novas significações. Assim, Muniz ao considerar o Recife um lugar de desertos e oásis, recria sentidos e imagens na sua interpretação sobre as experiências vividas no contexto da cidade. O que traz em sua narrativa é algo que talvez seja percebido pelos inúmeros transeuntes que praticam essa urbe e sentem dificuldades de trafegar em calçadas esburacadas, com barracas, raízes de árvore e automóveis estacionados que, às vezes, ocupam todo o passeio público, dificultando o trânsito de pessoas que terminam usando o espaço destinado ao tráfego de veículos para se locomoverem em certos locais da cidade. É o que destaca Paulo, 53 anos, cantor, nasceu com glaucoma e não enxerga desde os sete meses de idade.

Você como deficiente visual, ou morador considerado normal sem ser deficiente, tem que disputar as ruas com os carros, e isso é muito perigoso. Porque muitos carros parados ficam sobre as calçadas e você está arriscado a ser agredido físico ou moralmente se reclamar, porque muitos não têm a educação que deveria ter e os carros ficam estacionados nas calçadas e você fica impossibilitado de caminhar por elas, quando só têm elas para você andar. Se você for para a rua tem que ser com alguém que enxergue, e assim mesmo está arriscado a ser atropelado, então realmente fica difícil.

Há indícios de que a calçada ou passeio público já existia na Idade Antiga, e também na Inglaterra do século XVIII⁴⁰. É uma maneira de embelezar e reinventar o uso do chão. Em muitas cidades brasileiras até os finais do século XVIII ela era apenas uma faixa estreita de pedras situada na parede externa de uma construção e tinha o propósito de proteger as fundações de infiltração de águas da chuva. Nessa época não havia diferença entre o lugar de trânsito de pessoas e os veículos de tração animal, maxambomba e o bonde. Com a chegada dos veículos automotores a calçadinha foi sendo alargada, e atualmente é “parte da via pública, normalmente segregada e em nível diferente, não destinada à circulação de veículos, reservada ao trânsito de pedestres e quando possível implantação de mobiliário, sinalização, vegetação e outros fins.”⁴¹ Geralmente possui uma altura de 17 centímetros acima do solo, compreendendo um espaço entre a parede ou muro de uma construção até o meio fio (Yágizi: 2000, 31). Fotografias de cenas do Recife do Século XIX já mostravam a diferença do uso do chão pelos pedestres e os veículos.

A reforma sanitária realizada nas cidades brasileiras no final do século XIX, uma efetivação do código sanitário de 1894, tinha como propósito higienizar e garantir a salubridade para os habitantes da cidade. Diversas ações foram realizadas tais como: vacinação contra a varíola, esfacelamento de habitações com grande quantidade de habitantes (a exemplo das casas de cômodos), higiene entre as prostitutas, etc. Segundo Yágizi, “acreditava-se, também, que o contacto direto com o solo úmido [seria] maléfico” (2000,109). Assim foi necessário implementar um serviço de pavimentação e saneamento nas ruas da cidade.

⁴⁰ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Passeio>. Acesso em 19/07/2010.

⁴¹ Decreto nº 20.604 de 20 de agosto de 2004 que regulamenta a Lei Municipal nº 16.292 de 11 de agosto de 2003, também conhecida como Lei das Calçadas.



Figura 9- Rua Marquês de Olinda – Bairro do Recife
 Presença de calçadas – Século XIX
 Acervo Fundação Joaquim Nabuco



Figura 10 - Rua 1º de Março – Recife Início do Século XX
 Fonte: <http://palavrarocha.blogspot.com/2008/06/caf-lafayette-e-estao-central.html>

No Recife, essa reforma teve início em 1910 e abrangeu tanto a expansão/modernização do porto quanto a higienização do entorno da região portuária. Muitos sobrados erguidos em séculos anteriores foram demolidos sob a alegação de serem locais de prostituição e disseminação de doenças como a sífilis, e também aqueles que funcionavam como casas de cômodos, apontados como lugares em potencial para a proliferação, principalmente, da disenteria e da gripe. O espaço onde existiam os antigos sobrados deu lugar a largas avenidas seguindo o modelo da arquitetura da *belle époque* de Haussmann⁴².

Pouco a pouco outros espaços da cidade foram sendo modificados. No final da década de 70 uma boa parte das calçadas do Recife foi embelezada pelo mosaico português, a maioria com pedras pretas e brancas, inclusive as ruas de comércio intenso como a Imperatriz, Palma, Nova, Duque de Caxias, que foram transformadas em um imenso calçadão, diminuindo o trânsito de veículos automotores.

Atualmente as calçadas são um misto do mosaico português, placas de cimento, blocos intertravados de concreto colorido, cerâmicas, etc. Mas a insipiente manutenção vem ao longo dos anos deteriorando-as e buracos se formam tornando-se armadilhas para os transeuntes. Mesmo com as reformas, muitos locais ainda apresentam difícil acessibilidade, e os desertos e oásis se entrecruzam; um exemplo é a Rua da Aurora no trecho entre a Av. Conde da Boa Vista e a Rua Princesa Isabel; o calçadão que margeia o Rio Capibaribe é livre de obstáculos, o piso foi reformado, mas ao atravessar a rua o transeunte encontrará um passeio público desnivelado, estreito e quebrado em alguns trechos; se não tomar cuidado poderá sofrer um acidente.

Em se tratando de acessibilidade para a pessoa cega, é oportuno observar que dentro dos oásis há pequenos desertos, ou seja, se há calçadas com boa acessibilidade como as que foram citadas por Muniz, os pontos de ônibus desses locais não oferecem a informação em Braille na lista de

⁴² PROENÇA, Rogério Leite. **Contra-Usos da Cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. Editora da Unicamp, Campinas-SP; Editora da UFS, Aracaju, 2004. p. 96-156.



Figura 11 – Calçada – Mosaico Português
Foto: Sandra Araújo

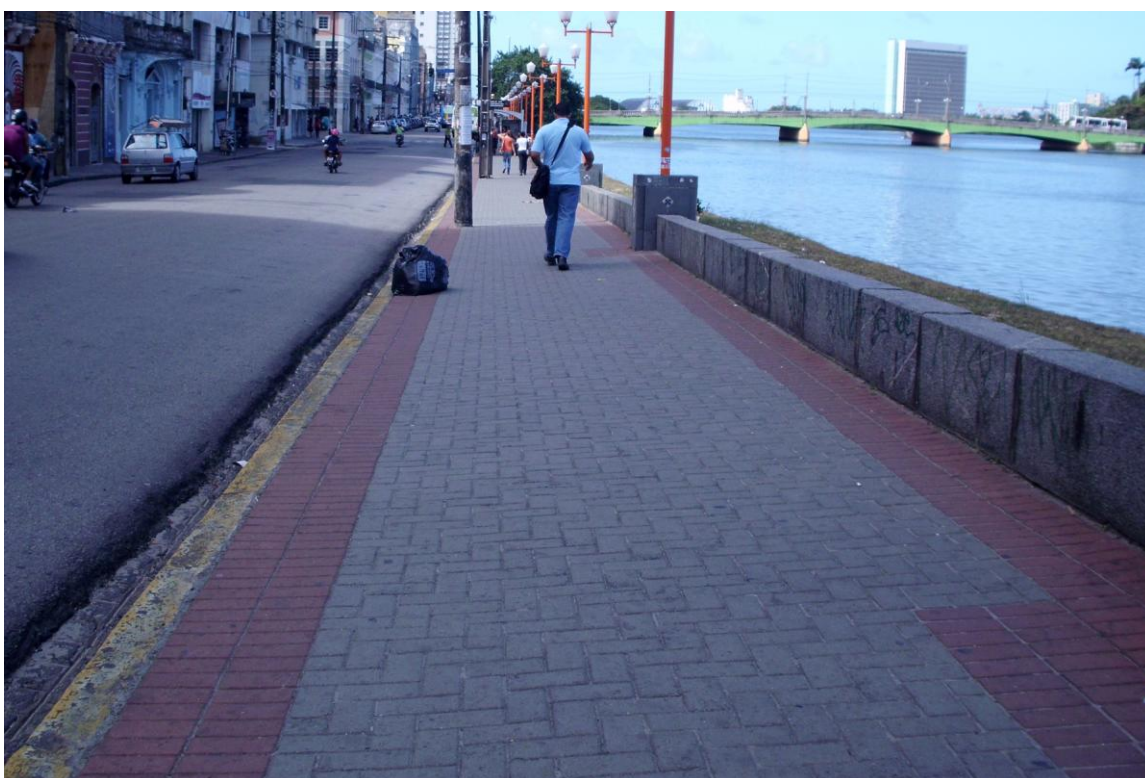


Figura 12 - Calçada de Bloco Intertravados de Concreto. Oásis de Acessibilidade – Rua da Aurora – Centro do Recife
Foto: Sandra Araújo



Figura 13 - Calçada de Cerâmica e Concreto – Deserto de Acessibilidade
Rua da Aurora – Centro do Recife
Foto: Sandra Araújo

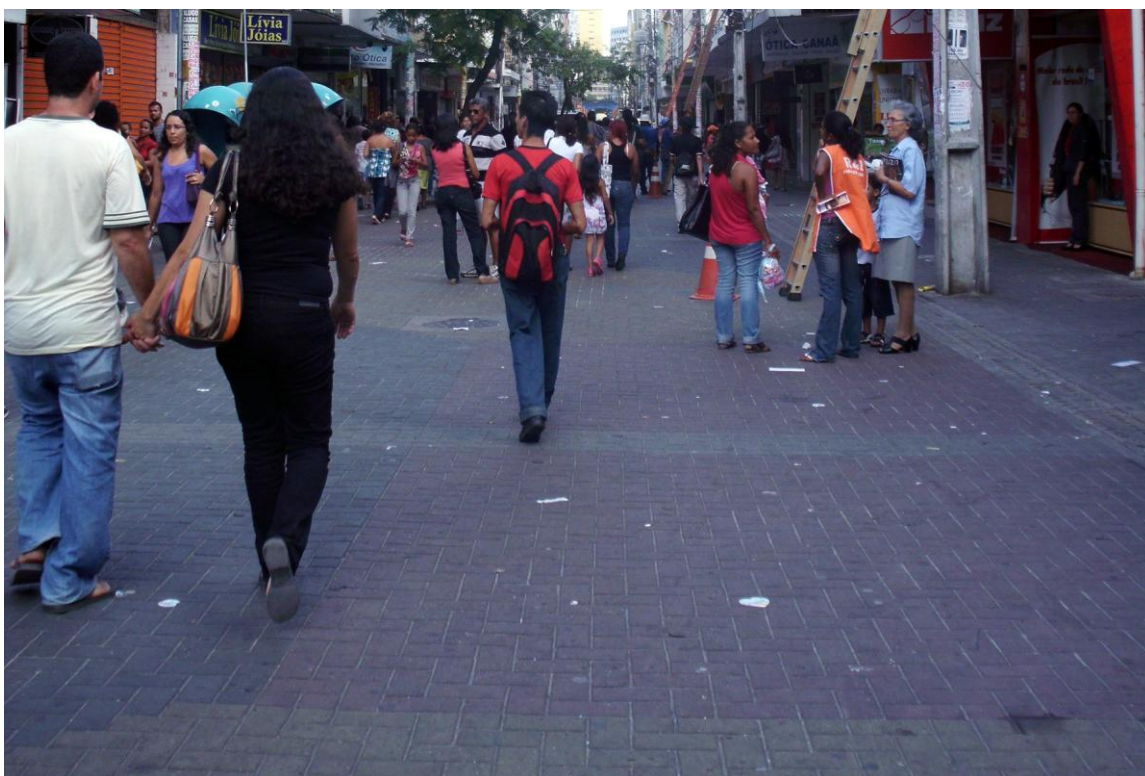


Figura 14 - Calçadão Rua da Imperatriz – Centro do Recife
Foto: Sandra Araújo

coletivos que param naquele referido ponto, ou como no caso da Praça do Derby, Rua da Aurora e Av. Boa Viagem, cujos semáforos não são sonoros. Mas o contrário também pode existir, pequenos oásis no meio do deserto, como por exemplo, pode-se encontrar sinais sonoros em logradouros com calçadas pouco acessíveis a exemplo do Cruzamento dos Quatros Cantos, no bairro do Derby e Av. Caxangá.

Segundo Durand todo simbolismo é ambíguo; a aparição da água no deserto, por exemplo, é uma indicação de oásis. No entanto, na cidade pode ocorrer o contrário, visto que em dias de chuva o acesso do passeio público piora. De acordo com Marques:

Nós estamos em uma cidade que é vulnerável à chuva não é? Qualquer chuva que cai, alaga, e se temos assim, calçadas e ruas esburacadas, a tendência é se acumular água nesses espaços. A gente que é cego perceber esses buracos com água é difícil, então o que acontece; a gente termina sujando o sapato numa água que a gente nem sabe não é? A água é perigo, é perigosa.

Para Lucinéia:

Há águas sujas que empossam quando chove e enchem esses buraquinhos, pense nesses buraquinhos cheio de água, você se mela todinha, é aquela complicação. Eu pego as sandálias mais velhas e boto no inverno.

E Geralda:

Quando chove a Agamenon fica cheia, para chegar na Rua da Soledade é muito incômodo a água ali, no Cais de Santa Rita, Av. Sul. É uma água prejudicial porque quando chove a gente fica andando muito dentro da água e a gente pode se acidentar.

Geralmente as chuvas fortes causam inúmeros problemas à população das grandes cidades. Ruas alagadas, buracos que se formam por conta da força das águas, canais que transbordam; longos congestionamentos, veículos danificados por conta da travessia em locais

inundados; quedas de barreiras que por vezes atingem habitações situadas nas regiões de morro da cidade, deixando um rastro de desalento.

Segundo Bachelard (1997) as forças imaginantes da nossa mente se divertem com a variedade de sentidos e contemplam o pitoresco, a novidade; os sentidos se multiplicam, ultrapassam os atributos da matéria, enchem-se de ambiguidades e a água se revela como pulsões de vida e morte. Desse modo, se nas narrativas de Marques, Lucinéia e Geralda a água é percebida como perigosa porque ao invadir o cotidiano da cidade dificulta ainda mais o acesso às ruas e avenidas, contribuindo também para a formação de pequenas armadilhas, para Paulo ela é uma água mansa, fonte de vida e inocência.

a água deixa de ser um perigo depende da forma que ela esteja, na situação que você estiver dentro dela, digamos assim. E pode servir para alimento, se for uma água potável a pessoa pode beber, pode servir para várias coisas.

A água faz parte do cotidiano do Recife. Os rios que a cercam são verdadeiros espelhos d'água; essa cidade, tal qual Narciso, incansavelmente vê-se refletir. Nas margens desses rios os transeuntes são presenteados por uma brisa que ao tocar a pele provoca sensações de frescor, porque segundo Alexandre:

Recentemente a gente teve a oportunidade, digo a gente eu e outros companheiros, a gente teve a oportunidade de dar um passeio naquele Catamarã, é extraordinário. A gente passeou pela bacia hidrográfica do Recife, é bem interessante, inclusive quando a gente passava por baixo das pontes, a gente tinha a oportunidade de toca na estrutura da ponte. É muito bom a brisa, o vento é diferente, o cheiro do mangue, aquele vento mais frio e aquela brisa gostosa, é uma coisa muito boa que é diferente da brisa de quando se anda pelo asfalto que é quente, aquela coisa pesada carregada de monóxido de carbono. Tem também a audição, também porque quando passa por baixo da ponte, quando a gente fala dá uma percepção de eco.

E Muniz:

É prazeroso passar por ali pela Rua da Aurora, pela Ponte Duarte Coelho, sentir aquela brisa da tarde. É prazeroso você andar no calçadão de Boa Viagem. A praia é um ambiente maravilhoso, adoro a praia, não vou muito, mas adoro.



Figura 15 – Ponte Duarte Coelho e o Espelho D' Água do Recife.
Foto: Sandra Araújo



Figura 16 Ponte Boa Vista e o Espelho D' Água do Recife.
Foto: Sandra Araújo



Figura 17 - Espelho D' Água – Bairro do Recife
Foto: Sandra Araújo

Mas, de acordo com Geralda, no Recife, ainda há muitos locais que não se pode chamar de oásis, porque:

Essa cidade tem setor que é muito precário para a gente andar. Um exemplo: para se chegar em Altino Ventura⁴³ é um sufoco. Fica ali na Rua da Soledade com a Rua do Progresso. Desce ali na parada da Boa Vista, se eu não me engano é na segunda parada. Aí entra a direita e a calçada é cheia de buracos, tem que ter muita agilidade para chegar lá. É assim, a do lado esquerdo, quando entra na Rua da Soledade é péssima porque tem aquelas raízes, tem calçadas toda quebradas. Eu sei que a árvore é importante por causa do oxigênio e não é preciso tirá-las, mas podiam ajeitar a calçada para que a gente possa andar mais tranquilamente. Ali na Agamenon em frente [Hospital] a Restauração, a gente andando ali pela calçada do meio da avenida, da Restauração até a Praça do Derby tem umas plantas que eu não sei se é coqueiro ou macaíba, alguma coisa assim, tem umas plantas lá que a cada três tem um buraco e fica muito difícil para o deficiente andar. A Boa Vista até que está mais ou menos. Com a reforma até que melhorou, mas indo para o Treze de Maio ainda tem uns buracos por ali. A outra é nos Quatro Cantos, a gente pega o ônibus no Derby e desce na parada que vai para o Instituto dos Cegos. Menina, aquela parada ali é péssima, porque também tem uma raiz de árvore e a calçada está cheia de cimento levantado. Também localizo outro lugar precário; Av. Sul quando vai do subúrbio para o Centro da Cidade na segunda parada é horrível, a calçada é esburacada na parada que fica Cajueiro Seco Afogados indo sentido IMIP. Na Praça de Afogados, também tem vários buracos na calçada junto do Unibanco. Ali atravessando o Largo da Paz para vir para o Mercado Público, ali tem vários buracos, foi ali que eu caí, fiquei de joelho, porque eu não consegui saber se tinha buracos.

Poucos dias após esse depoimento Geralda foi vítima de outra queda ao se deparar com um buraco localizado em uma calçada no bairro de Afogados, em uma rua próxima à Associação Beneficente de Cegos do Recife (ASSOBECER) e fraturou a bacia. Foi o seu segundo grave acidente. O primeiro, à época que ainda enxergava por um olho, caiu em uma boca de

⁴³ Fundação Altino Ventura é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, credenciada pelo Sistema Único de Saúde [SUS], desenvolvendo inúmeros projetos de Prevenção à Cegueira e Reabilitação Visual na Capital [Recife], Região Metropolitana e Interior do Estado [Agreste, Sertão, e Zona da Mata], destinados à recém-nascidos, crianças, adultos e população da terceira idade. Disponível em <http://www.fundacaoaltinoventura.com.br/quem-somos/apresentacao/>

lobo aberta e teve que ser submetida a uma cirurgia de suspensão de bexiga, porque os ferros que haviam no local provocaram ferimentos profundos em suas pernas atingindo também partes de sua virilha.

Já Paulo, foi vítima de atropelamento:

Eu já fui atropelado uma vez em sinal de trânsito, tive a clavícula quebrada, a esquerda. O sinal estava fechado e eles ultrapassaram, eu não vinha só, vinha com uma colega, uma pessoa que estava me trazendo, o carro nos atropelou, ela foi embora (morreu) e eu fiquei para contar a história. Tudo isso por causa da imprudência de motoristas que não respeita a gente.

Segundo Antônio:

Vêem um deficiente passando e batem de bicicleta. Pessoal que anda de bicicleta, moto, não respeita a gente. Eu mesmo já fui acidentado duas vezes com bicicleta e usando bengala, porque a bengala serve muito para gente como uma identificação, para os outros verem que somos deficientes.

Já para Ediane, 28 anos, que nasceu com glaucoma e não enxerga desde a tenra infância.

Uma vez eu desci do ônibus e a bicicleta me atropelou. Ele vinha pela brecha entre o ônibus e o meio-fio.

Como a Esfinge que desafia os moradores de Tebas a decifrar seus enigmas, os habitantes do Recife são diariamente convidados a desvendar as charadas inscritas nos obstáculos presentes na má conservação das calçadas; nas bocas de lobo abertas; na desorganização do comércio ambulante; na ocupação do passeio público, pelos lojistas, com suas mercadorias e propagandas; no desrespeito à sinalização de trânsito seja dos motoristas de veículos automotores, seja dos ciclistas. Do mesmo modo que em Tebas, quem não é capaz de solucionar as incógnitas termina sendo devorado. Assim aconteceu com Geralda e Paulo, mas também com Antônio e Ediane, que como eu, foram vítimas de atropelamento, por ciclistas. Já Lucinéia:

Para vir para cá mesmo, tem ali perto do mercadinho, na Rua Visconde Suassuna, uma buraqueira sem precedente, tem que ter muito costume para passar ali. Quando chega no Centro, o que tem de barraca na Rua Sete de Setembro para

você... Um dia desses bati numa carroça de lixo e machuquei o rosto.

E Rosa:

É triste minha filha, são terríveis as ruas. Ali perto onde você mora, perto do seu apartamento, outro dia levei uma queda porque tem um buraco e esse buraco estava cheio de lixo de folha de tudo, e eu quando fui passando com Genilda, eu sei que meu pé virou assim e eu caí ali, está entendendo? Você desce ali naquela parada que fica ali perto daquele posto (Estrada de Belém), quando o ônibus para que a gente desce são uns buracos, umas coisas de árvore é tudo. No Centro da Cidade mesmo, eu fico pensando nesse pessoal que não enxerga e anda só, como é que anda ali porque são os ambulantes pelo meio da rua, é bueiro aberto, é terrível.

Grande parte do Centro do Recife, principalmente as vias que dão acesso aos locais de maior comércio, como as ruas: Imperatriz, Sete de Setembro, Nova, Palma, Duque de Caxias, Direita, das Calçadas, Rangel, Praia, Santa Rita, etc., estão apinhadas de tabuleiros e barracas provenientes do comércio ambulante que tomam parte do passeio público, forçando o pedestre a caminhar pela área de circulação de veículos. Esse cenário se repete nas Avenidas Dantas Barreto, Nossa Senhora do Carmo, Guararapes, Agamenon Magalhães, Rua do Riachuelo, Praça do Diário, dentre outros. Regiões de intenso trânsito onde se concentram vários pontos de retorno de ônibus, provenientes do subúrbio. Em suas calçadas, que em alguns trechos encontram-se esburacadas, aglomeram-se pessoas que esperam o transporte, vendedores ambulantes, barracas, tabuleiros de venda de tapioca, carroças que comercializam milho cozido, etc., estabelecendo novos enigmas para o transeunte, como aponta Muniz:

Não tem aqueles fogões que se coloca no meio da rua para assar milho, fazer tapioca? Muitas pessoas cegas já se queimaram naquele fogo.

Esses enigmas caracterizam algumas das mazelas do Recife. De certo que cada cidade compõe seu desenho urbano, sua história, seu simbolismo, possui características geográficas próprias, constrói sua identidade, funda uma cultura, mas no contexto do capitalismo desempenham objetivos comuns e compartilham problemas semelhantes

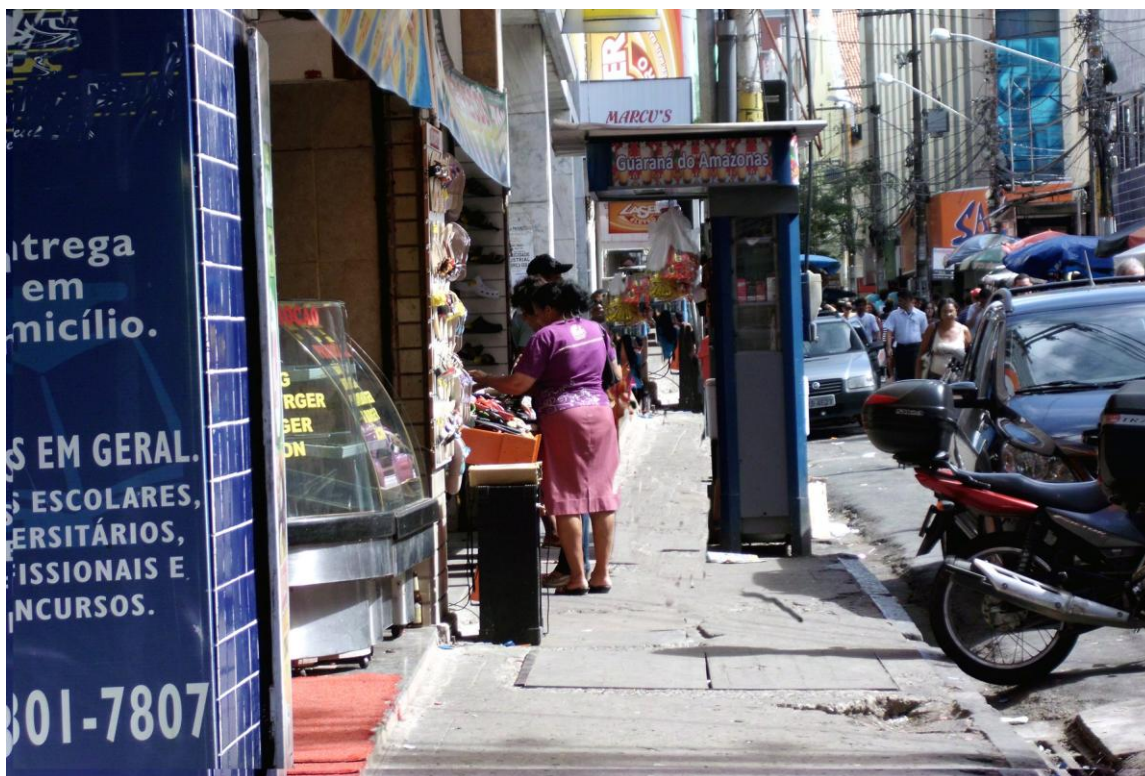


Figura 18 Enigmas da Cidade – Calçada Rua Sete de Setembro
Foto: Sandra Araújo

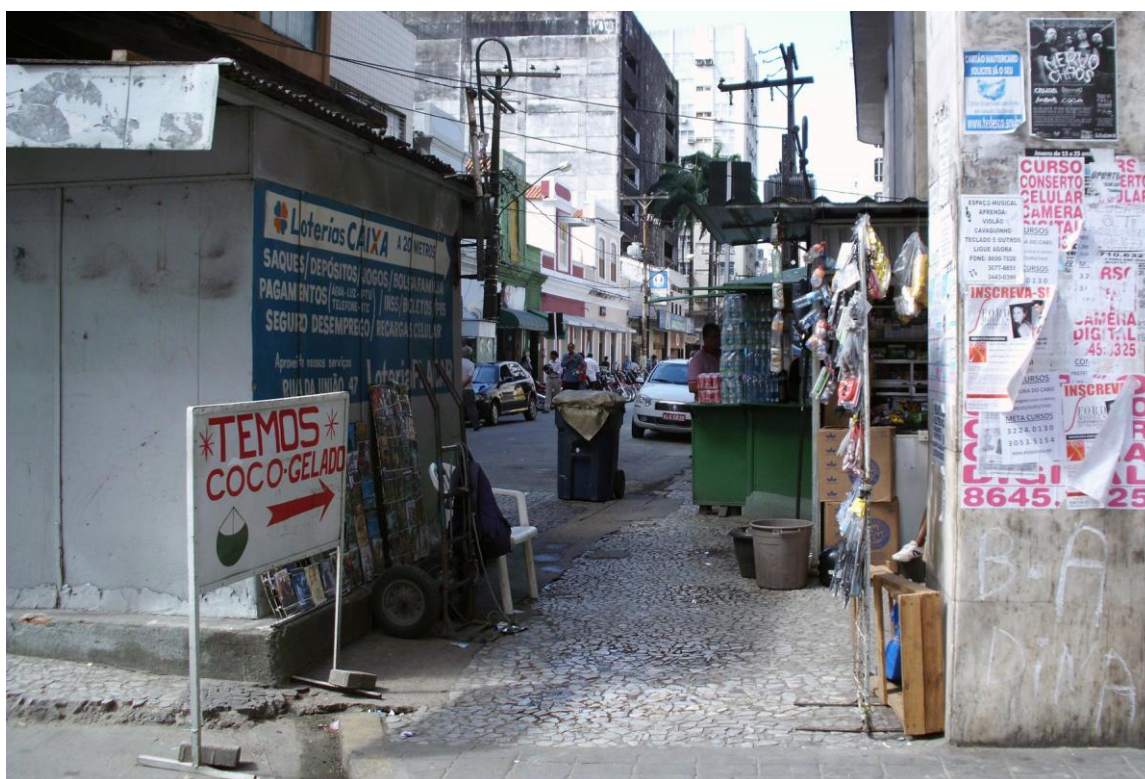


Figura 19 Enigmas da Cidade – Calçada Rua da União
Foto Sandra Araújo



Figura 20 Enigmas da Cidade – Estrada de Belém
Foto: Sandra Araújo



Figura 21 Enigmas da Cidade – Parada de ônibus próximo ao Instituto dos Cegos.
Foto: Sandra Araújo

tais como: desemprego; saneamento básico, *déficit* de habitação que corrobora para a especulação imobiliária e também, para a proliferação de favelas; marquises e viadutos que passam a atender precariamente as necessidades de moradia; transporte público desconfortável, com sobrelotação, tarifas com preços elevados, número reduzido de veículos que oferecem acessibilidade para pessoa com deficiência; etc.

Segundo Milton Santos, a cidade grande “torna-se lugar de todos os trabalhos, isto é, teatro das numerosas atividades marginais” (2009, p.10). Nela emergem tantas necessidades que é difícil respondê-las; integram, ainda, esse teatro, os ambulantes que tomam as calçadas, o trânsito intenso que gera enfadonhos congestionamentos e desrespeito à sinalização; a poluição, etc. Assim, Paulo, Lucinéia, Rosa e Muniz, expressam nas suas narrativas o desconforto em caminhar pela ruas do Recife, que possui mazelas semelhantes a qualquer outra grande cidade brasileira ou, quem sabe, do mundo. Maria, cega congênita e protagonista do documentário *A pessoa é para o que Nasce*, compara a cidade de São Paulo a Campina Grande, descreve experiências distintas de som:

Muito barulho aqui em São Paulo que eu nunca vi. Ouvia só falar que o trânsito dos carros não era que nem lá em Campina Grande, não porque, em Campina Grande tem carro, mas não é que nem aqui não.

Já em Massachusetts, de acordo com Heller Keller:

O rumor e o rugido da cidade esbofeteiam meu rosto e sinto os passos incessantes de uma multidão invisível e o tumulto dissonante corrói o meu espírito. O moer das pesadas carroças nos pavimentos duros e o som de monótono da maquinaria são ainda mais torturantes para os nervos se nossa atenção não é desviada para o panorama sempre presente nas ruas barulhentas, como ocorre com as pessoas que podem ver (2008, p.117).

O ritmo acelerado da cidade grande não é uma característica do nosso tempo, importamos de épocas anteriores. No Recife, por exemplo, nos anos 20 do século XX, a chegada dos veículos automotores impôs novo ritmo à vida de seus moradores. Comenta Eduardo Duarte (2000) que, até 1914,

do referido século, os habitantes dessa cidade eram servidos pelos bondes de burros que faziam o transporte de passageiros do centro ao subúrbio, havia outros que carregam capim e outras necessidades, e também os que prestavam socorro. De cem em cem metros se encontrava uma estribaria onde ocorria a troca dos animais, caso parecessem cansados. Existiam também as *maxambombas*, um veículo constituído por uma pequena locomotiva que puxava dois ou três vagões. Mas o ritmo do transporte começa a se acelerar com a substituição dos bondes de burros e das *maxambombas* pelos bondes elétricos e, mais tarde, as ruas da cidade são tomadas por veículos automotores, assim o tempo de locomoção cada vez mais é diminuído “permitindo que a vida fosse preenchida por mais atividades” (ibid, p. 41).

Atualmente, ao caminhar pelo Recife, principalmente pelo centro da cidade, não é difícil perceber suas ruas tomadas por inúmeras pessoas se movimentando em diferentes direções, com passos apressados tentando, com o ritmo acelerado do andar, vencer o tempo. São tantos os automóveis que em horários de movimentação intensa preenchem várias ruas e avenidas causando infinitos congestionamentos, um problema urbano que abrange diferentes lugares do mundo. Se antes os veículos encurtavam o tempo de locomoção e as pessoas acrescentavam mais afazeres às suas vidas, hoje o intenso trânsito é fator de estresse, correria, impaciência, etc. Nesse cenário, atitudes pouco solidárias tornam-se corriqueiras. Paulo observa que alguns motoristas de ônibus

aqui e ali, sem muito preparo, eu diria às vezes saem de casa mal humorados e tratam mal as pessoas com deficiência, muitas vezes não nos deixa em lugares que é para deixar, deixa em lugares errados, e a gente tem que andar de pé um bom tempo, bons quarteirões nas ruas. É assim.

E Marques:

a correria das pessoas quando andam na cidade é tanta que as vezes elas não percebem. Às vezes estamos caminhando e as pessoas nem percebem que eu sou cego.

Na urbe se forja o encontro com o outro, numa polifonia de ideias que emerge das vinculações entre seus habitantes. Esse cenário de junção de pessoas de diferentes desejos e necessidades é passível de interações harmônicas, discordantes e violentas. Georg Simmel argumenta que, na metrópole as relações entre indivíduos ou grupos são marcadas tanto por laços afetivos quanto por certo grau de impessoalidade, ou seja, “trabalha-se com o homem como se trabalha com um número, como um elemento que é em si mesmo indiferente” (1987, p. 13).

No universo do capital marcado pelo lucro e pelo consumismo, a cidade enquanto espaço privilegiado de relações econômicas é também palco da coisificação do humano, da atitude *blasé*, da fragilização da solidariedade, destacada nos depoimentos de Paulo e Marques. Esse retrato da contemporaneidade me faz lembrar o que Bauman (2009) considera ser uma vida líquida, na qual a maioria das realizações individuais pouco se solidifica em poses permanentes, porque a velocidade da mudança tanto das mercadorias quanto das relações entre indivíduos se tornam obsoletas em curto prazo.

Esse caráter efêmero das relações humanas é denominado por Louis Wirth (1987) como modo de vida urbano e caracteriza-se pela superficialidade das relações interpessoais, visto que na grande cidade o contingente populacional impossibilita que o indivíduo conheça e também seja conhecido por um grande número de pessoas; e mais, tais relações, muitas vezes se estabelecem por razões profissionais, de interesses, dentre outros aspectos.

No entanto, como aborda Michel Maffessoli (2006), a contemporaneidade é também tempo das tribos, da identificação dos indivíduos por meio de grupos; estes por sua vez, se constituem em verdadeiras comunidades emocionais e de sociabilidade. Assim, em meio a tantos desertos, no contexto da cidade, mas especificamente no Recife, se estabelecem pequenos oásis que se expressam por meio da existência de instituições, como as que objetivam prestar atendimento às pessoas cegas ou com baixa visão, e proporcionam um ambiente de aconchego, refúgio; lugar onde se vivencia amizade, carinho e também conflitos e divergências de

opiniões, como ocorre nas reuniões ou assembléias de sócios. Para Geralda, o refúgio é:

Onde eu possa chegar e ficar. O melhor refúgio é a ASSOBECEER, porque desde que eu conheci, era na época que Paulo Meireles era o Presidente, as pessoas aqui me dão muita atenção, tem assim aquele carinho com a gente, aqui tem muitas pessoas de idade, mas eu gosto de todos que residem aqui. Tem seu Pereira, Luis, Antônio, Cícero, Evaldo, tem Del que é o sanfoneiro, me sinto acolhida aqui.

O mesmo é para Antônio:

O meu refúgio é o meu descanso onde me sinto mais aconchegado a APEC é o meu refúgio porque aqui eu me aproximo mais das pessoas. Refúgio na minha visão, é um lugar onde você vai se resguardar, vai pensar, medir. Aqui a gente se resguarda mais da sociedade, das críticas, das penas. Não somos merecedores de pena porque somos seres humanos normais, temos algumas dificuldades, não dignos de pena ou caridade, mas de apoio que possa nos ajudar, mas não de pena.

E Alexandre:

A APEC também eu uso como refugio é onde eu tenho meus momentos de lazer, meus momentos de cultura, onde eu acesso a biblioteca, acesso a informação de uma forma geral.

O refúgio é também lugar de encontro, diversão, passeio e de bem-estar e se encontra em pequenos oásis no Recife. De acordo com Muniz,

O refúgio é o ambiente aonde você vai se resguardar, onde você repõe energias. Eu quero simbolizar o refugio do Recife, no calçadão de Boa Viagem, na praia, um ambiente maravilhoso, de jogar toda a energia negativa que a gente tem, pela respiração, absorver tudo de bom o que aquela brisa tem.

Alexandre contempla outros lugares da cidade:

Onde eu gosto de ir são os parques, o Treze de Maio, Parque da Jaqueira porque fica mais próximo da natureza, o parque é o lugar onde você pode aliviar o estresse.

O Parque Treze de Maio, segundo Muniz, desde 2002 foi tornado acessível para deficientes físicos e visuais. Ali foram feitas algumas melhorias voltadas para permitir que a pessoa com deficiência também tenha acesso ao lazer. Segundo ele, é um oásis da cidade, um oásis de acessibilidade porque proporciona momentos de repouso.

A casa e o ambiente familiar são outros oásis/refúgios que foram indicados por Lucinéia e Michele, reconhecidos como espaços de proteção e prazer. Como *locus* de intimidade, a casa, como afirma Bachelard, é o nosso canto no mundo, o primeiro universo que conhecemos. Lugar de abrigo, refúgio, memória, sonhos e também de conflitos, “ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano” (1988, p. 113). A Casa para Lucinéia: “é o canto onde estou mais bem guardada”. É lugar privado, de intimidade, proteção, segredo, reconhecimento e inclusão.

Para Nogueira, a referência da casa é também uma metáfora que possibilita pensar e compreender “questões relativas ao pertencimento. Como tal, pode ser acionada por qualquer um – indivíduo ou grupo sócio-cultural – submetido ao processo de ameaça ou de efetiva exclusão ou desenraizamento” (2007, p. 83). Do mesmo modo que a casa, as instituições citadas por Geralda, Antônio e Alexandre, são reconhecidas como espaços de aconchego e pertencimento, sentimentos comuns a todos os humanos; são também lugares de resistência e de enfrentamento das dificuldades do cotidiano, para a realização dos sonhos e desejos de inclusão, visto que o Recife, de acordo com Paulo, “ainda, aliás, como tudo nesse mundo, não é feita para o deficiente.”

Os obstáculos presentes nas ruas e calçadas do Recife dificultam a acessibilidade, podem provocar tropeços e queda que, segundo Alexandre são momentos de angústia:

Cair é algo muito ruim porque quando tropeço e sinto que estou caindo, parece que nunca vou tocar no chão, parece que estou caindo no buraco sem fundo.

Mas para além da queda física, razão de angústias e dor, de acordo com Muniz:

A queda está nos restaurantes. A pessoa cega vai para um restaurante. Você já imaginou um camarada, um homem, um cavalheiro, então, o sujeito vai com uma mulher e ele quer ter a sua autonomia no restaurante, mas ele não a tem porque os cardápios não são em Braille. Existe lei no Estado e no Município que obriga que o cardápio seja em Braille, mas não é cumprida, então já é uma contrariedade na diversão daquela pessoa não poder ter acesso aos preços, ao que o estabelecimento oferece como qualquer pessoa que enxerga tem. Mas a queda também está no ônibus que quando você sobe você vai com uma pessoa da sua da família ou alguém que você esteja se relacionando, aquela pessoa passa pela borboleta e você fica lá na frente, você não pode passar para lá por conta da carteira de livre acesso. Então isso é uma queda é o que separa, é o que deixa você triste. A queda é você pegar no jornal e não ler aquele jornal, é você pegar um livro, todo mundo chega na livraria compra seus livros, e você não poder ler aqueles livros ali naquele momento, naquela hora. Isso é queda. Os jornais; não temos jornais acessíveis, um dos três disponibiliza a matéria em textos no site, isso já ajuda. O outro jornal entendeu de fazer um resumo em Braille diário do seu conteúdo, não nos interessa o resumo, nos interessa o jornal inteiro, se a gente pode ler o jornal inteiro, tudo bem, mas ler uma parte? Se alguém censurou aquela parte, é essa parte que eu queria ler?

E Antônio:

Restaurante é muito dificultoso. A gente tem sempre que pedir ajuda aos garçons, a gente nem está vendo o preço, nem o que é oferecido, tem sempre que pedir ajuda. A gente pode ser até enganado. Se tivesse em Braille nós teríamos a liberdade de escolher o que quer e com o nosso preço. É muito chato perguntar: O que é que tem? Qual é o preço disso aí? Ver a opção que tem e o preço, a gente teria mais liberdade de escolher o que quer e o preço que a gente quer pagar.

E Lucinéia

Pode colocar no seu trabalho, bem grande, bem grande mesmo. Isso é marketing. Meu primo que é assistente social participou de uma conferência e deram um Jornal a ele, Diário de Pernambuco, não foi ninguém que me contou não, foi ele que levou para casa e eu vi. O Diário de Pernambuco em Braille não tinha mais de trinta folhas ou quarenta. Me diga uma coisa, Braille que gasta muito, um jornal desse tamanho com trinta, quarenta folha, sabe o que tinha no

jornal? Manchete, por exemplo: Lula disse que o povo pode comprar. Não é assim é com as palavras mais bonitas, como: Lula ontem na Televisão disse que as pessoas podem comprar caso não tenha dívida. Pronto só tem manchetes, não tem o conteúdo mesmo da reportagem completa, não tem. E você vai viver daquelas linhas de manchete é? Agora é um marketing enorme. Agora tem um jornal que eu elogio ele, é o Jornal do Commercio porque ele não tem em Braille, mas ele deixa um link para gente chamado acessibilidade, a gente entra e pelo computador a gente navega pela internet e tem o jornal. Não tem tudo não, mas pelo menos é melhor do que o Diário. Aí tem gente que chega e diz: não, porque você agora tem um jornal para vocês lerem. Eu digo logo que é mentira.

Essas narrativas corroboram com as ideias de Durand, segundo as quais a queda se relaciona aos sentimentos de perda, medo, angústia. É também interpretada como “signo da punição” (1997, p.114), e companheira da morte, tal qual aconteceu a Ícaro e Belerofonte⁴⁴. Também representa a destruição, a exemplo da guerra de Tróia. Já para as pessoas cegas ela é símbolo de exclusão, isto porque vivemos em uma cidade que não é pensada para o deficiente visual, e ainda são poucas as reformas realizadas no espaço público, para atender às prerrogativas da legislação de que trata a acessibilidade.

É importante ressaltar que na Lei Federal nº10.098, regulamentada pelo Decreto nº 5296, o termo acessibilidade não está restrito à ideia de locomoção no espaço público; ele também abrange aspectos que envolvem a autonomia para pessoas com deficiência na comunicação e nos locais de uso coletivos, como: hotéis, entidades religiosas, recreativas, culturais, comerciais, educacionais, e ligadas à saúde. Como decorrência, a acessibilidade exige modificações nos mobiliários e nos materiais utilizados para a informação, a exemplo de folders, informativos, jornais, etc.

No Recife é possível perceber algumas iniciativas no sentido de cumprir a legislação, relativa à acessibilidade para deficientes visuais, tais como: instituições financeiras que disponibilizam mapa e piso tátil, o jardim

⁴⁴ As narrativas míticas de Ícaro e de Belerofonte versam sobre o orgulho como o motivo que desencadeou a queda de ambos, e, por conseguinte, a morte. Nas narrativas dos interlocutores desta pesquisa, a queda enquanto exclusão pode ser compreendida como uma morte social.

botânico que destinou um espaço para visitas acessíveis, no qual, o visitante pode tocar, sentir o cheiro da plantas, além das informações se encontrarem em *braille*; alguns ônibus disponibilizam espaços específicos para cadeirantes e deficientes visuais acompanhados de cão guia; elevadores com indicação em *braille*, embora muitos não possuam o áudio, elemento importante porque informa o andar em que se encontra; reformas em calçadas com piso tátil. No entanto, essas mudanças são irrisórias diante dos elementos que foram apontados por Muniz, Antônio e Lucinéia.

Outro aspecto que dificulta a convivência da pessoa cega no contexto da cidade é a escassa comunicação do mercado com esses sujeitos. Consumir é uma necessidade comum a todos os seres vivos, é assim que se alimentam e garantem a sobrevivência da sua espécie. Mas no contexto da cultura capitalista, a noção do consumo ultrapassa essa prerrogativa e cria múltiplas necessidades para os humanos. Segundo Bauman, “o mundo e todos os seus fragmentos animados e inanimados se [tornam] objetos de consumo [...] e tem por premissa satisfazer os desejos” (2009, p.16, 105). Esses desejos são fabricados e manipulados ao ponto de muitos consumidores absorvê-los como necessário para sua existência, bem como para cultivar o conforto. Para isso o mercado dispõe do *marketing*, da propaganda, e a maior parte delas se realiza por meio da imagem, veiculada não só pela televisão ou internet, mas também em embalagens fabulosas, além das lojas e supermercados disponibilizarem em vitrines que atraem os olhos. Segundo Michele:

Têm coisas mínimas, por exemplo, uma coisa que todo mundo precisa fazer é comprar um determinado produto, aí eu chego em uma loja e não tem acessibilidade, eu vou ter que pedir. Eu estou em um supermercado como é que eu chego lá naquela prateleira, vou sair pegando nas coisas?

Já Ediane:

Por exemplo, eu quero um prato, aí ela [vendedora] me mostra todo tipo de prato que tem, tem gente que faz isso. Só uma única vez que a pessoa fez isso, porque geralmente elas não falam só mostram aquilo que você pede e às vezes nem

mostra tudo, diz assim: Ah! Só tem essa aqui, às vezes pode até ter outra, mas não mostram.

Para Muniz:

A cidade não oferece possibilidade de comunicação com o cego. Já vimos os restaurantes, já vimos a maioria das calçadas. Os supermercados desde o maior ao menor, aliás, o menor é muito melhor de se comunicar. Os pequenos estabelecimentos comerciais o atendimento é sempre personalizado aí a comunicação se dá. No shopping a dose de inacessibilidade aumenta porque o shopping é tornado pela sua própria natureza desumano. É um ambiente visual, então quem ver se dá muito bem, mas quem não vê... Primeiro, os shoppings são todos largos então você já perde a sua condição de se locomover com a bengala lá dentro porque não tem qualquer piso tátil, piso acessível, todas as lojas você não sabe onde fica o balcão de informação, não tem nenhuma pista para te indicar: fica ali no meio, mas aonde? em que lugar? você pergunta a um atendente, a pessoa que dá informação: Eu quero saber onde fica tal loja? Aí ele diz assim: é ali e aponta, é acolá. Como é que a pessoa cega vai saber onde é ali e onde é acolá, tem que falar: em frente, em baixo, direita, esquerda, atrás. Mas eles não sabem disso. Ou seja, você vai para o shopping para se distrair, mas acaba por se contrariar, então raramente eu vou ao shopping, quando vou é acompanhado, quando tem alguém para ir.

E Geralda:

Eu gosto de fazer feira no supermercado da Estrada da Batalha porque lá eu chego e um funcionário fica ao meu dispor e eles têm aquele carinho por mim. Quando eu demoro a aparecer, eles dizem: Você foi fazer compra em outro lugar? aí eu digo: Não. Eu escrevo em caneta, não fica bem organizado, mas eu escrevo, então, ele olha para minha lista e vai colocando no carrinho.

Talvez a pouca disponibilidade de produtos acessíveis ocorra pelo fato da sociedade ainda perceber a pessoa cega sob a égide da incapacidade intelectual e econômica, como fardos financeiros para suas famílias. No entanto muitos têm renda própria oriunda do trabalho, benefícios de assistência social, ou recursos provenientes da aposentadoria ou de pensão. Argumenta Bauman que na sociedade de consumo líquida moderna, os

indivíduos “só se forem capazes de demonstrar seu próprio valor de uso e [de compra], é que [...] podem ter acesso à vida de consumo” (ibid, p. 18).

Ora, se as pessoas cegas forem percebidos pelo mercado como sujeitos sem autonomia, com incipiente potencial de consumo e geração de renda, dificilmente serão tratados como pessoas iguais a qualquer outra que buscam lazer, informação, enfim as diversas atividades que, na maioria, os indivíduos praticam.

No entanto, essa percepção parece mostrar sinais de mudanças⁴⁵, pois, nos últimos anos há empresas que investem em produtos acessíveis a exemplo da fabricação e venda de piso e mapa tátil; *softwares* e *hardwares* específicos para deficientes visuais; etiquetas de vestuários⁴⁶ e alguns produtos dos gêneros alimentícios, cosméticos e farmacêuticos que trazem nas suas embalagens indicações em *braille*, mas segundo Michele:

Os produtos que têm em Braille não trazem todas as informações. A caixa da Natura, por exemplo, um cosmético, tem lá: Natura água de colônia, sim qual é a fragrância? Qual é o componente? Qual é a validade? Tudo isso está escrito em tinta, mas em Braille não está, então eu estou dependendo de alguém que enxergue para me passar essas informações, informações que são fundamentais, não são?

Em se tratando das etiquetas, não são fáceis de achar, no Recife desconheço a sua utilização, mas em São Paulo, em algumas boutiques, já é possível encontrá-las. Outro exemplo são as faturas de cartão de crédito e de consumo de água, telefone e energia. Segundo informações dos interlocutores, a empresa responsável pela distribuição de energia no Estado de Pernambuco já oferece esse serviço, mas não é tão frequente a entrega como observa Lucinéia:

⁴⁵ Segundo dados do censo demográfico realizado em 2000 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE – no Brasil “existe cerca de 16,6 milhões de brasileiros deficientes visuais, sendo 160 mil com perda total da visão. Um mercado e tanto para ser explorado” (Revista Sentidos, 2009, p.18)

⁴⁶ A etiqueta é feita de tecido e de material sintético, contêm marcas de grifes e tags em *braille*. (ibid).

as faturas não vem em Braille tenho que mostrar a outras pessoas que ficam sabendo da sua vida privada. A conta de luz tem mês que vem em Braille, tem vez que não vem.

É oportuno observar que, geralmente, o que dificulta o indivíduo a fazer parte da sociedade do consumo é a insuficiência de recursos financeiros. No caso das pessoas cegas, a exclusão não se limita apenas ao critério econômico, ela também se revela na comunicação que não sendo disponível em *braille* ou em áudio, impossibilita que realizem suas compras tanto em estabelecimentos comerciais, quanto pela televisão, pois segundo Muniz,

na televisão a comunicação é assim: Divulga-se o produto, a pessoa se entusiasma com o produto e diz: Ah! Vou comprar! aí o locutor faz assim: Veja o telefone que está no seu vídeo, ligue agora para comprar o produto. Ele não vai comprar se ele morar só. No meu caso, eu sou cego e minha esposa também é cega, não vamos comprar aquele produto, a gente até se interessou.

Um modo de evitar a exclusão via veículo televisivo seria a adoção da áudiodescrição, um recurso que transforma imagens em narrativas, ou seja, o cenário, o figurino, expressões faciais, cenas que não são compostas por diálogos, propagandas, etc. Esta técnica auxilia na compreensão do deficiente visual, pois as imagens são descritas. É usada, no cinema, no teatro, em museus, exposições, etc. No Brasil, segundo determinação do Ministério da Comunicação, os canais de televisão aberta deverão oferecer essa ferramenta até junho de 2011; se espera que também seja disponibilizada nos demais espaços de lazer. Para Alexandre a áudiodescrição

Ajudaria porque na televisão, os comerciais eles teriam que ser áudio descritivos, porque a maioria dos comerciais tem a parte de fala, mas tem a coisa que aparece e que não dar para o cego saber o que está aparecendo naquele comercial.

E no cinema, de acordo com Roberto Cabral, em entrevista ao jornal Folha de Pernambuco:

Geralmente vou ao cinema com uma pessoa para descrever as cenas, mas é muito complicado. Uma vez eu fui ao cinema ver Ghost. A pessoa que me acompanhava descreveu no início, mas depois ficou empolgada com o filme e se esqueceu de mim.

Para Jamile:

Eu sempre me acostumei a assistir filme sem áudiodescrição. Eu assistir uma vez um DVD que tinha áudiodescrição e achei, como se fosse assim, dar muito detalhe sabe? Tipo: chegou uma mulher de vestido rosa e sentou. E tem coisa que não é. Quando você não vê você aprende que tem certas coisas que não são importantes no contexto daquele filme, se a mulher está vestindo um vestido rosa ou uma calça jeans, não interessa. Interessa o que ela vai dizer, a mim pelo menos, pode ser que a roupa que ela está usando seja importante, se ela chegou em um jantar, ou dizer que ela estava muito bonita, aí vem a curiosidade: Eita! o que será que ela estava usando? Aí eu pergunto a quem estiver me acompanhando. Eu sei que ela é útil para certas coisas, mas para outras coisas acho que pode também tirar um pouco da imaginação que você tem quando se está assistindo um filme, o prazer de você descobrir o que está acontecendo, só pelos outros sentidos, sabe? Pelo barulho... o barulho do mar não precisa ninguém dizer que está na praia, que eu já estou ouvindo, que é o barulho do mar, que tem um passarinho cantando, que tem uma pessoa andando, entendeu? No teatro é diferente, e a maioria das peças que eu assisti, pelo menos lá [em Londres] são musicais, aí, a letra da música que é a história e o resto é muito visual, então no teatro às vezes você não tem o som da praia você só tem um desenho, então teatro é um pouco mais difícil.

Já há algum tempo a tecnologia está possibilitando a melhoria da comunicação das pessoas cegas com a sociedade mais ampla. Além da áudiodescrição, atualmente já existem *softwares* específicos para o deficiente visual acessar: a internet, editores de textos, planilhas eletrônicas, jogos e usar o telefone celular. Há, também programas de distribuição gratuita o que facilita a aquisição desses itens por pessoas de baixa renda. Conversando com Muniz sobre essas tecnologias, ele me conta que uma de suas maiores alegrias foi poder compartilhar seus textos com pessoas que enxergam; antes era difícil porque só podia escrever em *Braille* e “nem todo

mundo, ou melhor a leitura do *Braille* é algo restrito a cegos e a normovisuais próximos a nós”.

Estar inserido nas relações sociais no contexto da sua cidade, da sua cultura é um desejo e direito de qualquer ser humano; um importante elemento que proporciona a inclusão é a linguagem, nas suas diversas manifestações. De acordo com Edward Sapir, ela é a expressão de uma sociedade⁴⁷, um elemento comum a todos os humanos que se adequa a cada padrão cultural. Para Morin a linguagem “é a encruzilhada essencial do biológico, do humano, do cultural e do social” (2007, p.37).

No primeiro capítulo deste trabalho mencionei o caso de Hellen Keller que na tenra infância perdeu a capacidade auditiva e visual, dois sentidos importantes na compreensão da linguagem, mas isto não impossibilitou que mais tarde ela desenvolvesse a capacidade de falar. A princípio aprendeu a se comunicar por meio do código linguístico realizado pelo toque das mãos. Do mesmo modo ocorre com deficientes auditivos que usam a linguagem gestual, denominada no Brasil de LIBRAS⁴⁸.

O ser humano é capaz de aprender e desenvolver diferentes maneiras de linguagem. Na ausência de algum elemento do aparato biológico, ele se reinventa, se auto-reorganiza e abre possibilidades para novas formas de aprendizagem. A existência de diferentes códigos de linguagem expressa o fato de que há grupos sócio-culturais específicos, ou seja, tais códigos são desconhecidos pela maioria dos indivíduos que compõem a sociedade, sendo pouco utilizados nos instrumentos de comunicação escrita (cartazes, folders, jornais, livros etc.). Assim, as narrativas dos interlocutores desta pesquisa, ao denunciarem a insipiente comunicação da cidade com as pessoas cegas, chamam a atenção para o território restrito em que vivem, visto que ainda são poucos os recursos disponíveis em *Braille* ou áudiodescritivos.

Em conversa informal com Lucinéia sobre um determinado concurso público, ela chamou a atenção para a desigualdade na competição

⁴⁷ In HOIJER, Harry. A hipótese de Sapir-Whorf. Texto mimeo traduzido da obra de BLOUNT, B. G. **Language, culture and society**. Cambridge. Wutrop. 1974. p. 120-131.

⁴⁸ Linguagem Brasileira de Sinais.

entre uma pessoa cega e um normovisual. Alerta que a diferença não se encontra simplesmente na capacidade de aprendizagem de cada um, mas na disponibilidade do material de estudo, pois, encontrar livros de assuntos específicos em linguagem acessível é muito difícil. De certo que atualmente existem o *scanner*⁴⁹ e a linha *Braille*⁵⁰, instrumentos que facilitam a transcrição de textos impressos no modo tradicional, transformando-os em áudio ou em *Braille*, mas ambos são de alto custo, o que inviabiliza o acesso.

Desse modo, cabe observar que a nossa cultura ainda não se acostumou com as diferentes maneiras e necessidades que o ser humano desenvolve para se comunicar. Segundo Durand (2004), no Ocidente há certa tendência de fundamentar os princípios da verdade em um modelo absoluto; no que concerne a nossa linguagem escrita, predomina o uso dos signos acessíveis apenas aos olhos, pouco se explora as outras possibilidades de signos gráficos, como é o caso do *Braille*, por meio do qual, os cegos desenvolvem a habilidade de ler com as mãos, e passam a conhecer o mundo da literatura, da arte, da ciência que aguçam a imaginação através dos dedos que deslizam sob a combinação de pontos em alto relevo.

⁴⁹ *Scanner* para digitalização de textos e *Open Book* (Software leitor de textos): Trabalhando junto com um *scanner* de mesa comum, o *OpenBook* converte materiais impressos (páginas de livros e revistas, folhetos, extratos, faturas de contas, cartões de visita, etc.) em imagens digitais cujo conteúdo é reconhecido e convertido em texto para ser falado por um sintetizador de voz. Além do texto, o *software* também vocaliza informações acerca do *layout* da página escaneada (número e posição de imagens, cabeçalhos, rodapés, títulos, colunas, etc.) e oferece recursos sofisticados de leitura, navegação e conversão para outros formatos, inclusive MP3 e WAV. Disponível em <http://www.sbf1.sbfisica.org.br/eventos/snef/xviii/sys/resumos/T0609-2.pdf>. Acesso em 30/1/2010.

⁵⁰ A linha Braille, ou display Braille, é um dispositivo de saída de computador que exhibe dinamicamente em Braille a informação da tela. Consiste em um sistema eletromecânico de várias celas Braille ligado a uma porta de saída do computador. Cada cela tem uma superfície plana com 08 (oito) furos, dispostos no formato e nas dimensões de uma cela Braille padrão. Sob o comando do usuário do computador, um leitor de telas (*software Jaws*) transforma os dados exibidos na tela em sinais elétricos que são enviados à linha Braille. O sistema interpreta esses sinais e faz com que cada pino das celas suba ou desça através dos furos para formar assim caracteres Braille. Esse material pode auxiliar um aluno com deficiência visual a entrar em contato tátil com informações digitalizadas em um computador. Como hipótese, pode dar condições ao aluno com deficiência visual realizar operações matemáticas na resolução de problemas físicos. Disponível em <http://www.sbf1.sbfisica.org.br/eventos/snef/xviii/sys/resumos/T0609-2.pdf>. Acesso em 30/1/2010.

3 . MANEIRAS DE PRATICAR A CIDADE

A cegueira [...] é um dos estilos de vida dos homens. (Borges, 1995, p. 149)

Corroborando com as ideias de Borges, acredito que a cegueira é uma possibilidade diferenciada do indivíduo estar no mundo. Um modo particular de desenvolver um vasto conhecimento sobre a realidade do seu entorno por meio dos sentidos que lhes são disponíveis, e construir maneiras de praticar o espaço onde vive, enfrentando as adversidades de um lugar, no caso a cidade, onde a maioria das interações do cotidiano é intermediada pela primazia do sentido da visão.

Esse vasto conhecimento é construído pela aprendizagem de técnicas de ensino destinadas à educação da pessoa cega, a exemplo: Da estimulação essencial, orientação e mobilidade, alfabetização em *braille*, matemática utilizando o sorobã e o multiplano, informática destinada para deficientes visuais e AVD (atividades da vida diária).

Essas técnicas auxiliam o desenvolvimento do tato, cinestesia, propriocepção, audição, olfato e paladar, tornando-os mais potentes, o que possibilita realizar leitura por meio das mãos; reconhecer as pessoas pelo cheiro e tom da voz; identificar os lugares por onde passam, etc. Esse jeito diferente de lidar com as coisas do mundo, às vezes surpreende a nós, os normovisuais, que somos habituados a usar primordialmente, a visão na prática do cotidiano.

Não faz muito tempo, encontrei, casualmente, Ediane em um ônibus, sentada próxima à porta de embarque. Cumprimentei-a com um bom dia, ela de imediato respondeu pronunciando o meu nome. Percorremos o itinerário da Estrada de Belém – bairro de Campo Grande - até a Avenida Caxangá, bairro do Cordeiro, um percurso de aproximadamente sete quilômetros, que durou uns 30 minutos. Conversamos durante toda a viagem, ao chegar próximo ao ponto onde deveria descer, ela se despediu e solicitou que eu desse o sinal de desembarque. Fiquei observando-a descer e tomar o seu destino, ao mesmo tempo em que me surpreendia com o seu senso de orientação, pois em nenhum momento, durante a viagem, me

perguntou onde estávamos. Ao encontrá-la em outra ocasião comentei sobre esse assunto, e, ao me explicar, enfatizou:

No percurso do ônibus todo movimento é importante, uma curva, uma lombada, uma ponte, o cheiro dos lugares a quantidade de paradas. Na Caxangá fica fácil saber as paradas que passou mesmo que ele não pare porque em todas elas o ônibus faz o movimento de contorno que balança para os dois lados, quando entra da parada e quando sai.

Também indaguei a Lucinéia, como era possível saber o ponto de ônibus que deseja desembarcar, ela respondeu:

Para vir para cá [no seu local de trabalho, localizado na Av. Mario Melo, bairro de Santo Amaro] depois da ponte o ônibus faz duas curvas, depois da Universidade Católica, ele faz outra curva, se passa, quando ele chega aqui no Treze de Maio ele vai fazer o retorno, então ele faz duas curvas aí eu já sei que chegou na biblioteca, aí eu vou e desço. Porque eu procuro ver todos os pontos de referência que tem como, por exemplo: se passa numa ponte, numa lombada, numa curva. O que é mais complicado é para pegar o ônibus, porque a gente não vê mesmo, aí tem que perguntar. O bom seria se tivesse a placa em Braille, com os ônibus que passa naquela parada.

Já Rosa, dá as seguintes referências ao caminhar no bairro onde mora:

Eu saio daqui andando para pegar o ônibus. Vou sempre pela Barão de Vera Cruz dobro e lá no começo da Rua tem a pizzaria, que é bom para gente porque é uma boa referência pelo cheiro, tem sempre o cheiro de pizza ou de alguma coisa que eles estão cozinhando, aí, a gente sente, aí dobra, fico ali na parada do ônibus. Eu não ando só, mas sinto o cheiro do mercadinho também próximo a parada, não é um cheiro agradável, é aquele cheiro de coisa suja, é um cheiro de lugar sujo, aí pronto, a gente sente que o lugar talvez não seja tão limpo.

O tato em relação ao piso e o olfato também são indicativos de itinerários, segundo Ediane:

Os pisos das calçadas são diferentes e isso ajuda a orientação, os shopping também, cada um tem o seu cheiro e se nunca ninguém percebeu isso, eu observo isso também.

Por exemplo, eu estou andando pela cidade, eu consigo saber qual é a loja pelo cheiro da loja, a Riachuelo mesmo, eu já sei que ali é a parada dela. Da C&A mesmo, eu também sei, e depois eu também sei o que fica perto como na calçada da C&A, indo por ali chega no HSBC, no IBI. Quando vai chegando no HSBC eu já sei porque já conheço o cheiro do HSBC. Eu já me acostumei com os caminhos, mas há lugares que nunca fui, mas ando assim mesmo, eu não deixo de ir para um lugar que eu nunca fui, procuro saber o endereço e bato lá, procuro sempre alguma coisa que eu consiga identificar, alguma coisa tem que ter, nem que seja o cheiro. Eu pergunto o endereço às pessoas na rua, ou então eu fico parada esperando que alguém passe perto de mim para poder perguntar. Tem gente que ensina errado ou diz assim: Você vai ali em frente, aí eu respondo: Há... eu vou ali, tô vendo. Fico brincando. A indicação pode dizer assim: Você vai em frente dobra a direita, a esquerda, atravessa para o outro lado da rua, indicações que eu possa seguir.

As narrativas de Ediane, Lucinéia e Rosa, traçam uma cartografia da cidade impregnada de sutilezas, usando a cinestesia, o olfato, o tato, a audição, e também a memória-hábito, que segundo Henri Bergson, é responsável pela fixação e transformação dos costumes da vida cotidiana, a exemplo, do aprendizado da escrita, andar de bicicleta, costurar, etc. Esta memória é diferente da imagem-lembrança, ou seja, da memória que reconstrói na consciência momentos do passado.

Para os neurologistas Gazzaniga, Ivry e Mangun, a memória⁵¹ de longa duração é composta por duas divisões principais que exprimem o tipo de informação armazenada: na memória declarativa encontra-se o conhecimento pessoal e do mundo externo que são acessados pela consciência; na memória não-declarativa estão os conteúdos aos quais “não temos acesso conscientemente, como as habilidades cognitivas e motoras (...) o *priming*⁵² perceptivo e os comportamentos simples aprendidos que derivam do condicionamento da habituação” (2006, p.332). Por isso que muitas vezes

⁵¹ Há outros tipos de memória, tais como: a memória sensorial que “tem sua duração medida em milissegundos ou segundos como nos lembramos o que alguém recentemente nos disse, mesmo que não estivéssemos prestando atenção. A memória de curta duração é associada a retenção de segundos ou minutos. Isso pode incluir lembrar de um telefone que nos foi dado pela operadora, enquanto tentamos discá-lo” (GAZZANIGA; IVRY; MANGUN 2006, p. 321-322).

⁵² O *priming* se refere à mudança na resposta frente a um estímulo ou a habilidade em identificá-lo, como resultado de exposição prévia a esse estímulo.

realizamos atividades de maneira motora, como dirigir e caminhar, sem que necessariamente estejamos pensando nos movimentos que fazemos. Repetimos o que aprendemos de acordo com a organização biológica que possuímos e respondemos aos novos estímulos que são oferecidos pela percepção.

É importante salientar que pessoas que deixaram de enxergar depois de terem construído uma memória visual, também se orientam pelas imagens-lembranças. Geralda observa que quando caminha pela cidade recorda como eram os locais do tempo em que enxergava, sabe que passaram por mudanças, a exemplo de lojas que fecharam ou trocaram de endereço, ou terminais de ônibus transferidos para outros locais, mas, no geral, o traçado e o nome das ruas pouco se modificaram.

A relação da memória-hábito e da imagem-lembrança possibilita a aprendizagem dos trajetos ou de lugares fechados (casa, sala, escola). No caso da pessoa cega, ao perceber, repetidas vezes, os detalhes da espessura do piso, a mudança do cheiro e do som, a intensidade do vento, o movimento dos veículos, etc, constrói caminhos de memória, e mostra outra possibilidade de praticar a cidade, ou como diz Borges (2010), de sentir os lugares. E assim percorre os itinerários e desperta a sua curiosidade e elabora suas imagens. De acordo com Rosa:

Olhar é uma coisa que eu gostaria, é uma coisa que eu tenho muita vontade de ver é uma maquete do Recife, entendeu? Essa semana eu li um artigo sobre as pontes daqui do Recife, então eu fiquei imaginando. Eu acho que é uma cidade com as pontes não é? Deve ser bonita com os prédios. Quando fala assim, Recife, aí eu imagino de uma forma com as praias e os rios. A cidade do Rio de Janeiro eu já imagino de outra forma, está entendendo? Salvador eu já imagino como eu li, você vai imaginando a cidade da forma que está sendo descrita para você. Eu imagino assim, que os prédios não sejam muito altos. Eu li sobre o centro do Recife eu acho que é uma coisa antiga, não é? Aquelas ruas da Imperatriz tudo, não deve ser tão modernas assim. O Treze de Maio eu acho que deve ser bonito, uma praça bem grande com muitas árvores. A imagem do lugar é um negócio só dentro da gente mesmo que diz como é. Já as praias de Recife eu tenho certeza que são diferentes das praias de Copacabana, aqui deve ter mais coqueiros, mais barraquinhas.

Durante o trabalho de campo quando solicitei a alguns interlocutores que descrevessem as imagens da cidade, suas narrativas reiteraram os discursos sobre a dificuldade de locomoção e o desejo de inserção social. Em outras, as respostas geralmente se assemelham ao que Rosa mencionou; algo muito íntimo, difícil de expressar em palavras. Mas, ao ouvir as pessoas cegas falarem sobre a imaginação ou descrever um objeto imaginado, lembro da assertiva de Rosa, já mencionada no primeiro capítulo, e que se repete na sua narrativa sobre a cidade. As imagens vão se formando como se ela estivesse lendo um livro, transformando o que não vê em imagens particulares.

Para Bachelard, “a expressão literária tem vida autônoma [...] a imaginação literária não é uma imaginação de segunda posição, vindo depois das imagens visuais registradas pela percepção” (2001, p.5). A imaginação é criadora e individual, por isso, quando leio um texto, as imagens que faço divergem das que foram imaginadas por outra pessoa que leu a mesma obra. É comum também acontecer com livros que foram adaptados para o cinema; nem sempre o roteiro, o cenário, o figurino e os atores correspondem às imagens criadas por quem, anteriormente leu o texto.

Desse modo a cidade se assemelha a um livro, que pode ser lido pelos sentidos do corpo e pelas múltiplas linguagens. Segundo Vitor Hugo a arquitetura é um livro de pedra que foi redigido através do tempo, “começou como qualquer escrita. Foi primeiro alfabeto. Erguia-se uma pedra ao alto, e era uma letra, e cada letra era um hieróglifo e sobre cada hieróglifo repousava um grupo de ideias” (2007, p. 168). Pelos monumentos do Recife, Alexandre vai fazendo a leitura que desperta certas curiosidades:

A questão arquitetônica do Recife eu acho um negócio bem feito. Quando eu vou andando, quando eu vou tocando, tocando, quando eu vou caminhando sobre a ponte dá para a gente perceber a estrutura da coisa como é que é. É uma coisa muito bem planejada. Por exemplo, uma das coisas que eu fico assim parado, imaginando, quando eu estou passando, quando tenho oportunidade de passar, é aquela ponte Duarte Coelho, a estrutura da ponte. Teve uma vez que eu cheguei até a bater com o pé com força no chão para verificar, é uma coisa muito bem feita uma ponte, não tem oco, é como se estivéssemos andando no próprio asfalto.

Também tem os monumentos que têm as igrejas que foram construídas, que eu já tive a oportunidade de tocar nas paredes da igreja, até de entrar também. Tudo foi construído praticamente assim em cima de um mangue. Eu fico pensando como pode ser isso? É muito interessante.

Edificações que foram construídas sobre os manguezais aterrados, a ponte que não sente o vazio da sua superfície; monumentos conhecidos pelo tato são as peculiaridades da paisagem do Recife que chamam a atenção de Alexandre. Segundo Borges, “não há um único homem que não seja descobridor” (2010, p.9). No hotel Reikjavik, “tateando as paredes [...] descobri uma grande coluna redonda era tão grossa que meus braços esticados quase não conseguiram circundá-la. Logo depois fiquei sabendo que era branca. Maciça e firme” (ibid p. 89).

A linguagem e os sentidos disponíveis aos cegos dão pistas, suscitam curiosidades, criam imagens, anunciam novidades. Para Borges, a cegueira não impede de perceber e sentir os países que visita, o mesmo refere Michele:

Gosto de viajar, se pudesse só vivia viajando. Gosto de novidades. E a pessoa cega cria imagens e muitas vezes aquela imagem não é a imagem igual a do lugar, mas é a que eu faço. Mas, de fato o nosso tato, ele não nos permite ver algumas imagens. O mundo é visual, ser cego no mundo do vidente é um desafio, é uma busca sempre, a gente tem que estar buscando algumas alternativas para sobreviver e aí vem a questão de acessibilidade que ainda não se tem por completo, tem coisas mínimas.

Michele chama a atenção para os limites que o mundo visual impõe ao cego. Embora existam técnicas de ensino específicas para a pessoa cega, ao praticar a cidade há momentos que necessita criar alternativas, meios para superar as dificuldades, a exemplo dos obstáculos das calçadas, de acordo com Lucinéia:

O povo pensa que eu sou mal educada, que não gosto de ajuda, mas só que as pessoas não entendem uma coisa; você vai andando por cima da calçada, você está enxergando onde tem um buraco, carroça de lixo, coisa que não presta, você que enxerga vai desviar, e eu não vou. E no meio fio a única coisa que tem são carros estacionados. O barulho do carro,

passando na rua eu escuto e o buraco não fala, então no buraco eu vou cair nele e um carro para bater em mim, pode ser que venha um doido irresponsável e bata mesmo, eu não vou dizer que não pode acontecer. Mas é mais fácil eu cair no buraco do que um carro bater em mim. E tem as árvores, mas pelo menos a gente sabe onde elas ficam. A Av. Conde da Boa Vista depois da reforma, as calçadas ficaram boas de andar, só não gostei das paradas de ônibus porque ficaram muito apertadas, então eu fico muito próxima ao meio fio e as pessoas me puxam para o canto, aí para passar quando o ônibus chega tenho que bater nos outros, então eu prefiro ficar perto do meio fio.

E Muniz:

Se você for, por exemplo por ali: Rua da Matriz, Rua da Glória, Rua Velha é melhor que ande na rua do que na calçada, ali você vai ter que dividir as ruas com os carros, ali você não consegue caminhar, aquela Rua dos Coelhos é horrível andar por ali. Bairro de São José, Dantas Barreto, meu Deus!

Ao participar do cotidiano da cidade, no caso o do Recife, a pessoa cega cria táticas para facilitar sua locomoção e uso dos serviços que, na sua maioria, não são pensados para os cegos. Michel de Certeau considera as táticas, maneiras de agir “que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço” (2009, p. 96). Do mesmo modo que Lucinéia e Muniz, outros deficientes visuais que conheci no decorrer da pesquisa, reafirmam que em alguns trechos do Recife, é mais seguro caminhar pelo perímetro destinado à circulação de veículos automotores do que nas calçadas. Assim, além de se protegerem de possíveis quedas, a locomoção é mais rápida; ao mesmo tempo é uma forma de denunciar, de mostrar a inacessibilidade do passeio público, não só para os deficientes visuais, mas para qualquer outro transeunte.

A inacessibilidade também se apresenta nos semáforos, são poucos os que disponibilizam sinais sonoros. Para evitar acidentes durante a travessia Geralda utiliza a seguinte tática:

Se o sinal estiver fechado quando chego, não devo passar porque eu não sei quanto tempo ele está fechado, aí ele pode abrir quando eu ainda estiver no meio da travessia. Eu espero ele abrir e quando fecha novamente, eu me posiciono ali e espero alguém para atravessar porque, no mês de fevereiro mesmo o carro ia atropelando eu e Wellington e tinha um cidadão ajudando a gente a atravessar, mas o motorista avançou o sinal e o cidadão que estava ajudando voltou para o mesmo lado de antes.

Para Ediane:

Tendo ou não o sinal sonoro eu espero os carros pararem para poder atravessar. Eu percebo pelo barulho do motor que dá para diferenciar se o carro está parado ou andando.

E Alexandre:

Também dá para sentir as pessoas andando junto da gente, então quando estou parado esperando o sinal fechar, se ninguém me oferecer ajuda, eu espero sentir as pessoas seguirem atravessando e vou junto.

Se as ruas da cidade não dão condições para a pessoa cega trafegar sem tantos obstáculos, ou ainda não há uma sinalização adequada para identificar a parada de ônibus que deseja desembarcar, ou os semáforos não disponibilizam sinais sonoros, é a reinvenção do uso do espaço e dos sentidos do corpo que torna possível as pessoas cegas praticarem o Recife. Seu repertório de saber fazer reitera a ideia de Nogueira quando afirma que o ser humano recusa “a condição de simples espectador, cria permanentemente estratégias” (2008, p.88). É o que revelam as narrativas dos interlocutores dessa pesquisa; seus modos de agir, possibilitam conviver e sobreviver em uma cidade que não é pensada para eles, onde a maioria das relações do cotidiano os exclui.



CAPÍTULO III

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O BELO E O FEIO NA PERSPECTIVA DOS NARRADORES SENSÍVEIS

Parece-me que há em cada um de nós a capacidade de compreender impressões e emoções sentidas pela humanidade desde o início. Cada indivíduo tem uma memória subconsciente da terra verde e das águas murmurantes, e a cegueira e a surdez não conseguem roubar esse dom das gerações passadas. Essa capacidade herdada é uma espécie de sexto sentido – uma noção de alma que vê, ouve e sente, em conjunto.

Hellen Keller.

1 - SENTIR COM OS SENTIDOS

Recentemente visitei uma exposição de arte, cujas esculturas eram infláveis. Confeccionadas de papel de seda, em diversos tamanhos e formas, com uma belíssima vibração de cores. Essas esculturas encantaram os meus olhos, por vários minutos fiquei contemplando-as, ao mesmo tempo em que tinha que manter o controle das mãos, porque elas desejavam tocar, sentir a maciez do papel e o movimento do ar que soprava para dentro daquelas formas.

Geralmente quando frequento uma exposição de arte tenho sempre esta mesma frustração diante dos objetos. Eles convidam ao toque, mas, na maioria das vezes, é proibido. Olhar não basta, os outros sentidos atormentam-me, perturbam-me, pois também querem integrar a contemplação do sensível e do tangível. Quem me dera poder um dia chegar numa pinacoteca e poder sentir a textura das pinceladas de uma pintura, ao mesmo tempo em que o olhar percorre toda obra.

No século XVI, Leonardo da Vinci afirmou ser o olho a janela da alma que abraça a beleza do mundo. Não quero tirar o mérito dessa bela poesia que me encanta, mas apenas ressaltar que os outros sentidos

também são janelas da alma porque a beleza do mundo não se encontra apenas nas imagens, não dizem respeito unicamente às coisas visíveis, mas também ao invisível que se revela no som, no paladar, no cheiro, no movimento, no sentir a proximidade do frio e do quente e nas texturas e formas das coisas.

Pensar sobre essas sensações é recordar a definição da palavra *aisthesis*: “veio do verbo *aisthanomai*, que quer dizer sentir. *Aisthesis* não se refere a um sentir afetivo, emocional, mas um sentir com os sentidos, uma confluência de percepções físicas simultâneas” (DUARTE, 2008 p. 4).

Maria Beatriz Medeiros, espelhando-se nas ideias de Dufrenne, compreende que a *aisthesis* “envolve todo o corpo no sentir que se dar por todos os poros, mas também pelo ouvido, pelo tato [...] inclusive, em degustar uma paisagem, para aí sentir prazer. [...] mas também todos e inteiros para sentir desprazer” (2005, p.38). O prazer e o desprazer relacionam-se ao gosto que é variante, difere nos indivíduos, é algo subjetivo, mas que encontra sua concretude nos modelos culturais, pois a concepção do belo e do feio não é também uma travessura da cultura que se reinventa e permanece através do tempo e do espaço?

Segundo Umberto Eco (2004), o gosto, ou melhor, a beleza não é algo imutável, nem absoluta, ela se modifica no tempo e no espaço. Em cada momento da história é forjado um repertório de noções sobre o feio e o belo, mas essas diferentes concepções podem acontecer numa mesma cultura. No ocidente, por exemplo, os antigos gregos conceberam suas concepções sobre o feio e o belo; do mesmo modo, fizeram os escolásticos, os renascentistas, os modernos e os pós-modernos.

Se acaso o leitor fosse buscar o significado da palavra belo no *Dicionário Houaiss* da língua portuguesa iria encontrar: formas e proporções harmônicas; bonito; que produz uma viva impressão de deleite e admiração; de elevado valor moral; que revela bondade; generoso; em que há felicidade; venturos. Do mesmo modo, sobre o feio leria: desprovido de beleza, de

aparência desagradável, vil, desonesto, vergonhoso, torpe, comportamento desabonador.⁵³

Entretanto essa antítese não se encerra em si mesma, isto porque a opinião sobre que é feio ou belo é variante, depende do observador, da sensação que provoca nos indivíduos e das concepções construídas nas culturas. Uma máscara, por exemplo, confeccionada por africanos, talvez “aos olhos de um ocidental contemporâneo, [...] parece representar seres horríveis e disformes, enquanto para os nativos podem ou podiam ser representações de valores positivos” (ECO: 2004, p.131).

Essas sensações de caráter subjetivo, individual e coletivo são construídas no entrecruzamento entre o aparato biológico e o cultural. A contemplação é crivada por tal entrecruzamento, na medida em que diz respeito aos órgãos dos sentidos. Neste capítulo, Rosa, Muniz, Marconi, Cicero, Lucineia, Edson, Antônio, Sílvia, Isabel, Adriano e Marluce são os nossos guias para discutirmos as noções do belo e do feio na perspectiva da cegueira.

2. CEGUEIRA E AS EXPRESSÕES DA ARTE

A leitura de autobiografias foi um recurso que empreendi nesse trajeto que venho percorrendo na busca de compreender um pouco mais sobre a cegueira. Foi procurando esse tipo de literatura que me deparei com o texto *O Belo e o Estético não são Visuais* de Marcos Antônio Queiroz. Dentre os diversos relatos da sua experiência destaco o contato com as artes visuais:

Realmente, o belo e o estético não são só visuais. Para nós cegos, então, não são nada visuais. O Belo é sonoro, como na Quinta de Beethoven, quando penso ser a morte a bater na porta. Mas, seria a morte bonita? Há beleza nos dramas, lirismo no som. A beleza também é física. Afinal, o que seria da humanidade e das mulheres se os homens só as vissem?

⁵³ Dicionário Eletrônico Antonio Houaiss da Língua Portuguesa. Versão 3.0. Rio de Janeiro. Objetiva. 2009.

Por isso me emocionei tanto quando toquei em obras de arte na Pinacoteca de São Paulo. Como pensei que nunca mais veria esculturas e artes plásticas, que nunca mais essas artes fariam parte da minha vida, senti um nó na garganta quando toquei esculturas e telas, porque passei a "ver" o que já não tinha jeito. Consegue imaginar como achei tudo enormemente lindo?⁵⁴

Segundo Merleau-Ponty a pintura celebra o visível, “ver é ter à distância” (1989, p. 53), é manter-se longe da obra de arte, é percorrê-la apenas com o olhar. O toque é permitido ao pintor no fazer da produção artística, a mão participa do fazer, e é proibida na contemplação. Essa distância física entre o observador e o objeto é uma característica de um tipo de arte, pois na arte contemporânea existem obras performances e instalações com as quais podemos interagir como é o caso dos trabalhos de Hélio Oiticica e Lígia Clark.

Para Eco, “a arte grega e ocidental em geral privilegiam a justa distância da obra, com a qual não se entra em contato direto, ao contrário de certas formas artísticas orientais [por exemplo] uma escultura japonesa deve ser tocada” (2004, p. 57). Essa distância entre a obra e o observador permeia as múltiplas expressões da arte plástica, e é um dos empecilhos para a interação com pessoas cegas. A narrativa de Marcos Queiroz nos mostra outra possibilidade de contato com a obra de arte, da emoção do encontro com algo que pensava ter perdido, a capacidade de contemplar uma pintura, que foi resgatada pela proximidade, pelo toque. Isto porque, não é unicamente o olho que percorre os traços da imagem, para Bachelard, “a mão desperta as forças prodigiosas da matéria” (1985, p. 53), é potência do gosto, do prazer e da imaginação.

No Brasil são poucos os lugares que promovem exposições acessíveis para pessoas cegas, mas já é possível encontrar nos Museus: da Bíblia em Barueri, de Ciências Morfológicas da UFMG e da Fundação Dorina Nowill; na Pinacoteca de São Paulo e o Espaço Cultural Contemporâneo,

⁵⁴ QUEIROZ, Marcos Antônio. **O Belo e O Estético Não São Só Visuais**. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/obelo.php>. Acesso em 11/10/2010.

também em São Paulo⁵⁵. No Recife, segundo os interlocutores de pesquisa, não há locais que disponibilizem esse tipo de exposição, exceto o Museu Ricardo Brennand, segundo Isabel, 42 anos, que perdeu a visão gradativamente em consequência da catarata congênita, e há oito anos só diferencia claro e escuro:

Fomos uma vez lá no Museu Ricardo Brennand, eles deixam tocar em algumas estátuas, mas não são todas e tem que ter uma pessoa do museu nos acompanhando. Toquei em algumas esculturas, também tinha uma sala com personagens de cera, toquei no rosto, mas foi muito pouco.

Pensar sobre acessibilidade nas artes plásticas, não é simplesmente permitir a aproximação e o toque nas peças, é também possibilitar a informação em linguagem acessível, disponibilizando legendas e material informativo em *Braille*, a áudiodescrição, etc. Isto porque, como observa Francisco Lima, “a arte é importante para as pessoas, e pessoas com deficiência, são pessoas”⁵⁶.

Deste modo, não é a cegueira que impede o contato com a obra de arte, são os hábitos e conceitos construídos na cultura que ainda se encontram alicerçados na supremacia do visual. Isto não quer dizer que todas as galerias de arte tenham que possibilitar o toque numa pintura, a aproximação com a obra, também pode ser oferecida pela descrição em linguagem acessível. Segundo notícia do site *Deutsche Welle*, daqui a algum tempo não será apenas o tato que possibilitará o encontro da pessoa cega com o objeto de arte. “Um estudante alemão tem um projeto para criar obras

⁵⁵ Outras iniciativas estão sendo realizadas com o propósito de viabilizar a acessibilidade da pessoa cega à exposição de arte, a exemplo do evento Ancestralidade no Universo realizado em Niterói, que disponibilizou mapa tátil, sistema háptico e áudiodescrição. E também a Mostra A Contemplação do mundo que aconteceu em paralelo com a Bienal de Arte. Em sua 5ª edição, “é formada por 82 obras de arte de artistas plásticos nos galpões do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, sob curadoria de Paulo Reis. Com educadores treinados para que possam receber qualquer tipo de público, possibilidade de tocar a maioria das obras de arte, descrição das peças e espaço para deixar o cão guia, Paralela 2010 apresenta-se de maneira acessível, respeitando o desenho universal”: (<http://www.sentidos.com.br/canais/materia.asp?codpag=13556&canal=ligado>). Acesso em 26/11/2010.

⁵⁶ Disponível em <http://www.lerparaver.com/node/7541>. Acesso em 30/11/2010.

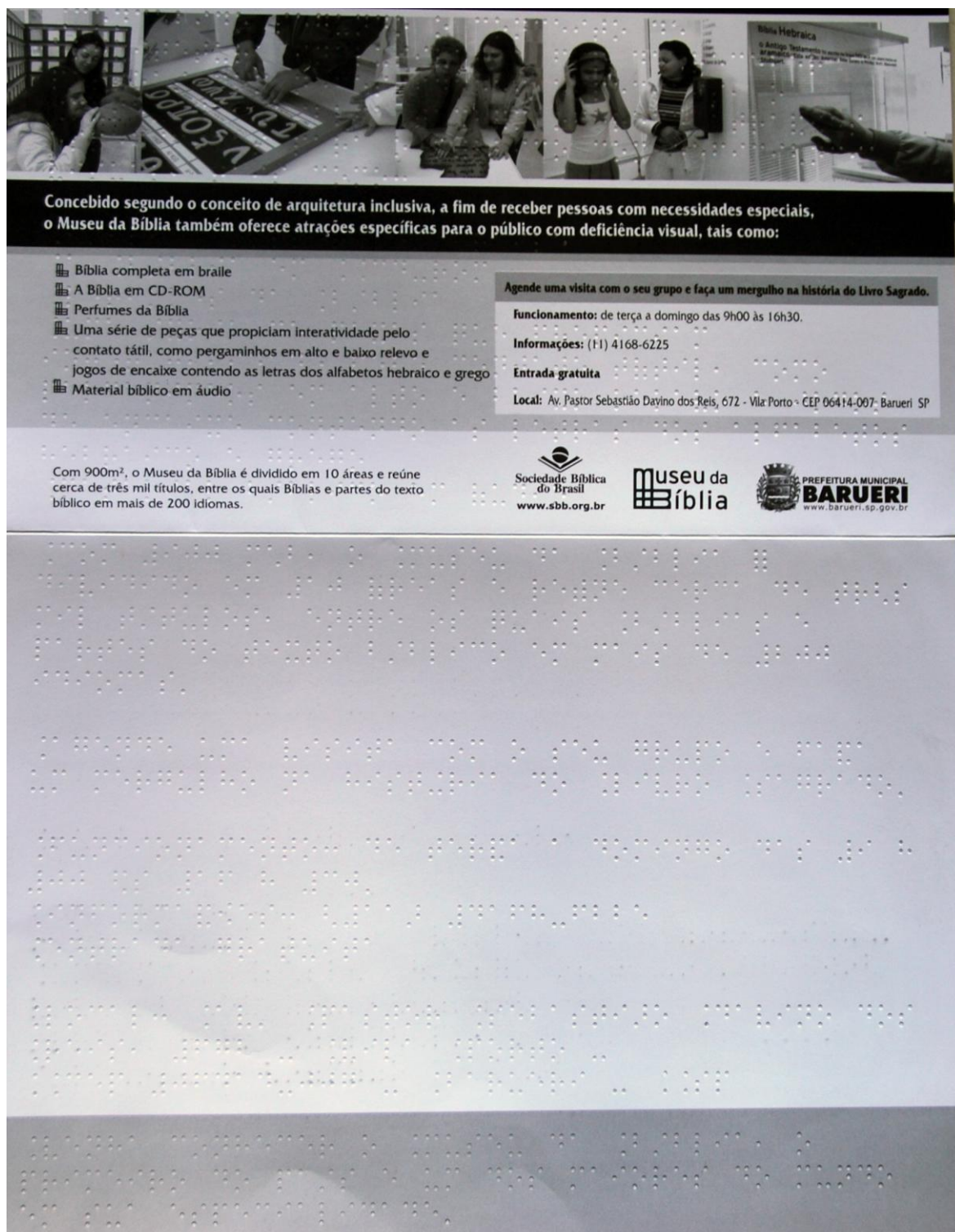


Figura 22- Folder Acessível – Museu da Bíblia Barueri – SP
Foto: Sandra Araújo



Figura 23 – Folder Acessível – Espaço Cultural Contemporâneo – São Paulo

que possam ser percebidas pelo olfato. Se o projeto se concretizar, todos os sentidos humanos serão solicitados frente a uma obra artística.”⁵⁷

Segundo Serres, “o olfato parece o sentido do singular [...] o perfume atesta o específico” (2001, p. 171), é mensageiro do prazer ou da repugnância. De acordo com Isabel:

Pelo cheiro sei o que é bonito ou feio, o bonito é cheiroso, o feio é o que não cheira bem.

Desse modo, o objeto do gosto se distingue por meio das sensações que provoca no indivíduo, “a própria sensibilidade estética também ultrapassa o domínio das formas visuais e abre-se aos odores, [...] às formas sonoras (ritmos, música, canto) e à expressão corporal (Morin, 1999, p. 102). A beleza não é uma exclusividade da visão, ela invade os sentidos do corpo e provoca sensações de arrebatamento, de prazer. Assim, a arte também se encontra no invisível, seja por meio da música, dos aromas, seja pela imaginação do espectador.

Calcada na ideia de uma arte do visível e do invisível durante o trabalho de campo facilitei uma oficina de fotografia para pessoas cegas. Não tinha o objetivo de formar fotógrafos, mas proporcionar um espaço de diálogo onde pudessemos falar sobre as imagens que pessoas cegas forjam sobre os objetos, os lugares e as pessoas; a fotografia serviu como estímulo. É importante ressaltar que o uso de uma câmera fotográfica por pessoas cegas não é uma novidade. As obras de Evgen Bavcar, também chamado de fotógrafo cego, são conhecidas mundialmente. Também o SENAC-São Paulo, há três anos, promove a “sala dos sentidos”, um curso de fotografia para deficientes visuais.

“Oficina do Sensível” foi o nome que atribuí aos nossos encontros, que aconteceram uma vez por semana, entre os meses de outubro/2008 a março de 2009. Os participantes foram: Antônio, que tem apenas 5% da visão; Edson, cego congênito; e Sílvia, que apenas diferencia claro e escuro.

⁵⁷ Disponível em: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,445603,00.html>. Acesso em 26/11/2010.

As atividades foram organizadas em dois momentos. O primeiro ocorreu numa sala onde discutimos sobre a origem da fotografia, a necessidade de identificar a posição da luz e o manuseio de uma máquina fotográfica digital. No segundo foi privilegiado o uso da câmera; inicialmente os encontros aconteceram nas dependências da Associação Pernambucana de Cegos, em seguida passamos a nos encontrar em diferentes locais do Recife⁵⁸.

Os participantes escolhiam o que queriam fotografar, para viabilizar seus desejos, eu descrevia o espaço e os objetos que preferiam fotografar, e quando possível, usavam o tato para reconhecê-los. Em seguida, eu media a distância calculando quantos passos eles deveriam dar para se afastarem do objeto, e em que local do corpo deveriam apoiar a máquina. O som também era um indicativo para a captação da imagem, principalmente quando iam fazer um *portrait*, além do tocar na pessoa que seria fotografada, para perceberem a altura, eles pediam que o modelo falasse ou fizesse algum barulho, pois diziam que a sonoridade ajudava na medição da distância.

Também era preciso identificar a posição da luminosidade. Decidimos que se estivéssemos num local fechado eles deveriam se informar sobre a localização de janelas e portas; se estavam abertas, e onde ficavam as luzes. No espaço aberto, dependendo da hora, era necessário identificar a posição do sol. De acordo com Edson:

Mesmo sem ver a luz não tem problema, se a janela ou a porta estão abertas sei que é melhor ficar de costa para elas, e se for na praça eu sinto o calor do sol e qualquer coisa também posso perguntar se estou de frente ou de costa para a luz, porque aprendi que na fotografia isso influencia.

No início não foi fácil fazer o enquadramento correto, as imagens saíam pela metade, ligeiramente tortas; mas com o passar do tempo e a repetição do exercício, a dificuldade foi diminuindo e boas fotos foram surgindo no ecrã da máquina.

⁵⁸ Praça da República, Parque Treze de Maio, Praça do Derby, Casa da Cultura e o Instituto Ricardo Brennand.



Figura 24 - Antônio Fofografando
Foto: Sandra Araújo



Figura 25 - Fotografia feita por Antônio 1 Tentativa



Figura 26 - Fotografia feita por Antônio – 3ª Fentativa



27 – Edson Fografando
Foto: Sandra Araújo



Figura 28 - Fotografia feita por Edson 1ª tentativa



Figura 29 - Fotografia feita por Edson – 4ª Tentativa

Não deixa de ser curioso o fato da pessoa querer produzir algo que não vê e nem pode sentir pelo tato, que tem acesso apenas pela descrição.

Mas de acordo com Edson:

Dentro da minha cabeça existe um jeito de guardar a imagem, pela imaginação. Mesmo sendo cego eu posso fazer isso, por exemplo, eu toco em um carro e percebo como ele é. Eu vou fazer uma imagem dele na minha cabeça. Assim, com a fotografia posso fazer o mesmo, guardar a imagem, só que poderei mostrar para outras pessoas. Quero fazer isso porque gosto de viajar e assim vou mostrar o que aconteceu e o lugar onde estive.

Já Sílvia:

Em casa, quando o pessoal está tirando foto e quando quer tirar uma foto todos eles juntos e não podem, aí dizem, vai Sílvia. Aí coloca o celular na posição, aí bato. A Fotografia é o momento que se guarda, é tudo um momento. É bom aprender.

E Antônio:

Fotografia para mim é memória – disse Antônio - é bom guardar as fotos de parentes, dos lugares por onde a gente anda, por onde a gente viaja. Lá no Sertão onde eu nasci tem o costume de tempos em tempos, quando a família se reúne, de olhar os álbuns e a gente ri porque fica vendo que fulano mudou, sicrano ficou gordo e assim vai. Eu não vejo mais uma foto, mas acho importante fotografar porque posso guardar a lembrança para os outros. Meu filho, por exemplo, todo mês gosto de tirar uma foto dele para ele ver quando estiver grande como ele foi. Aprender a fazer uma fotografia agora, depois que perdi a visão, é bom porque guardo a memória e quando quero lembrar, mesmo sem ver, alguém diz como ele era para mim.

A fotografia congela a seta do tempo. O que ela “reproduz ao infinito só ocorre uma única vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (Barthes, 1984, p.13) e proporciona narrativas emocionais. É uma espécie de arquivo da cultura, aflora a sensibilidade, é lembrança de quem passa e deixa sua imagem, ou *souvenir* para os viajantes. Edson, Sílvia e Antônio ressaltam o valor de guardar o momento para lembrá-lo em tempos posteriores, mostrar aos outros as

experiências vividas, quer sejam numa viagem, ou nas celebrações da vida, junto à família e os amigos.

De acordo com Merleau-Ponty a fotografia “mantém abertos os instantes que a arrancada do tempo logo torna a fechar (1989, p.69), mostra um momento no presente e logo se transforma naquilo que foi; é uma via da certeza, uma comprovação da verdade, enche o cotidiano de imagens que retratam: a estética da moda, a violência da guerra, o dia-a-dia a da cultura, é expressão da arte. Transforma o tempo em narrativas.

Os avanços tecnológicos das últimas décadas tornaram a fotografia mais acessível. Acoplada ao telefone celular, possibilita que uma boa parte da população transite diariamente pelas ruas da cidade com uma câmera fotográfica no bolso. A pessoa cega não está ausente desse movimento de difusão da imagem fotográfica, tem acesso a ele por meio da descrição, não se exime de usar o seu celular e captar imagens. Segundo Edson:

Não é porque se é cego que não se pode ter ou fazer as coisas. Desde que ganhei meu celular fico fazendo fotos com ele. É claro que eu sei que nunca vou dirigir um carro, mas se um dia tiver um jeito eu quero aproveitar e tentar, com a fotografia é o mesmo, se posso experimentar por que não? As imagens que faço das coisas na minha cabeça é um tipo de fotografia para mim, que fica na minha cabeça e os outros não podem ver.

Para Edson, a fotografia cria novas oportunidades de comunicação com os outros e de enfrentamento dos limites da cegueira. É também o que afirma Bavcar, ao considerar que o mundo não é dividido entre cegos e não cegos, “a fotografia não é exclusividade de quem pode enxergar. Nós também construímos imagens interiores.”⁵⁹ Deste modo, as pessoas cegas não estão descoladas da realidade, também vivem no mundo de primazia visual, pois aprendem a lidar com as coisas desse mundo.

Durante a “Oficina do Sensível” contei a história da fotografia, expliquei o funcionamento da máquina, ensinei a distância em relação ao objeto, ajudei-os a contar os passos que deveriam dar, descrevi imagens,

⁵⁹ Disponível em: <http://vivianbraz.blogspot.com/2009/05/evgen-bavcar-o-fotografo-cego.html>. Acesso em 26/11/2010.



Figura 30 - Fotografia feita por Sílvia – 1ª Tentativa



Figura 31 – Fotografia feita por Sílvia 2ª Tentativa



Figura 32 - Figura 28 –Fotografia feita por
Sílvia 2ª Tentativa



Figura 33 –Fotografia feita por Sílvia 2ª
Tentativa

mas o tempo todo algo me escapava, algo que só me era possível contemplar: vê-los sentir com os sentidos o que queriam registrar. Faziam o reconhecimento do lugar, tocavam o objeto, lentamente se afastavam; parados, acolhiam a máquina em seu corpo, procurando o melhor jeito de direcioná-la. A impressão que tinha era que diante do silêncio dos objetos, no momento da fotografia, Antônio, Edson e Sílvia pareciam ouvir uma sonoridade não disponível aos meus ouvidos.

Mesmo empreendendo um grande esforço para entender como a pessoa cega usa os sentidos, o meu aprendizado é apenas uma aproximação porque, de acordo com Maturana e Varela, “toda experiência cognitiva inclui aquele que conhece de um modo pessoal, enraizado na sua estrutura biológica, motivo pelo qual toda experiência de certeza é um fenômeno individual” (2001, p. 22).

Como um fenômeno individual cada sujeito percebe as coisas ao seu redor de modo particular, na relação entre seu aparato biológico e o desenvolvimento das suas habilidades. Cada ser humano é único e múltiplo, faz escolhas, descobre novas capacidades; no entanto, de acordo com Antônio, em nossa sociedade há uma certa tendência para generalizar ou classificar as pessoas por seus atributos, por isso pessoas cegas são percebidas de um mesmo modo; há, portanto, um desconhecimento a respeito do que os diferencia:

Tem gente que acha que todo cego é igual, mas isso é um engano, cada um tem um jeito de perceber, de diferenciar as coisas. De gostar ou desgostar, de achar bonito ou feio, de querer aprender a fotografar ou não. Não é porque a pessoa é cega que tem que ser tratada do mesmo jeito.

Adriano, 35 anos de idade, há mais ou menos 12 anos deixou de enxergar, hoje é cego total.

Tem gente que aprende música com facilidade, outros não, que gosta de dançar, outros já gostam de ficar parado. Eu sou um cara versátil, faço teatro e gosto de dançar.

As observações de Antônio e Adriano enaltecem a subjetividade do gosto, das diferenças entre os indivíduos que não se estabelecem pelo tipo de deficiência, mas pela condição individual inerente a qualquer ser humano, que seleciona o que lhe agrada. Para Montesquieu o gosto é uma “vantagem em se descobrir com sutileza e presteza a medida do prazer que cada coisa deve dar às pessoas.” (2005, p.12), é subjetivo e singular.

Deste modo, ao ampliar as oportunidades de acesso de pessoas cegas às expressões da arte (oficinas, cursos, exposições), como diz Adriano, a sociedade lhes possibilita novas experiências e escolhas. Ele e Isabel, que atualmente participam do Grupo de Teatro do Instituto dos Antônio Pessoa de Queiroz, Instituto dos Cegos (IAPQ), destacam a preferência em participar de aulas de teatro e dança; essas duas expressões artísticas ajudam-os a recomeçar a vida depois que perderam a capacidade visual. De acordo com Isabel:

Eu gosto de cantar, estudo música, teclado, fazia parte também de uma banda, mas saí. Antes de ficar cega eu já cantava, assim em eventos na igreja, em um casamento, agora o teatro foi depois que eu vim prá cá, depois da perda da visão, A arte ajuda porque quando eu perdi a visão eu tive que me adaptar a outro sistema de vida, como no caso da leitura e aprender a andar, e a arte ajuda bastante no momento de se expressar, porque eu mesmo particularmente aprendi a ser mais espontânea. O fato de não ver quem está me assistindo não me incomoda.

Para Adriano:

A arte é importante para nós, eu já tive uma professora de dança que dizia que a dança é importante porque ajuda a gente se locomover, é melhor usar a bengala.

E Marluce:

O teatro na realidade ajuda muito a pessoa, a pessoa se sente mais segura, tira mais a sua timidez, muito embora que eu nunca fui tímida não, desde pequena que eu sou muito de falar, de me apresentar em qualquer lugar. Eu

também danço muito, eu danço muito solta e a gente que dança muito solta não sente dificuldade de mexer com o corpo, eu faço dança desde os doze anos, faço dança aqui e na academia Jaime Arouxa. Na academia Jaime Arouxa eu fazia tango, mas o professor infelizmente morreu, morreu de repente com 42 anos, agora a gente está com um casal, que estão ensinando a gente bolero.

Para além da contemplação, a arte é também trabalho educativo e desperta a criatividade, contribui para o desenvolvimento intelectual e auxilia na descoberta do gosto. Segundo Rosa Iavelberg, “a educação em arte ganha crescente importância quando se pensa na formação necessária para uma adequada inclusão social, cultural e profissional” (2010 p.02). Neste sentido, as aulas de teatro e de dança, de acordo com as narrativas de Isabel, Adriano e Marluce proporcionam a descoberta de novas habilidades, auxiliam o uso da bengala, a exploração do espaço, a comunicação e a socialização.

Assim, a Arte como uma invenção humana, nas suas mais diversas expressões, provoca sensações, arrebatamentos; instiga a imaginação, possibilitando a formação de imagens; amplia a cognição, desencadeia novos significados para a existência. Influencia o gosto e problematiza a noção estética.

3. OS OUVIDOS DO CORAÇÃO E O NARCISO SEM ESPELHO: MÚLTIPLAS PERCEPÇÕES DO FEIO E DO BELO

De acordo com Umberto Eco, “o objeto do belo é um objeto que, em virtude de sua forma, deleita os sentidos, e entre esses em particular o olhar e a audição” (2004 p.41); geralmente os demais sentidos do corpo não são chamados a contemplar nem definir o que é feio ou bonito. Essa noção é uma construção histórica, que nós, os normovisuais, nos acostumamos a repetir, sem perceber que existem outras maneiras de definir e contemplar a beleza e a feiúra das coisas. Para Helen Keller, que é cega e surda desde a

mais tenra infância, é pela imaginação e pelos sentidos remanescentes que entra em contato com a paisagem e com as coisas do mundo:

Que alegria é sentir a terra macia e primaveril sob os meus pés [...]. É verdade que não posso ver a lua escalar o céu, por trás dos pinheiros e navegar suavemente pelo firmamento, [...], mas sei que ela está lá, e enquanto fico deitada e ponho minha mão na água, fantasio que sinto o bruxulear de suas vestes quando ela passa. [...] com o pequeno ouvido do amor escutei a seiva fluir do carvalho e vi o sol cintilar de folha em folha. De modo que [...] testemunho coisas invisíveis (2008, p. 114, 118).

O olho vê a paisagem e os demais sentidos do corpo percebem a presença dos elementos que estão invisíveis, isto porque, como diz Bachelard, a matéria não é compreendida em sua plenitude pela visão, os outros sentidos também participam da contemplação e do aprendizado, e junto à imaginação atribui conceitos e significados aos sentimentos. Para esse autor “as forças imaginantes da nossa mente desenvolvem-se em duas linhas bastante diferentes. Umas encontram impulsos na novidade [...] as outras escavam o fundo do ser” [...] (1997, p. 01). O encontro dessas duas forças potencializa a tensão entre o prazer e o desprazer, do belo e do feio, do bem e do mal; o indivíduo usando os sentidos do corpo que lhes são disponíveis experimenta as coisas do mundo e constrói as suas preferências. Assim, de acordo Marco Queiroz, a beleza:

Tá na audição, tá no tato, tá no paladar, tá no cheiro. Eu conheço a minha esposa, e conheci mulheres na minha vida depois de cego, através do cheiro, do tato, e isso é beleza pra mim.⁶⁰

Cada coisa provoca um sentimento e desperta a percepção. A experiência tátil compreende as sutilezas dos elementos concretos, da brisa que acaricia a pele. Sonoro é o efeito produzido no encontro da água com o vento. Lucinéia destaca a beleza do mar, fonte inspiradora da imaginação.

⁶⁰QUEIROZ, Marcos Antônio. **Percepções de um Cego: Imagem e Beleza**. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/maq2.php>. Acesso em: 05/10/2010.

Penso na beleza das praias. Eu sinto o mar. Vem a imaginação que seria a cor, o volume, as ondas, os arrecifes, o barulho.

Segundo Marconi, 27 anos, não enxerga desde os 2 meses de nascido:

Eu sinto mais o mar. Fico imaginando as águas azuis, tal as árvores, eu fico imaginando assim dessa forma sabe? As pessoas passeando à beira da praia. A primeira vez que entrei no mar fiquei morrendo de medo, medo das ondas que vinham. Foi uma agonia danada, eu tinha sete anos. Hoje em dia não tenho mais medo, porque já tenho noção, não é?

E Paulo:

A beleza estaria nas águas, eu poderia está no mar ou andando por cima de uma dessas pontes e a maré estaria tão cheia que eu poderia cair e lavar minhas mãos.

A água do mar a princípio é inumana porque não oferece de imediato uma servidão ao homem, um sabor que mate a sua sede. No entanto, ela convida ao conto dos viajantes e à experiência local; desfruta da noção de infinito, é também lugar onírico que desperta o sonho e o devaneio, expressos nas narrativas de Lucinéia, Marconi e Paulo. De acordo com Bachelard, os devaneios e os sonhos são, para certas almas, a matéria da beleza (idem, p.18); e como tal, propiciam diferentes sensações dependendo da sua forma e conteúdo, a exemplo do fogo que, segundo Muniz, “é coisa boa, aquece os alimentos, mas ele é duplo, é também uma coisa ruim”. Segundo Paulo:

O fogo serve para clarear a noite. Tem o fogo da fogueira que serve para divertir a pessoa, o fogo junino, digamos assim. Tem o fogo da eletricidade que pode muito bem prejudicar a pessoa, se cai um fio e você está andando e a pessoa pode ser eletrocutada, então o fogo pode apresentar perigo e pode não apresentar, dependendo das circunstâncias que esteja.

O fogo estimula o sentido da propriocepção. Para Geralda,

O calor, no horário de meio dia até duas horas, eu não consigo me concentrar na cidade, eu passo mal por causa do calor, parece que você está fervendo.

Já para Keller, o fogo aquece a noite fria em lugares montanhosos. E em volta de uma fogueira,

Contamos histórias engraçadas e nos regozijamos. [...], pela manhã fazíamos os preparativos para um churrasco. Acendia-se uma fogueira no fundo e um profundo buraco no solo, grandes pedaços de graveto eram dispostos cruzando-se no alto, e a carne pendurada sobre eles em espetos [...]. O saboroso odor da carne me deixava com fome muito antes que as mesas fossem postas (2004, p. 54, 50).

Aquecido, o alimento se transforma, exala odores, estimula o olfato que “desliza do saber à memória e do espaço ao tempo” (Serres, 2001, p.172). Como Bavcar, que revisita a sua infância quando sente o cheiro do café torrado.

Havia pouco café naquela época e seu cheiro pertencia às coisas de minha infância relacionadas a experiências únicas, cheias de riquezas e de atenção. Para nós o café era quase uma espécie de néctar dos pobres, uma ambrosia destinada aos que de vez em quando queriam transformar o cotidiano um dia de festa, pondo à mesa essa mercadoria tão rara em minhas lembranças eslovenas. Por essa razão, beber café era como tomar um medicamento capaz de curar as doenças mais tenazes (2003. P.77).

A lembrança é a reconstrução do passado, afirma Éclea Bosi. Esse passado é conservado “no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança” (1994, p.53). São momentos adormecidos no inconsciente que revisita a consciência por meio de estímulos recebidos; palavras, odores, sabores, uma paisagem. A memória reconhece, com intensidade, as sensações anteriormente sentidas e revive o tempo de outrora, situações de prazer ou desprazer, que marcam, provocam emoções, como se no instante do estímulo um indivíduo retornasse à situação vivida, sente emoções parecidas como se nesse momento o tempo ficasse em suspenso. Mas nem sempre as lembranças são fiéis, há sempre a possibilidade da reinvenção do vivido. Bosi, espelhando-se no pensamento

de Halbwachs, considera que na maioria das vezes, “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado [...] a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição” (1994, p.55). Assim como o cheiro do churrasco para Keller a leva para as altas montanhas da Inglaterra, o do café carrega Bavcar para Eslovênia.

Segundo Serres (2001) o olfato e o paladar exaltam a relação natureza/cultura. O homem degusta os alimentos, sente os odores das coisas ao seu redor, e os atribui significados, diferente das outras espécies que comem depressa e farejam a caça. A cultura é responsável pelo refinamento do gosto, pela preferência por certos cheiros e sabores, por certos alimentos. Mas o homem também conserva o instinto, sente o odor que estimula a necessidade de saciar a fome e o desejo sexual. De acordo com Maria, personagem do *Documentário a Pessoa é para o que Nasce*:

Eu amava muito ele [o marido], era louca por ele. Toda noite quando ele ia dormir ele tomava banho e botava o perfume, eu e ele. Era muito maravilhoso isso. Eu já sentia muito carinho por ele e ainda mais ele botava perfume para chegar perto de mim. Aí eu sentia mais prazer ainda. Se eu pudesse... se eu pudesse nunca sair de perto dele, eu nunca saía. Hoje em dia eu sinto falta desse prazer.

Para Isabel:

O cheiro é tudo, é bonito e feio, é bonito quando agrada, feio quando é ruim. Esse aqui mesmo (aponta para o seu namorado), primeiro gostei do cheiro, estava na biblioteca estudando, nem o conhecia, senti o cheiro dele e gostei. Depois o conheci e quando ele tocou na minha mão senti uma coisa, aí eu disse para mim, é esse. Quem é cego também paquera, só que para mim é pelo cheiro.

Em algumas pessoas há um *não sei o quê*⁶¹, um encanto invisível que agrada, que desperta um bem querer. É um sentimento individual, por vezes sem explicação, simplesmente agrada, faz gostar, mistura os sentidos:

⁶¹ A expressão *não sei o quê* significa, “não mais a Beleza como graça, mas o movimento emotivo suscitado no espírito do espectador” (ECO 2004, p. 310).

o olhar, o toque, o cheiro, o sabor, o calor, o movimento; e o ser humano é envolvido em teias de sentimentos. Silva, marido de Maria, foi assassinado em uma discussão familiar. Ao descrevê-lo, diz que ele tinha cabelos cacheados, um rosto largo, uma mão maior que a sua e uma voz linda. Desde sua partida, Maria lamenta a perda e canta para o seu amado:

Adeus meu amor querido
Imagem do meu coração
Quem parte leva saudade
A dor da separação
A tarde declina
É como uma flor quando cai
Que se despreza do galho
Adeus para nunca mais...⁶²

O odor e o toque são singulares, afirmam as narrativas de Isabel e Maria. Cada ser humano tem um cheiro próprio, um jeito único de tocar, que fazem os amantes se reconhecer por sutilezas. Sentir com os sentidos é uma interpretação individual que mobiliza prazeres e afetos. Não privilegia um sentido específico, depende do estímulo. Um perfume que arrebatava, desperta o desejo; o toque que é capaz de anestesiá-lo o corpo. Uma voz que desperta sentimentos, o calor impregnado de desejo, o sabor do beijo, e assim os sentidos se misturam e fazem brilhar o amor na soma de todos eles.

É também na soma dos sentidos que emerge a vaidade, a incessante busca da beleza, de sentir-se bem consigo mesmo. A mídia, principal veículo de divulgação da cultura de massa, influencia e é influenciada por noções sobre o belo e o feio, abrangendo desde o *designer* de um eletrodoméstico até a aparência física do ser humano.

Segundo Bauman (2009), no universo do consumo o corpo do consumidor é também consumista. Diante do espelho, nos embelezamos, buscamos roupas que nos agradam, mudamos a cor do cabelo, compramos diversos cremes para a pele, muitas vezes para retardar o envelhecimento porque a juventude parece que se converte em sinônimo de beleza.

⁶² Documentário a Pessoa é Para o que Nasce, do diretor Roberto Berliner. TV Zero. 2004.

Queremos ser belos, agradar os nossos olhos, e, também aos dos outros. Afinal quem não gosta de ouvir: como você está bonita ou bonito. Tal qual Narciso, damos valor à nossa imagem, independente se podemos vê-la ou não refletida no espelho.

O corpo consumista modela suas formas em academias, nos consultórios de cirurgia plástica ou nas clínicas de estética. Não importa a classe social, religião, grupo étnico, ou se a pessoa tem alguma deficiência, compartilhamos sentimentos, desejos de sermos belos. Em conversas com Lucinéia sobre a beleza ela afirma:

O que é bonito ou o que é feio é uma coisa muito subjetiva, eu posso achar uma coisa bonita e você achar que não é, por exemplo, eu gosto de ser magra, tem um colega que diz que eu estou muito magra, que eu podia ser mais cheinha, eu acho que não, eu acho se eu ficar com cinqüenta quilos eu me acho feia. Pode até dizer que eu estou bonita, mas eu acho feio, acho bonito do jeito que eu estou magra. É, também, eu vou dizer com toda sinceridade, eu não acho uma pessoa com 110 kg bonita, também não vou dizer a você que acho uma pessoa com 30 kg bonita, isso vai de acordo com a altura, de acordo de quando eu pegar em você e perceber a sua altura eu vou dizer: Sandra está muito magra, Sandra está muito gorda. Mas acho que é uma questão de concepção porque já vi gente que acha uma pessoa com 110 kg bonita, que gosta de gente, mais gordo, mais alto, mais baixo. Porque essa questão de beleza é muito subjetiva, não é? Assim eu estou dando um exemplo de pessoas não é, mas, por exemplo, se eu passar a mão na tua pele e a tua pele estiver muito grosseira, eu não gosto de pele grosseira, eu prefiro a minha pele assim mais lisa.

O sentimento de bem estar parece ser uma prerrogativa da beleza, não importa se é gordo ou magro, cego ou não cego, a beleza é algo subjetivo, construída no imbricamento das preferências individuais com as influências externas. Segundo Lucinéia:

Por exemplo, a menina que trabalha lá em casa não gosta de roupa com essas bolinhas (miçangas, lantejoulas), essas coisas trabalhadas. Já eu gosto de roupa trabalhada, as

roupas minhas são com pedras, estais entendendo? Se eu não gostar de uma coisa você pode até me dizer que é bonita, mas eu não quero.

Para Rosa:

Beleza é quando a gente se sente bem naquela roupa, pode ser horrível, mas a gente está gostando do jeito. Quando eu compro minhas roupas a vendedora diz que está bonita, está tão boa essa roupa, mas eu digo, eu não gosto não quero. A gente sente. Eu lembro que minha mãe uma vez comprou um tecido. Mamãe era assim, quando eu era mais nova a roupa era costurada pela costureira, não tinha roupa pronta assim, com quinze, dezesseis anos não tinha, aí mamãe uma vez comprou uma fazenda para mim, era estampada, aí eu disse: Estampada como? Ela responde: Estampada é várias cores juntas. Eu não já disse a você que é bonita, então é bonita. Aí passou. Eu também cismeí com aquela roupa, com o tecido entendeu? Mamãe mandou fazer o vestido e quem disse que eu botei? Botei de jeito nenhum. Boto não você não me disse como era e eu não estou gostando não dessa estamparia. Ela disse: Eu não estou dizendo que está bonita. Eu disse: mas eu não gostei do jeito. Então é assim, a gente tem o gosto da gente. Então tudo é muito sutil, porque o nosso mundo a gente imagina do jeito que gosta.

A mídia influencia a escolha pelos adereços, divulga a moda, mas não impede as preferências individuais; como diz Rosa, o gosto é também imaginação, um poder invisível, algo sem conceito que simplesmente agrada.

Certa vez, eu e Antônio ouvíamos Edson contar suas aventuras vividas em uma viagem que tinha acabado de fazer. Em certo momento da narrativa enfatizou que no grupo dos viajantes havia muitas meninas, e que as feias deveriam ser exterminadas. Ri tanto com sua história e perguntei de súbito como poderia dizer que uma menina é feia se ele nem enxerga. Ele me respondeu que não precisava ver, bastava tocar no braço, ser guiado por ela, ou ouvir a voz, sentir o cabelo, “as bonitas agradam, então não é difícil de distinguir”.

Rosa reitera:

Agora o cego tem uma coisa viu! Quando ele dá o braço a você ele já conhece de cima abaixo. Daqui para cima (mostra a cintura). Ele sente a sua altura, se é gordo ou é magra. Eu digo a Genilda, fulana é assim..., e ela diz: como é que você sabe? Eu digo, mas eu não dei o braço. As crianças cegas também são assim. A beleza, eu imagino assim, porque eu já enxerguei a beleza. É um conjunto de sobrancelhas de cílios, de boca, de nariz, de expressões, não? Disso aqui da maçã do rosto, do queixo, de tudo, não é? Ai é o que dizem para mim, fulana é linda, é loira e tem olhos azuis, mas não é uma boneca, ela é? Talvez a sobrancelha dela seja fininha demais, então é um conjunto a beleza, é um conjunto das formas do rosto. Não é verdade?

Há algum tempo atrás assisti o longa metragem *Inimigo Meu*⁶³. Seu enredo narra a saga de dois oponentes de uma guerra espacial; um é soldado da terra, o outro do planeta Jeriba, suas aeronaves são abatidas em combate e caem em um planeta inóspito. Inimigos a princípio, percebem que precisam um do outro para sobreviver, por isso com o decorrer do tempo, tornam-se grandes amigos. De aparência distinta do humano, o alienígena parece uma mistura de homem e réptil. Na concepção do soldado da terra a aparência do seu opositor era horripilante, mas o contrário também acontecia para os habitantes do Planeta Jeriba os terráqueos possuíam uma feia aparência. O telespectador que assiste ao filme tem a mesma impressão de beleza do soldado da terra, que apresenta o corpo seguindo um modelo consagrado atualmente: alto, forte, de pele de cor branca, olhos claros e cabelos lisos.

Mas, nenhum padrão é para sempre, nem tão pouco é único, como observa Eco, “os mass mídia são totalmente democráticos, oferecem modelo de beleza para quem já é dotado de graça aristocrática e ou para a proletária de formas opulentas” (2004, p. 425). Homens e Mulheres buscam se apresentar da melhor maneira, de acordo com a tribo que integram; cada uma delas constrói seus tipos ideais de beleza, de aparência. A feiúra, de acordo com Eco, é também relativa, transforma-se de acordo com o tempo e as culturas; às vezes o que antes era considerado feio em certa época,

⁶³ Longa metragem do gênero ficção científica dirigido por Wolfgang Petersen, 1985.

posteriormente pode ser consagrado como belo, pois conceitos e contextos se retroalimentam incessantemente.

É inerente ao ser humano, apreciar a própria beleza, como Narciso que incansavelmente contemplava o reflexo da sua imagem. Todos se admiram e desejam atrair a admiração dos outros. Segundo Elba: “A deficiência visual não nos impede de ter vaidade.”⁶⁴.

O mesmo pensa Marluce:

Eu faço tudo sozinha, boto baton, não uso espelho, eu pinto os olhos, boto baton, boto sombra, penteio o meu cabelo, visto as roupas e percebo qual a que está melhor, aquela que não presta, aquela que ficou feia.

E Salete:

Como fui maquiadora por muitos anos, sou uma pessoa que gosto de estar bem comigo mesma. Até em casa, fico arrumada. Gosto de sapatos, bijuterias e roupas bonitas em cores discretas⁶⁵.

Elba, Marluce e Salete junto a mais 11 mulheres, todas deficientes visuais, participaram do Concurso de “Beleza Bela à Vista do Nordeste,” que teve como propósito incluir pessoas com deficiência visual no mundo da moda. Em cada Estado de nossa região foi realizado um concurso para escolher três participantes que disputariam o título regional. O evento que aconteceu na cidade de Natal, em julho de 2010. Os jurados foram pessoas que trabalham com moda e as candidatas foram escolhidas a partir dos critérios de simpatia, elegância, charme e beleza.

Para evitar possíveis acidentes, a passarela foi montada no próprio chão. Foi colocado um tapete com luzes que o contornava. Para Marluce que tem apenas 10% da visão no olho direito e 5% no esquerdo, as luzes dificultaram seu desempenho, pois a impediu de perceber a diferença da cor do piso. Mesmo com essa dificuldade ela foi uma das vencedoras do concurso, junto com Elba e Salete.

⁶⁴ REVISTA JC, Vaidade que vence preconceito. Ano 6 – Número 256. Julho 2010. P. 5

⁶⁵ Ibidim.

Enfeitar ou modificar o corpo é um costume de muitas culturas, há lugares em que os homens “esticam os lábios ou as orelhas, fazem perfurações e escarificações, chega-se, então, à modificação mais superficial desse corpo por meio da roupa e da pintura” (Pitta, 2005, p.11). Tudo isso cria significados, maneiras de estar no mundo. A modificação do corpo pode ser uma proteção espiritual, como no caso das mulheres-girafa, que usam colares para protegerem a alma, que se encontra no centro do pescoço. Em nossa cultura enfeitar o corpo é prerrogativa da beleza, da vaidade, mas de acordo Marluce:

Primeiramente a pessoa tem que ter a beleza interior, e a partir do momento que você tem essa beleza interna, você pode torná-la externamente, e isso contribui. A beleza você tem que está bem com você mesmo, a alegria é fundamental, o senso de humor, e tem o outro lado também que você tem que cooperar um pouco, tem que se tratar bem, dos cabelos da pele de um boa maquiagem, um bom vestido, ser elegante, isso tudo, eu acho que isso tudo está dentro da beleza.

Para Cícero, 55 anos, que deixou de enxergar com 11 meses de nascido:

Eu acho assim coisas boas agradáveis, como a sinceridade, as coisas, as pessoas, mas o ser humano está defasado na maioria deles, só é mentindo, muitas vezes uma pessoa é legal com você depois... isso é mulher ou homem, com todo respeito a mulher que Deus criou é um ser muito bonito, tanto externamente quanto... agora tem mulher que o comportamento dela não condiz. Não é geral, tem feia tem bonita, hoje em dia está tudo se perdendo. Tem tanta mulher assim que fisicamente ela parece ser uma pessoa assim com o coração bom, uma pessoa amorosa, compreensiva e estou falando como amiga, não é questão de relacionamento não, pessoas amigas que a gente se dá com ela. Aqui tem uma Assistente Social que é uma beleza, uma senhora casada muito trabalhadora, mas todos nós temos um lado positivo e negativo, não é verdade? Mas tem gente que gosta de fazer coisa ruim. Considero o mal uma coisa feia.

Segundo Paulo:

Mas, eu costumo ver as coisas pelo lado interno as pessoas são bonitas, apesar da violência, apesar de você sair de casa hoje e não saber se volta vivo. Eu acho feio exatamente as pessoas que são más, são inflexíveis. De bonito eu destacaria as pessoas, digamos assim, as pessoas que tem a boa vontade.

E Michele:

Se for uma pessoa eu posso tocar, mas não vou levar em consideração só a beleza exterior porque a gente escuta tanto: Fulano é bonito só por fora, mas por dentro. Acho que a pessoa cega se apega muito mais no ser da pessoa, no agir das pessoas em algumas situações.

As narrativas de Marluce, Cícero, Paulo e Michele destacam a beleza enquanto virtude percebida pelo olho interior, tal qual o conto africano “O Cego e o Caçador”:

Era uma vez um homem cego que morava numa palhoça, com sua irmã, numa aldeia na orla da Floresta. Esse homem era muito inteligente.

Apesar de seus olhos não enxergarem nada, ele parecia saber mais sobre o mundo do que as pessoas cujos olhos viam tudo.

Costumava sentar-se à porta de sua palhoça e conversar com quem passava. Quando alguém tinha problemas, perguntava-lhe o que fazer e ele sempre dava um bom conselho.

Quando alguém queria saber alguma coisa, ele dizia, e suas respostas eram sempre corretas. As pessoas balançavam a cabeça, admiradas:

- Como é que você consegue saber tanta coisa, sem enxergar? E o cego sorria, dizendo:

- É que eu enxergo com os ouvidos.

Bem, um dia a irmã do cego se apaixonou. Ela se apaixonou por um caçador de outra aldeia. E logo o caçador se casou com a irmã do cego.

Depois da festa de casamento, o caçador foi morar na palhoça, com a esposa. Mas o caçador não tinha paciência com o irmão da mulher, não tinha nenhuma paciência com o cego.

- Para que serve um homem cego? - ele dizia. E a mulher respondia:

- Ora, marido, ele sabe mais coisas do mundo do que as pessoas que enxergam. O caçador ria:

- Ha, ha, ha, o que pode saber um cego, que vive na escuridão? Ha, ha, ha...

Todos os dias, o caçador ia para a floresta com seus alçapões, lanças e flechas. E todas as tardes, quando o caçador voltava à aldeia, o cego dizia:

- Por favor, amanhã deixe-me ir com você caçar na floresta. Mas o caçador balançava a cabeça:

- Para que serve um homem cego?

Dias, semanas e meses se passavam, e todas as tardes o homem cego pedia:

- Por favor, amanhã deixe-me caçar também. E todas as tardes o caçador dizia que não.

Uma tarde, porém, o caçador chegou de bom humor. Tinha trazido para casa uma bela caça, uma gazela bem gorda.

Sua mulher temperou e assou a carne e, quando eles acabaram de comer, o caçador disse ao homem cego:

- Pois bem, amanhã você vai caçar comigo.

Assim, na manhã seguinte os dois foram juntos para a floresta, o caçador carregando seus alçapões, lanças e flechas, e conduzindo o cego pela mão, por entre as árvores. Andaram horas e horas.

Então, de repente, o cego parou e puxou a mão do caçador:

- Psiu, um leão!

O caçador olhou ao redor e não viu nada.

- É um leão, sim, mas está tudo bem. Ele não está faminto e está dormindo profundamente. Não vai nos fazer mal.

Continuaram seu caminho e, de fato, encontraram um leão dormindo a sono solto, debaixo de uma árvore.

Depois que passaram pelo animal, o caçador perguntou:

- Como você sabia do leão?

- É que eu enxergo com os ouvidos.

Andaram por mais quatro horas, e então o cego puxou de novo a mão do caçador:

- Psiu, um elefante!

O caçador olhou ao redor e não viu nada.

- É um elefante, sim, mas tudo bem. Ele está dentro de uma poça d'água e não vai nos fazer mal.

Continuaram seu caminho e, de fato, encontraram um elefante imenso, chapinhando numa poça d'água, esguichando lama nas próprias costas.

Depois que passaram pelo animal, o caçador perguntou:

- Como você sabia do elefante?

- É que eu enxergo com os ouvidos.

Continuaram seu caminho, se aprofundando cada vez mais na floresta, até chegarem a uma clareira. O caçador disse:

- Vamos deixar nossos alçapões aqui.

O caçador armou um alçapão e ensinou o cego a armar o outro. Quando os dois alçapões estavam armados, o caçador disse: - Amanhã vamos voltar para ver o que pegamos. E os dois voltaram juntos para a aldeia.

Na manhã seguinte, acordaram cedo. Mais uma vez, foram andando pela floresta. O caçador se ofereceu para segurar a mão do cego, mas o cego disse:

- Não, agora já conheço o caminho.

Dessa vez, o homem cego foi andando na frente. Não tropeçou em nenhuma raiz nem toco de árvore. Não errou o caminho nem uma vez.

Andaram, andaram, até chegarem à clareira em que tinham armado os alçapões.

De longe, o caçador viu que havia um pássaro preso em cada alçapão.

De longe, viu que o pássaro preso em seu alçapão era pequeno e cinzento e que o pássaro preso no alçapão do cego era lindo, com penas verdes, vermelhas e douradas.

- Sente-se ali - ele disse. - Cada um de nós apanhou um pássaro. Vou tirá-los dos alçapões.

O cego sentou-se e o caçador foi até os alçapões, pensando:

- Um homem que não enxerga nunca vai perceber a diferença.

E o que foi que ele fez? Deu ao cego o pequeno pássaro cinzento e ficou com o lindo pássaro de penas verdes, vermelhas e douradas.

O cego pegou o pássaro cinzento nas mãos, levantou-se e os dois rumaram de volta para casa.

Andaram, andaram, e a certa altura o caçador disse:

- Já que você é tão inteligente e enxerga com os ouvidos, responda uma coisa: Por que há tanta desavença, ódio e guerra neste mundo?

O cego respondeu:

- Porque este mundo está cheio de gente como você, que pega o que não é seu.

O caçador se encheu de vergonha. Pegou o pássaro cinzento da mão do cego e deu-lhe o pássaro lindo, de penas verdes, vermelhas e douradas.

- Desculpe - ele disse.

Os dois continuaram andando, e a certa altura o caçador disse:

- Já que você é tão inteligente e enxerga com os ouvidos, responda uma coisa: Por que há tanto amor, bondade e conciliação neste mundo?

O cego respondeu:

- Porque este mundo está cheio de gente como você, que aprende com seus próprios erros.

Os dois continuaram andando, até chegarem à aldeia.

E, a partir daquele dia, quando alguém perguntava ao cego:

- Como é que você consegue saber tanta coisa, sem enxergar?, era o caçador que respondia:

- É que ele enxerga com os ouvidos... e ouve com o coração.⁶⁶

⁶⁶ LUPTON, Hugh. O cego e o caçador in **Histórias de Sabedoria e Encantamento**. Disponível em: <http://www.egotambemegente.com.br/bondade%20do%20cego.txt>. Acesso em 10/11/2010

O feio e o belo não se encerram puramente na aparência do indivíduo, é também julgamento de atitudes, valores e virtudes. De acordo com Rousseau (2004) o gosto é de certa maneira um microscópio do juízo, e os sentidos devem se adestrar para perceber o que é belo, e o sentimento para o que é bom. Ambos fazem parte da faculdade de julgar; o que os sentidos apreciam é avaliado pela razão e pela emoção.

Assim a beleza não se encontra simplesmente na aparência, é também expressão do bem, das ações positivas, da generosidade e solidariedade, como destacam as narrativas dos interlocutores e o conto africano; o feio, o seu contrário, é o mal, são ações negativas, trapaceiras, falta de educação. Também são imagens de corpos assassinados; o choro da fome que invade nossos ouvidos, mesmo quando os famintos se encontram a quilômetros do alcance da nossa capacidade auditiva; as diversas faces do preconceito: social, de raça, homofóbico e em relação à pessoa com deficiência física, sensorial ou mental; a destruição dos ecossistemas; o aumento da lista de animais em risco de extinção; o feio das guerras, cenário de crueldade, mutilações, torturas e assassinatos, ou tantas outras manifestações portadores de sofrimento que não nos deixam esquecer “que há neste mundo algo de irredutível e maligno” (ECO, 2002, p. 436).

Para Muniz a expressão do mal se corporifica nos monstros presentes no cotidiano:

O monstro devorador é o preconceito, é o desconhecimento. O preconceito gerado não pela maldade, ninguém é preconceituoso porque quer. O preconceito é pelo desconhecimento, pela discriminação. Esse é o grande monstro, é o grande vilão.

E Geralda:

Monstros são pessoas que tratam a gente mal, pessoas que vai ajudar a gente e deixa até a gente no meio do trânsito isso aí é uma pessoa que é monstruosa, sem coração. Outro dia o Motorista do ônibus de Jardim São Paulo pediu para o moço que desceu na mesma parada me ajudar, só que ele me levou para o lado contrário, e eu fui andando e percebi que estava chegando na Igreja da Soledade e eu disse o senhor está me levando para o lado contrário e ele tentou me tapiá, aí eu

entrei em pânico e uma moça viu e me perguntou para onde eu ia, eu disse que ia para Altino Ventura e ele me carregou ao contrário, aí ela me levou lá.

Segundo Durand (1997), o monstro representa o terror e a morte pertence aos temas negativos do simbolismo da animalidade. Nas narrativas míticas eles se apresentam tanto como um animal, a exemplo da serpente maldita do livro gêneses, personagem sedutora e repugnante, mensageira dos vícios causadores da morte; do Lobo Fenir da mitologia nórdica, devorador de homens e deuses. Quanto como seres disformes⁶⁷ que possuem no mesmo corpo partes de diferentes animais, a exemplo das harpias, monstros alados, com cabeça de mulher e corpo de ave.

Segundo Chevalier e Gheerbant, as harpias “representam as importunações dos vícios e as provocações da maldade” (2001. P. 484). Já a quimera tem a “cabeça de leão, corpo de cabra, cauda de dragão e expele chamas. Seduz e causa desgraça a todo aquele que a ela se entrega” (ibid p. 763). Na Idade Média ela é reconhecida na imagem da gárgula e aparece tanto como guardiã das catedrais, quanto na lenda francesa de San Romain, uma criatura grotesca que vivia no Rio Sena e engolia navios.

O monstro devorador faz parte do imaginário de muitas culturas, é personagem de diversas lendas que atravessaram o tempo. O papa figo e o velho do saco, histórias antigas que na época da minha infância, por exemplo, de tanto escutá-las, passei a ter medo de um senhor que morava perto da minha casa que se chamava Zé das Cabras. Os habitantes da região diziam que, durante a noite, ele virava bode e saía para caçar crianças e comer seu fígado. Além das histórias do papa-figo, haviam também as lendas da mula sem cabeça e do boi tatá que permanecem até hoje no nosso imaginário.

Já os moradores das antigas aldeias da Europa eram atormentados pelo Homem de Areia, personagem do conto escrito por Hoffman. Ele aparece

⁶⁷ Mas também existem criaturas de aparência estranha que simbolizam o bem: o fauno, por exemplo, meio homem meio bode é companheiro dos pastores e gênios dos campos e florestas; e o unicórnio, equino com chifre na fronte que é símbolo de pureza.

para as crianças que teimam em não adormecer. O homem de Areia ao visitar os teimosos, “joga punhados de areia em seus olhos até que estes saltem das órbitas, cobertos de sangue; então ele os guarda em um saco e os leva para a Lua, onde seus filhos os comem” (2004, p. 51).

Mas, a presença do monstro em nossa cultura vai além dos contos fantásticos sobre criaturas malignas e disformes. Segundo Eco no século XVI já havia a preocupação e curiosidade sobre a anatomia dos seres grotescos. Pesquisadores utilizavam a dissecação como meio para conhecer as formas dos órgãos dos animais e dos humanos com ou sem deficiência, contribuindo, desta forma, para o desenvolvimento das ciências biológicas. Neste mesmo século foi criada a “câmara das maravilhas, precursoras do nosso museu de ciências naturais onde, [...] tendia-se a colecionar tudo aquilo que soasse extraordinário [...] como um crocodilo empalhado” (2007 p. 243).

O advento da fisiognomonia⁶⁸ também contribuiu para o posterior desenvolvimento da frenologia⁶⁹ e mais tarde da antropologia criminal, que no século XIX, buscava comprovar que as características da mente criminosa estavam relacionadas com anomalias somáticas. Cesare Lombroso, autor da teoria, “não chegava à simplificação de dizer que quem é feio é sempre delinquente, mas associava estigmas físicos a estigmas morais, como argumentos que se pretendiam científicos” (ibid p. 261). Essa teoria contribuiu para o preconceito direcionado a pessoas pobres e por vezes deficientes, sob a égide do discurso: quem é feio é mau.

Atualmente, de acordo com João Souza, a antropologia criminal é “definida como uma ciência que pesquisa “os fatores individuais do crime”, nele compreendendo os coeficientes “endógenos, somáticos e psíquicos, inerentes à vida do homem”⁷⁰. Atribuir o feio ao crime, ainda é uma prática

⁶⁸ Pseudociência que associava traços do rosto (e formato de outros órgãos) a características e disposições morais. (Ibid p. 257).

⁶⁹ Todas as faculdades morais, instintos e sentimentos têm sua representação na superfície do cérebro. (Ibid. p. 259)

⁷⁰ SOUZA, João Edison. Antropologia Criminal. Disponível em https://docs.google.com/Doc?id=dc2mpgq8_13g3vq3dc8. Acesso em 12/02/2011.

de nosso tempo, e a aparência monstruosa também se relaciona às atitudes individuais, como foram expressas nas narrativas de Muniz e Geralda os monstros devoradores são representados pela maldade existente no preconceito, na falta de solidariedade, no individualismo e na violência que invade o cotidiano nas suas diversas expressões. Mas também vivemos numa selva de contradições, monstros feios são amáveis, belos mocinhos devoradores. Assim, o belo e o feio são pares antagônicos e complementares. Fazem parte da subjetividade humana, expressos por meio da arte e das relações do cotidiano.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo que pode ser imaginado pode ser sonhado [...]. As cidades como os sonhos, são construídas por desejos [...]

Italo Calvino

São 14 horas de uma segunda-feira, na rua Paissandu, bairro da Ilha do Leite, cidade do Recife. Os carros passam apressados, pessoas se aglomeram na parada de ônibus, outras esperam impacientes o sinal vermelho para cruzarem a faixa de pedestre, de repente um grito: suba a calçada! suba a calçada! assim você vai ser atropelado! Olho para o lado oposto ao semáforo e vejo um cego caminhando próximo ao canteiro central da pista. Alguns motoristas o xingam, outros diminuem a velocidade, o trânsito de veículos pára por uns instantes, e o cego lentamente faz a travessia. Assusto-me com o que vejo, sou tomada por uma vertigem antes nunca sentida; paralisada escuto o cego dizer: tenho que andar pela rua, você não percebe que a calçada só tem buracos e raízes de árvore, como posso então andar ali?

Voltei para casa com a lembrança dessa cena. Mesmo depois de alguns dias, tal imagem persistia, até nos meus sonhos ou quem sabe pesadelos. Estava assustada não apenas pelo que vi, mas pelo que senti, porque de súbito lembrei de Tia Zuleide, da sua luta para aceitar a cegueira e também da sua preocupação por viver em uma cidade que não é pensada para uma pessoa cega. Muitos anos após o dia em que ela não mais abriu os olhos, nem sentiu o perfume, nem o som das coisas do mundo, a cena daquela tarde de segunda-feira, despertou-me para perceber os distintos universos vividos pelo ser humano no *continuum* espaço-tempo. Fui tomada pelo desejo de visitar o mundo da tiflogia; conhecer o seu cotidiano, seus

habitantes, como percorrem o trajeto antropológico, como praticam a cidade do Recife.

Como visitante deste universo, pude adentrar no seu cotidiano, juntos a pessoas cegas andei pelas ruas do Recife, senti a dificuldade de guiá-los pelas calçadas mal conservadas, surpreendi-me ao vê-los usar os sentidos da audição, tato, cinestesia, propriocepção e olfato, de um modo particular. Aprendi o seu código de escrita, conheci suas reivindicações para o cumprimento da legislação: melhoria do passeio público, da acessibilidade ao lazer, do sistema de saúde pública, da educação inclusiva, do transporte, de garantia de postos de trabalho, etc. Participei de algumas de suas festas e recebi inúmeros carinhos. Com as pessoas cegas aprendi a me movimentar melhor no escuro, mesmo descobrindo que para alguns a cegueira não é viver na escuridão, mas também, tive medo de um dia perceber, como Borges, as páginas dos livros se tornarem um imenso borrão, de não mais distinguir as letras impressas. Também temi sofrer as quedas descritas por Muniz, apresentadas no segundo capítulo, cujos significados expressam fortemente a exclusão a que estão submetidos.

Mesmo diante de tantas desventuras, felizmente emergem várias iniciativas que objetivam contribuir com a luta para a inclusão social da pessoa cega, ou da pessoa com deficiência em geral. Ações como: a melhoria da acessibilidade nas calçadas, com pisos táteis e rebaixamento do nível do meio fio em pontos específicos, dando possibilidade de acesso ao cadeirante; a obrigatoriedade das escolas da rede pública e privada de receberem, na mesma sala de aula, estudantes com ou sem alguma deficiência física, sensorial, dentre outras; o movimento de acessibilidade em museus que vem ao longo dos anos se expandindo pelo Brasil; a criação de metodologias para o ensino das artes plásticas destinado a deficientes visuais; e a publicação de periódicos, a exemplo das revistas “Sentidos” e “Incluir”, que dão a ver as potencialidades desses sujeitos.

Em algumas cidades brasileiras, a exemplo de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Curitiba, já existem Secretarias Municipais específicas, com o propósito de articular e promover políticas públicas destinadas à inclusão de pessoas com deficiência.

Essas iniciativas são o resultado das lutas sociais que atravessaram anos, em prol da inclusão social desses sujeitos. Elas ainda são acanhadas, pois as mudanças exigem não só a transformação dos espaços, do acesso à comunicação, ao lazer, etc, é preciso mudar o imaginário sobre a deficiência, pois, em nosso país, ela ainda está associada à incapacidade. Uma pessoa cega, por exemplo, muitas vezes tem seu potencial de aprendizagem subestimado, pois a maioria da população parece não entender que os cegos não são incapazes, apenas percebem e acessam o conhecimento de maneira diferenciada.

Entretanto, acredito que se houver uma aproximação com pessoas cegas abrir-se-á a possibilidade de reconhecer suas capacidades, talentos e potencialidades, o que permitirá um futuro com adultos menos preconceituosos. Se o mercado começar a perceber esses sujeitos como consumidores, a comunicação em *braille* poderá ser ampliada, pois, numa sociedade capitalista parece que todos devem mostrar seu potencial de consumo para nela se integrarem. Mas, de acordo com Durand, uma mudança profunda do imaginário de uma época não ocorre de imediato, o tempo necessário é estimado em torno de cento e cinqüenta anos:

Uma duração justificada, por um lado, pelo núcleo de três ou quatros gerações que constituem as informações “à boca pequena”, “o ouvir dizer que” familiar entre o avô ou o mais velho e o neto, ou seja numa continuidade de cem a cento e vinte anos à qual acrescenta-se, por um lado, o tempo de institucionalização pedagógica de cinqüenta a sessenta anos, que permite ao imaginário familiar, sob pressão de eventos extrínsecos (a usura da “bacia semântica”, as profundas mudanças políticas, as guerras, etc.), se transforma num imaginário mais coletivo e invadir a sociedade ambiental global. (2004, p. 115 e 116).

Durand usa a metáfora do rio e seus córregos – *bacia semântica* - para dar a ver a concomitância das diferentes tendências políticas, econômicas e sociais de uma mesma época que são influenciadas pelos mitos, teorias científicas, etc. e constituem o imaginário de uma sociedade. O rio principal corresponde ao pensamento dominante que é constantemente influenciado pelas novas ideias representadas pelos córregos secundários. O

encontro dessas águas promove mudanças e permanências, enquanto outros mitos e outras teorias científicas, literárias passam a fazer parte do cotidiano e modificam o imaginário. Tal transformação pode levar anos ou século para se consolidar.

No caso do imaginário sobre a cegueira, o repertório simbólico a ela relacionado, ainda expressa a ideia de incapacidade e justifica a exclusão de pessoas cegas. No entanto após anos de lutas em prol da inclusão social da pessoa com deficiência, nos dias atuais, esse quadro vem aos poucos se modificando.

De acordo com Iara Müller (1999), no Brasil, o crescimento da legislação destinada à melhoria da qualidade de vida desses sujeitos ocorreu a partir de 1981 - Ano Internacional das Pessoas Deficientes. Em nossos dias é possível encontrar um vasto repertório de leis⁷¹ elaboradas e sancionadas nas três esferas governamentais: federal, estadual e municipal, que asseguram o direito à acessibilidade, educação inclusiva, livre acesso ao transporte público, reabilitação profissional e emprego para pessoas com deficiência, dentre outros; entretanto, segundo Muniz, a efetivação das prerrogativas dessa legislação é lenta:

Nós temos uma farta legislação que poderia melhorar muito a nossa qualidade de vida, mas que não melhora porque não sabemos aproveitar, não sabemos utilizar a legislação que temos para a nossa melhoria da qualidade de vida. De quatro em quatro anos temos eleições e todas às vezes se levanta a bandeira dos problemas da pessoa com deficiência e não se faz e quando faz é muito pouco, deixa muito a desejar.

Embora seja lenta a efetivação dessa legislação, ela reflete que esses sujeitos não se acomodam diante da exclusão a que são submetidos. Dizem sim a vida, buscam reverter às dificuldades atuais, criam estratégias, derrubam barreiras, reinventam o cotidiano.

⁷¹ Ver Quadro 2 do Anexo.

Passados três anos da cena da Rua Paissandu percorri um itinerário de descobertas sobre pessoas cegas, por isso finalizo essas páginas com o sentimento de ter dado a ver esses interlocutores que integram o cotidiano do Recife, consciente de que este estudo é apenas uma aproximação sobre o universo da cegueira. É um início, um ponto de partida para pesquisas vindouras que tenham como tema a cegueira, pois, como diz Borges, “o mundo é de fato infinito, o que um indivíduo pode conhecer é uma partícula” (2009, p. 29).

O itinerário desta pesquisa me fez conhecer uma cidade do Recife que é praticada sem o uso da visão, que se revela por meio dos detalhes dispostos em pisos diferentes, do cheiro e do som dos locais, das disformidades dos caminhos (curvas, lombadas, rampas) que aguçam o sentido da cinestesia, pelos oásis e desertos de acessibilidade, pelas instituições que trabalham prestando serviços a pessoas cegas, que as consideram grandes refúgios. Os monstros devoradores são representados pelos enigmas que se inscrevem nas calçadas mal conservadas, na insuficiência de sinais sonoros, nos bueiros abertos, bem como no preconceito, na inacessibilidade nos restaurantes que não dispõem de cardápios em *Braille*; no cinema ou na TV aberta que não oferecem audiodescrição. Mas o Recife, atualmente, alimenta o desejo e a esperança de que esta cidade algum dia se transforme em Tiflo, um lugar onde:

O visitante logo que chega se surpreende com a beleza de seus espelhos d'água. Nascidas em três ilhas que se interligam por meio de pontes. Sua visão panorâmica denuncia um espetáculo que interliga fragmentos de natureza e cultura. Ao caminhar por suas ruas, logo se vê que os cegos da cidade não têm dificuldade por elas transitar. As calçadas são niveladas, não há buracos ou bueiros abertos; o transporte é adaptado para suas necessidades, os sinais de trânsito possuem dispositivos táteis e sonoros que indicam quando se pode atravessar uma rua ou avenida; todas as sessões teatrais e cinematográficas possuem audiodescrição; as livrarias e bibliotecas estão fartas de livros em Braille; os museus preparam exposições acessíveis, possibilitando a comunicação com aqueles que desfrutam da visão e os que

dela são privados; as lojas, sejam de qualquer natureza comercial, em sua entrada, possuem mapas táteis; as roupas comercializadas possuem etiquetas em Braille que indicam: a cor, tipo do tecido, descrição da estampa, o tamanho e o preço; aspecto que se repete em todos os produtos dos supermercados. Os medicamentos possuem bula em Braille, e as cédulas monetárias são distinguidas por detalhes em alto relevo; o mercado de trabalho não faz distinção em contratar um cego ou um normovisual; as escolas e universidades também fazem o mesmo, aplicam um método que contempla a necessidades de ambos. Ao deixar Tiflo o visitante se encanta com o zelo que a cidade dedica aos cegos que nela habitam.⁷²

⁷² Cidade que inventei, inspirada no livro as “Cidades Invisíveis” de Ítalo Calvino.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Paulo Reynaldo Maria. **Valores do Recife**: o valor do solo na evolução da cidade. Recife. Luci Artes Gráficas. 2009.

AMORIM, Célia M. Araújo de; ALVES, Maria Glicélia. **A criança cega vai à escola**: preparando para a alfabetização. São Paulo. Fundação Dorina Nowill para Cegos. 2008.

AMÉRICO, Micheline. **Pernambuco pra todos**. Recife. SEAD. 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**. Informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro. 2002.

_____. **NBR 14724**. Informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro. 2005.

ATLAN, Henri. **Tra il cristallo e il fumo**: saggio sull' organizzazione del vivente. Firenze. Hopefulmonster. 1986.

AUGÉ, Marc. **O sentido dos outros**: atualidade da antropologia. Petrópolis. Vozes. 1999.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo. DIFEL. 1985.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo. Nova Cultural. 1988.

_____. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo. Martins Fontes. 1997.

_____. **A psicanálise do fogo**. São Paulo. Martins Fontes. 1999.

_____. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. 2ª ed. São Paulo. Martins Fontes. 2001.

_____. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. 2ª ed. São Paulo. Martins Fontes. 2001.

BALANDIER, Georges. **A desordem**: elogio ao movimento. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1997.

_____ **O dédalo:** para finalizar o século XX. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1999.

BARBOSA, Lúcia Falcão. **O castelo de alecrim:** intelectuais no Recife, em 21 de abril de 1960. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal de Pernambuco. 2005.

BARTHES, Roland. **A câmara clara:** nota sobre fotografia. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2009.

_____ **Vida líquida.** 2ª ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2009.

BAVCAR, Evgen. **Memória do Brasil.** São Paulo. Cosac & Naify. 2003.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas:** magia e técnica, arte e política. 7ª ed. São Paulo. Brasiliense. 1994. P. 197-221.

_____ **Obras Escolhidas III:** Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo. Brasiliense. 1989.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BEZERRA, Mirthyani. TVs deverão adotar a áudiodescrição até 2011. In **Folha de Pernambuco** em 26 de agosto de 2006.

BONI, Ana Paula. Infanticídio põe em xeque respeito à tradição indígena, **Folha de São Paulo** em 06 de abril de 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u389427.shtml>. acesso em 30/05/2008.

BORGES, Jorge Luís; FERRARI, Osvaldo. **Sobre os sonhos e outros diálogos.** São Paulo. Hedra. 2009.

BORGES, Jorge Luís. **Elogio da sombra.** Volume 2. São Paulo. Globo. 2000.

_____ La ceguera. In **Siete noches.** Madri. Alianza Editorial. 2009. p. 139-158.

_____ **Atlas:** Jorge Luís Borges com Maria Kodama. São Paulo. Companhia das Letras. 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3ª ed. São Paulo. Companhia das Letras. 1994.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Grafia braille para língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial. Brasília. SEESP. 2006.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. 19ª ed. Rio de Janeiro. Ediouro. 2001.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo. Studio Nobel. 2004.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo. Companhia das Letras. 1990.

_____ **As cidades invisíveis**. São Paulo. Companhia das Letras. 1990.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Virado do Avesso**. São Paulo. Selecta Editorial. 2005.

CARVALHO, Clarissa Andrade. **A vida de pessoas cegas em Aracaju**. Tese de Doutorado em Serviço Social. PUC/SP. 2010.

CASTAÑEDA, Carlos. **Uma estranha realidade**. 16ª ed. Rio de Janeiro. Nova Era. 2009.

CASTRO, Josué. **A cidade do Recife**: ensaio de geografia urbana. Rio de Janeiro. Casa do Estudante. 1957.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 16ª ed. Petrópolis. Vozes. 2009.

CHAUÍ, Marilena. Janela da alma espelho do mundo. In NOVAES, Adauto et al. (org.) **O olhar**. São Paulo. Companhia das Letras. 1988.

CHEVALIER, Jean; GREERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 16ª ed. Rio de Janeiro. José Olympio. 2001.

COUTINHO, Marcelo Farias. **Antão, o insone**: estudo sobre as relações dialógicas entre a visão e a cegueira. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco. 2003.

DAWKINS, Richard. **O relojoeiro cego**: a teoria da evolução contra o designo divino. São Paulo. Companhia das Letras. 2001.

DEFENDI, Edson et all. **Perdi a visão... e agora?** São Paulo. Fundação Dorina Nowill para Cegos. 2008.

DEUTNER, Katia. Eles também estão na moda. In **Revista Sentidos**. Ano 8, nº 53. p. 18-21.

HOUAISS DICIONÁRIO ELETRÔNICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Versão 3.0. Rio de Janeiro. Objetiva. 2009

DIDEROT, Denis. Carta sobre os cegos: para uso dos que vêem. In **Coleção os Pensadores**. São Paulo. Abril Cultural. 1979. p. 01-29.

DUARTE, Eduardo. **Sob a luz do projetor imaginário**. Recife. Editora Universitária/UFPE. 2000.

_____ Desejo de cidade: múltiplos tempos, das múltiplas cidades, de uma mesma cidade. In PRYSTON, Angela (org). Espaços **urbanos na comunicação e cultura contemporânea**. Porto Alegre. 2007. p. 100-115.

_____ **O fenômeno antropológico da experiência estética**. Texto mineo. Recife. UFPE. 2008.

_____ **As vertigens estéticas de um campo em configuração**. Texto mineo. Recife. UFPE. 2008.

DUFRENNE, Mikel. **Estética e filosofia**. São Paulo. Perspectiva. 2004.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa. Edições 70. 1993.

_____ **A fé do sapateiro**. Brasília. UNB. 1995.

_____ **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo. Martins Fontes. 1997.

_____ O imaginário, lugar do entre-saberes. In **Campos do imaginário**. Lisboa. Instituto Piaget. 1998. p. 231-244.

_____ **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 3ª ed. Rio de Janeiro. Difel. 2004.

ECO, Humberto (org). **História da beleza**. Rio de Janeiro. Record. 2004.

_____ (org) **História da Feiúra**. Rio de Janeiro. Record. 2007.

FREYRE, Gilberto. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. 5ª ed. São Paulo Global. 2007.

_____. **Assombrações do Recife Velho**: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo. Global. 2008.

FOLHA.COM. **Leia trechos da sabatina de José Saramago à Folha em 2008**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/753137-leia-trechos-da-sabatina-de-jose-saramago-a-folha-em-2008.shtml>. Acesso em 06/011/02010.

FUNKS, Julián. **Histórias de literatura e cegueira**. Rio de Janeiro. Record. 2007.

GAZZANIGA. Michael, et alL. **Neurociência cognitiva**: a biologia da mente. 2ª ed. Porto Alegre. Artmed. 2006.

GELDER, Beatrice de. A estranha visão dos cegos. In **Scientific American Brasil**. Ano 8. p. 63-67 Junho 2010.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. 3ª ed. Rio de janeiro. Bertrand Brasil. 1997.

HARALDSON. Lars. **Contos e lendas dos Vikings**. São Paulo. Companhia das Letras. 2006.

HOFFMANN. Ernst Theodor Amadeus. O Homem de Areia. In CALVINO, Italo. (org) **Contos Fantásticos do século XIX** . São Paulo. Companhia das Letras. 2004. P. 49-81.

HUGO, Vitor. **Do grotesco ao sublime**. São Paulo. Perspectiva. 2007.

_____. **O corcunda de Notre-Dame**. São Paulo. Martin Claret. 2007.

HOIJER, Harry, A hipótese de Sapir-Whorf. Texto traduzido da obra de BLOUNT, B. G. **Lauguage, culture and society**. Cambridge. Wutrop. 1974. p. 120-131.

IABELBERG, Rosa. **O ensino da arte**. Disponível em http://www.projetopresente.com.br/revista/rev6_ensino_arte.pdf. Acesso em 20/11/2010.

KELLER, Helen. **A história da minha vida**. Rio de Janeiro. José Olympo. 2008.

LEITE, Cinthya. Vaidade que vence preconceito. In **Revista JC**. Ano 6, nº 256. Junho 2010. p. 4-6.

LÉVI-STRAUSS. Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo. Companhia das Letras. 1996.

_____ **Mito e significado**. Lisboa. Edições 70. 2007.

_____ **Olhar escutar ler**. São Paulo. Companhia das Letras. 1997.

LIMA, Rogério; FERNANDES, Costa Ronaldo (org). **O imaginário da cidade**. Brasília. UNB. São Paulo. Imprensa Oficial do Estado. 2000.

LIMA, Eliana Cunha et all. **Convivendo com a baixa visão**: da criança à pessoa idosa. São Paulo. Fundação Dorina Nowill para Cegos. 2008.

LUPTON, Hugh. O cego e o caçador in **Histórias de Sabedoria e Encantamento**. Disponível em: <http://www.cegotambemegente.com.br/bondade%20do%20cego.txt>. Acesso em 10/11/2010

MANCZYK, Natália. Yes, we can – deficientes visuais aprendem a fotografar. In **Fotografe Melhor**. Ano 14, nº 158. Novembro 2009. p. 86-90.

MATTOSO, Glauco. Desolado. In **Jornal da Besta Fubana**, em 28 de junho de 2008. Disponível em: <http://www.luizberto.com/?m=200806&paged=2>. Acesso em 10/05/2010.

MARTINEZ-CONDE, Susana; MACKNIK, Stephen. Janelas da Mente. In **Scientific American Brasil**. Ano 6. p. 42-47. Setembro 2007.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte. UFMG. 2006.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo. Palas Athena. 2001.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4ª ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 2006.

_____ **Notas sobre a pós-modernidade**: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro. Atlântica. 2004.

MEDEIROS, Maria Beatriz. **Aisthesis**: estética, educação e comunidades. Chapecó. Argos. 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Perspectiva. 2007.

MONTESQUIEU, Charles de Secondat, Baron de, **O gosto**. São Paulo. Iluminuras. 2005.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido**: a natureza humana. Portugal. Europa-America. 1999.

_____ **O método 4 – as idéias**: habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre. Sulina. 2005.

_____ **O método 5 - a humanidade da humanidade**: a identidade humana. Porto Alegre. Sulina. 2007.

MÜLLER, Iára. **Aconselhamento com pessoas portadoras de deficiência**: experiência de um grupo na comunidade. São Leopoldo. Sinodal. 1999.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. 5ª ed. São Paulo. Martins Fontes. 2008.

NEVILLE, Helen J. Marcos em neurociência cognitiva. In GAZZANIGA, Michael, et all. **Neurociência cognitiva**: a biologia da mente. 2ª ed. Porto Alegre. Artmed. 2006.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. A cidade imaginada ou o imaginário da cidade. In **História, ciências, saúde**. Volume 1. Recife. Maguinhas. Mar-jun/1998. p. 115-123.

_____ **Ariano Suassuna**: o cabreiro tresmalhado. São Paulo. Palas Athena. 2002.

_____ A casa e os devaneios do pertencimento. In LEITÃO, Lúcia; AMORIM, Luiz (org). **A casa nossa de cada dia**. Recife. Editora Universitária/UFPE. 2007.

_____ **Almanaque**: toda a oficina da vida. Recife. Fundação de Cultura Cidade do Recife. 2008.

O'Connor, Anahad. Deficientes visuais podem sonhar com imagens. **The New York Times**, 18 de dezembro de 2008. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI3400851-EI238,00.html>. Acesso em 30/05/2010.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo, UNESP. 1988.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo. Companhia das Letras. 2006.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro. Atlântica Editora. 2005.

PORTO, Eline. **A corporeidade do cego**: novos olhares. Piracicaba. UNIMEP/Memnon. 2005.

PLOTINO. **Tratado das Enéadas**. São Paulo. Polar Editorial. 2000.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo. Companhia das Letras. 2001.

PREFEITURA DO RECIFE. www.recife.pe.gov.br. Acesso em 30/06/2010.

PROVENÇA, Rogério Leite. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas. Editora UNICAMP; Aracaju. Editora UFS. 2004.

QUEIROZ, Marco Antônio. **Sopro no corpo**: vive-se de sonhos. São Carlos. Rima. 2005.

_____. **Percepções de um cego**: imagem e beleza. Disponível em www.bengalalegal.com/maq2.php. acesso em 08/10/2010.

_____. **O belo e o estético não são só visuais**. Disponível em www.bengalalegal.com/obelo.php. Acesso em 10/10/2010.

REVISTA INCLUIR. São Paulo. Nº 03. Ciranda Cultural. Fevereiro/2010.

REVISTA MENTE E CÉREBRO. São Paulo. Ed nº 12. Duetto. Edição Especial.

REZENDE, Antônio Paulo. As múltiplas cidades de Calvino e Freyre. In **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. 5ª ed. São Paulo Global. 2007.

RICOEUR, Paul. Etapa atual do pensamento sobre a intolerância. In Academia Universal das Culturas (Org.). **A Intolerância**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2000.

ROUSSEAU. Jean-Jacques. O belo em ação. In ECO, Humberto (org). **História da beleza**. Rio de Janeiro. Record. 2004.

SACKS, Oliver. **Um antropólogo em marte**. São Paulo. Companhia das Letras. 2006.

_____. **O olhar da mente**. São Paulo. Companhia das Letras. 2010.

SAMPAIO, Priscila; LINDOTE, Isabelle. Aprendendo a ver com a alma. In **Revista Sentidos**. Ano 8, nº 54. p. 22-25

SANTOS, Boaventura Souza. **Um discurso sobre ciência**. Este texto é um versão ampliada da Oração da Sapiência proferida na abertura da aula solene na Universidade de Coimbra. 1985/86.

SANTOS, Lucia Leitão. **Os movimentos desejantes da cidade**: uma investigação sobre processos inconscientes na arquitetura da cidade. Recife. Fundação de Cultura Cidade do Recife. 1998.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo. EDUSP. 2009.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo. Companhia das Letras. 1995.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 7ª ed. Rio de Janeiro. WVA. 2006.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**: filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2001.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In VELHO, Otávio (org). **O fenômeno urbano**. 4ª ed. Rio de Janeiro. Guanabara. 1987. p. 11- 25.

SOUZA, João Edison. **Antropologia Criminal**. Disponível em https://docs.google.com/Doc?id=dc2mpgq8_13g3vq3dc8. Acesso em 12/02/2011.

SUASSUNA. Ariano. **Iniciação a Estética**. 10ª ed. Rio de Janeiro. José Olympio. 2009.

Beto Ugate. **Como os Cegos Sonham**. Disponível em <http://www.bengalalegal.com/comosonham.php>. Acesso 30/05/2010.

VARGAS LLOSA, Mario. **O falador**. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1988.

VIANNA, Hermano. Ternura e atitude blasé na Lisboa de Pessoa e na metrópole de Simmel. In VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia Urbana**:

cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. 2ª ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1999. p. 109-120.

WELLS, Herbert George. Em terra de cego. In CALVINO, Italo (org). **Contos fantásticos do século XIX** . São Paulo. Companhia das Letras. 2004. p. 493-517.

WILKINSON, Philip; PHIPPS, Neil. **Mitologia**: mitos da criação, deuses, heróis, monstros e locais míticos. 2ª ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2009.

WIKIPEDIA. Disponível em <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em 20/03/2010

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In VELHO, Otávio (org). **O fenômeno urbano**. 4ª ed. Rio de Janeiro. Guanabara. 1987. p. 90- 113.

YÁZIGI, Eduardo. **O mundo das calçadas**. São Paulo. Humanitas; Imprensa Oficial do Estado. 2000.

Filmografia

A PESSOA é para o que nasce. Direção Roberto Berliner. TV Zero/ Europa Filmes. 2004. 90 minutos.

A PRIMEIRA vista. Direção Irwin Winkler. Warner. 1998. 120 minutos

A VILA. Direção M. Night Shyamalan. Buena Vista 2004. 120 minutos.

ENSAIO sobre a cegueira. Direção Fernando Meirelles. Fox. 2008. 120 minutos.

INIMIGO meu. Direção Wolfgang Petersen. Fox. 1985. 108 minutos.

JANELA da alma. Direção João Jardim e Walter Carvalho. Europa Filmes. 2002. 73 minutos.

TABELA 1- PERFIL DOS INTERLOCUTORES DE PESQUISA

Nome	Idade	Ocupação	Causa da Deficiente Visual	Idade que teve a visão afetada	Resíduo Visual
Adriano	35 anos	Aposentado	Retinopatia Pigmentar	23 anos	Nenhum
Alexandre	36 anos	Funcionário Público	Glaucoma Congênito	Nascimento	Nenhum
Antônio Muniz	54 anos	Funcionário Público	Catarata Congênita	Nascimento	5% no olho direito
Antônio Sávio	43 anos	Professor Aposentado	Retinopatia Pigmentar	36 anos	Enxerga vulto, diferenciação claro e escuro
Cícero	55 anos	Operador de máquina aposentado	Glaucoma	11 meses de nascido	Nenhum
Ediane	28 anos	Funcionária Pública	Glaucoma	Nascimento	Claro e Escuro
Edson	18 anos	Estudante	Glaucoma	2 anos	Nenhum
Geralda	49 anos	Aposentada	Glaucoma	36 anos	Nenhum
Izabel	42 anos	Não informada	Glaucoma	30 anos	Enxerga vulto
Jamile	29 anos	Advogada	Endoftalmite	4 anos	Nenhum
Lucinéia	36 anos	Funcionária Pública	Atrofia no nervo ótico após cirurgia	Nascimento	Nenhum
Marconi	27 anos	Auxiliar de Câmara Escura	Não informado	2 meses de nascido	Nenhum

Tabela 1
Perfil dos Interlocutores de Pesquisa

Nome	Idade	Ocupação	Causa da Deficiente Visual	Idade que teve a visão afetada	Resíduo Visual
Marluce	54	Professora de História	Retinopatia Pigmentar		10% no olho direito e 5% no esquerdo
Michele	33	Pedagoga	Nasceu prematura	Nascimento	Nenhum
Paulo	53	Cantor	Glaucoma	7 meses de nascido	Nenhum
Rosa	60	Professora	Glaucoma	16 anos	Nenhum
Severino Marques	44	Assistente Social	Deslocamento da Retina	16 anos	Nenhum
Sílvia					Diferencia claro e escuro

TABELA 2 -LEIS E DECRETOS EM FAVOR DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Legislação	Esfera Governamental	Assunto
Lei nº 7.853 de 24 de outubro de 1989	Federal	Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - Corde, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências.
Lei nº 10.754, de 31 de outubro de 2003.	Federal	Altera a Lei nº 8.989, de 24 de fevereiro de 1995 que "dispõe sobre a isenção do Imposto Sobre Produtos Industrializados - IPI, na aquisição de automóveis para utilização no transporte autônomo de passageiros, bem como por pessoas portadoras de deficiência física e aos destinados ao transporte escolar, e dá outras providências" e dá outras providências.
Lei 10 048 de 08/12/2000	Federal	Dá prioridade de atendimento a pessoa com deficiência, idosos, gestantes, lactantes e pessoa com criança no colo.

Tabela 2
Leis e Decretos em Favor da Pessoa com Deficiência

Legislação	Esfera Governamental	Assunto
Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000	Federal	Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.
Portaria Interministerial ms-sedh nº 02, de 21 de novembro de 2003	Federal	Dispõe dos critérios para emissão de laudos para pessoas portadoras de deficiência para obtenção isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) na aquisição de automóveis para utilização no transporte autônomo de passageiros, diretamente ou por intermédio de seu representante legal
Decreto 5296 de 02/12/2004	Federal	Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade.
Lei nº 11.897 de 18 de dezembro de 2000.	Estadual	Concede transporte gratuito às pessoas portadoras de deficiências físicas, sensoriais ou mentais através do Sistema de Transporte Público da Região Metropolitana do Recife
Lei nº 13.857, de 26 de agosto de 2009.	Estadual	Dispõe sobre a obrigatoriedade de reserva e adaptação de lugares para pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida em teatros, salas de cinema, espaços de cultura, casas de espetáculos e shows artísticos estabelecidos no Estado de Pernambuco

Tabela 2
Leis e Decretos em Favor da Pessoa com Deficiência

Legislação	Esfera Governamental	Assunto
LEI N° 16.890/2003	Municipal	Dispõe da normas de construção e manutenção do passeio público – Conhecida como Lei das Calçadas
Decreto n° 20.604 de 20 de agosto de 2004	Municipal	Regulamenta a Lei n°. 16.890, de 11 de agosto de 2003, que altera a seção IV do capítulo II, título IV da Lei 16.292, de 29 de janeiro de 1997 - Lei de Edificações e Instalações na Cidade do Recife-, consolida normas de construção, manutenção e recuperação dos passeios públicos ou calçadas.
Lei n° 17.512 de 29 de dezembro de 2008	Municipal	Dispõe sobre a observância de normas sobre acessibilidade na concessão de habite-se e aceite-se em unidades habitacionais, não-habitacionais ou misto
Lei n° 17.296 de 09 de janeiro de 2007	Municipal	Obriga os hotéis e similares instalados na Cidade do Recife, a colocarem a disposição dos hóspedes portadores de deficiência visual, ficha de entrada, normas do estabelecimento e demais serviços existentes, no método de leitura braile.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**GRAFIA BRAILLE PARA A
LÍNGUA PORTUGUESA**

Aprovada pela portaria nº 2.678 de 24/09/2002

Brasília, 2006

Capítulo I

Sistema Braille

1. O sistema de escrita em relevo conhecido pelo nome de "Braille" é constituído por 63 sinais formados por pontos a partir do conjunto matricial ⠠ (123456). Este conjunto de 6 pontos chama-se, por isso, *sinal fundamental*.

O espaço por ele ocupado, ou por qualquer outro sinal, denomina-se *cela braille* ou *célula braille* e, quando vazio, é também considerado por alguns especialistas como um sinal, passando assim o Sistema a ser composto com 64 sinais.

2. Para facilmente se identificarem e se estabelecer exatamente a sua posição relativa, os pontos são numerados de cima para baixo e da esquerda para a direita. Os três pontos que formam a coluna ou fila vertical esquerda, ⠠, têm os números 1, 2, 3; aos que compõem a coluna ou fila vertical direita, ⠡, cabem os números 4, 5, 6.

Os números dos pontos dos sinais braille escrevem-se consecutivamente, com o sinal de número apenas antes do primeiro ponto de cada cela.

Exemplos:

p (1234) ⠠
ü (1256) ⠠
ê (126) ⠠
o (135) ⠠
â (16) ⠠
g (1245) ⠠
x (1346) ⠠

ô (1456) ⠠
t (2345) ⠠
ã (345) ⠠
õ (246) ⠠
í (34) ⠠
i (24) ⠠

Capítulo II

O Código Braille na Grafia da Língua Portuguesa

A. VALOR DOS SINAIS

8. Os sinais que se empregam na escrita corrente de textos em Língua Portuguesa têm a significação seguinte:

1 – Alfabeto

a	b	c	ç	d	e	f	g	h	i	j	l
⠁	⠃	⠉	⠙	⠑	⠑	⠋	⠒	⠓	⠗	⠚	⠇
m	n	o	p	q	r	s	t	u	v	x	z
⠍	⠎	⠕	⠏	⠑	⠗	⠎	⠞	⠥	⠧	⠭	⠵

Obs.: O c com cedilha é representado pelo sinal ⠉ (12346).

Obs.: As letras k, w e y encontram-se freqüentemente em textos portugueses, embora não pertençam ao alfabeto português.

2 – Letras com diacríticos

Vogais	a	⠁	e	⠑	i	⠗	o	⠕	u	⠥
Acento agudo	á	⠁	é	⠑	í	⠗	ó	⠕	ú	⠥
Acento grave	à	⠁	-	-	-	-	-	-	-	-
Acento circunflexo	â	⠁	ê	⠑	-	-	ô	⠕	-	-
Til	ã	⠁	-	-	-	-	õ	⠕	-	-
Trema	-	-	-	-	-	-	-	-	ü	⠥

3 – Pontuação e Sinais Acessórios

⠠	,	vírgula
⠠	;	ponto-e-vírgula
⠠	:	dois-pontos
⠠	.	ponto; apóstrofo
⠠	?	ponto de interrogação
⠠	!	ponto de exclamação
⠠	...	reticências
⠠	-	hífen ou traço de união
⠠	—	travessão
⠠	•	círculo
⠠ ou ⠠	()	abre e fecha parênteses
⠠ ou ⠠	[]	abre e fecha colchetes
⠠	“ ”	abre e fecha aspas, vírgulas altas ou comas
⠠	« »	abre e fecha aspas angulares
⠠		abre e fecha outras variantes de aspas (aspas simples, por exemplo)
⠠	*	asterisco
⠠	&	e comercial
⠠	/	barra
⠠		barra vertical
⠠	→	seta para a direita
⠠	←	seta para a esquerda
⠠	↔	seta de duplo sentido

4 – Sinais Usados com Números

⠠⠠⠠⠠	€	Euro
⠠⠠	\$	cifrão
⠠⠠⠠	%	por cento
⠠⠠⠠⠠	‰	por mil
⠠⠠⠠	§	parágrafo(s) jurídico(s)
⠠⠠	+	mais
⠠⠠	-	menos
⠠⠠	X	multiplicado por
⠠⠠ : / —		dividido por, traço de fração
⠠⠠	=	igual a
⠠⠠ / —		traço de fração
⠠⠠	>	maior que
⠠⠠	<	menor que
⠠⠠	°	grau(s)
⠠⠠	'	minuto(s)
⠠⠠⠠	''	segundo(s)

5 – Sinais Exclusivos da Escrita Braille

⠠	sinal de maiúscula
⠠⠠	sinal de maiúscula em todas as letras da palavra
⠠⠠⠠	sinal de série de palavras com todas as letras maiúsculas
⠠	sinal de minúscula latina; sinal especial de translineação de expressões matemáticas
⠠	<i>sinal restituidor do significado original de um símbolo braille</i>
⠠	sinal de número
⠠	sinal de expoente ou índice superior
⠠	sinal de índice inferior
⠠	sinal de itálico, negrito ou sublinhado
⠠⠠	sinal de transpaginação

TVs deverão adotar a audiodescrição até 2011

Portaria do Ministério das Comunicações começou a vigorar em julho

MIRTHYANI BEZERRA

As televisões abertas terão até julho do ano que vem para oferecer ao público a audiodescrição, uma ferramenta que vai permitir pessoas com deficiência visual terem a compreensão plena do que é veiculado. A determinação é da portaria 188 do Ministério das Comunicações, que passou a vigorar em julho deste ano. O não cumprimento poderá acarretar para emissora desde uma advertência, inclusive, na perda da concessão. Para discutir a importância desse mecanismo para pessoas com deficiência visual, o Núcleo da Diversidade do Ministério Público de Pernambuco (MPPE) realizou, na tarde de ontem, no Centro Rossini Alves Couto, no bairro da Boa Vista, uma mesa redonda intitulada "Audiodescrição: ferramenta de acessibilidade comunicacional para TV, cinema, teatro, site e museu".

O evento foi realizado em celebração à Semana Nacional da Pessoa com Deficiência, que se iniciou no dia 21 e se estenderá até 28 de agosto. Segundo a promotora de Justiça e Defesa dos Direitos Humanos do MPPE, Judite Borba, a audiodescrição é um tipo de tecnologia assistiva que tem o objetivo de descrever elementos visuais para pessoas com deficiência visual.



Igo Bione

ROBERTO, que tem deficiência visual, diz que recurso vai facilitar a sua vida

Deverá ser transmitida em um canal secundário de áudio, como acontece com a tecla SAP. "No Brasil, segundo o último censo do IBGE, pessoas com deficiência visual constituem 9,8% da população nacional. No Estado, 12,19% dos pernambucanos são pessoas com deficiência visual. É um número expressivo que demonstra a necessidade de se implementar políticas públicas voltadas para essa parcela da população", afirmou.

O servidor do MPPE Roberto Cabral, de 39 anos, tem cegueira total desde a adolescência. Ele assiste televisão,

vai ao cinema. Afirmou, no entanto, que seria muito mais fácil se houver o recurso da audiodescrição. "Geralmente vou ao cinema com uma pessoa para descrever as cenas, mas é muito complicado. Uma vez eu fui ao cinema ver Ghost. A pessoa que me acompanhava descreveu no início, mas depois ficou empolgada com o filme e esqueceu de mim", disse. Ainda de acordo com Roberto Cabral é muito complicado para uma pessoa com deficiência visual captar toda as informações. "Existem várias informações que são passadas visualmen-

te, por isso, se não há a descrição não há como entender plenamente", disse.

LEI

A portaria 188, de março de 2010, foi assinada com a finalidade de implementar outra portaria (310/2006) do Ministério das Comunicações, que havia sido suspensa. Ela previa a implantação do recurso da audiodescrição até junho de 2008, com a sua utilização em, no mínimo, duas horas diárias de programação (o número seria aumentado progressivamente em um prazo de dez anos).



Vaidade

Mulheres cegas enfrentam
passarela para mostrar que
deficiência não rima com descuido

que vence o preconceito